**EXCLUSIVO** OS MARQUETEIROS DE LULA E DILMA FALAM

O Planalto informava João Santana sobre as investigações da PF e Duda Mendonça conta como empreiteiras financiaram eleições no Chile e na Colômbia

Editora ABRIL
edição 2515 - ano 50 - nº 5
1º de fevereiro de 2017

Abril

# veja

www.veja.com

# PROCURADO

## EIKE BATISTA

PROFISSÃO
**EX-BILIONÁRIO**

ACUSAÇÃO
**CORRUPÇÃO**

- Delação-bomba pode ser sua moeda de troca
- Os bastidores da promíscua relação com Sérgio Cabral

banco.bradesco @Bradesco facebook.com/Bradesco
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

Crédito sujeito a aprovação.

Crédito Pessoal.
Para você equilibrar
as contas em 2017.

Pagamento em até 48 meses,
com a primeira parcela em até 60 dias.

Saiba mais em banco.bradesco/credito

Bradesco

JULIA RODRIGUES

**MARKETING_** Marcos de Quinto trouxe ao Brasil o novo visual da Coca-Cola

# LIBERDADE PARA FAZER ESCOLHAS

Líder de marketing da Coca-Cola, Marcos de Quinto esteve no Brasil para apresentar a nova estratégia da marca, que recoloca o foco em seu produto mais tradicional e facilita a experiência do consumidor

**QUESTIONAR MODELOS** tradicionais de marketing, simplificar a comunicação e parar de tentar adivinhar o que está por vir. Essas são as lições tiradas pela Coca-Cola Company nos seus 130 anos de história, segundo o vice-presidente executivo e líder global da marca, o espanhol Marcos de Quinto. "Sempre erramos quando tentamos prever o futuro", disse. O executivo esteve em São Paulo para palestrar no fórum "A revolução do novo", realizado por VEJA e EXAME em parceria com a Coca-Cola Brasil, e lançar no país a nova estratégia da marca, que unifica a identidade visual de todas as versões do principal produto da companhia. "É hora de 'recocalizar' a Coca-Cola", brincou. "Antes, gastávamos muito dinheiro em publicidade para explicar que o conteúdo da lata preta *(ex-Coca-Cola Zero)* era o mesmo que o da vermelha *(Coca-Cola regular)*, só que sem açúcar. Por que complicar?", questionou o executivo. "Agora, teremos uma única marca, com suas variantes."

**"O importante é observar o consumidor. Seus atos falam muito mais que suas palavras"**
MARCOS DE QUINTO

Ao longo dos anos, a empresa buscou se adequar tanto às exigências do consumidor quanto às da época vivida, questionando os modelos de marketing tradicionais. "Do debate, saem muitos *insights*, ideias e parcerias. Discutir esses temas pode fazer diferença para o Brasil e para o mundo", destacou o presidente da Coca-Cola Brasil, Henrique Braun, que também participou do fórum.

De Quinto foi além no questio-

MARIANA PEKIN

**FÓRUM_** "A revolução do novo", de VEJA e EXAME em parceria com a Coca-Cola Brasil, contou com Marcos de Quinto e foi encerrado por Henrique Braun *(ao lado)*, presidente da Coca-Cola Brasil

namento. "Diz-se que precisamos escutar o consumidor, mas ele fala o que considera politicamente correto e não o que realmente quer. O importante é observá-lo. Seus atos falam muito mais que suas palavras". Em 1982, por exemplo, o debate sobre saudabilidade e consumo excessivo de açúcar tomou conta dos consumidores dos Estados Unidos — principal mercado da Coca-Cola —, que passaram a procurar marcas de baixa caloria. Observando esse comportamento é que a empresa chegou à criação da Diet Coke.

As campanhas da Coca-Cola costumam marcar gerações e ditar tendências no mercado publicitário. Elas são conhecidas por fomentar debates importantes sobre questões raciais e sexuais, por exemplo. Como ressaltou Marcos de Quinto, a comunicação empresarial deve tocar as pessoas e trazer novos pontos de vista, como aconteceu nas campanhas *Hey, kid, catch!*, de 1979, e *We choose happiness*, de 2015 *(veja no quadro abaixo)*.

Depois de viver diferentes ciclos e se reinventar ao longo dos anos, a Coca-Cola retoma o tradicional disco vermelho nas embalagens e lança uma nova campanha institucional destacando a importância de o consumidor ter opções de escolha. Com isso, a companhia pretende ampliar o consumo das versões com menos e zero açúcar. A previsão é elevar em 50% a distribuição das três bebidas (Coca-Cola original, Zero Açúcar e com Stevia e 50% menos açúcares) no Brasil até o fim de 2017. A nova estratégia já foi implementada em países como México, que observou um crescimento de 9% na venda das versões com redução de açúcar, e Inglaterra, onde esse aumento foi de 51%.

**IDENTIDADE ÚNICA**

O design das novas latas de Coca-Cola retorna às origens e destaca o tradicional ícone vermelho da marca, criado em 1947

ASSISTA À ENTREVISTA EXCLUSIVA COM MARCOS DE QUINTO

## 130 ANOS DE COCA-COLA

COM O PASSAR DAS DÉCADAS, A MARCA VIVEU DIFERENTES CICLOS DE MARKETING, LEVANTOU BANDEIRAS, EXALTOU CULTURAS E AGORA RETOMA SUA IDENTIDADE ORIGINAL

**1971**

**Hilltop, EUA** Uma das propagandas mais famosas do mundo traz um grupo multicultural no topo de uma montanha na Itália cantando, em unissono, o jingle "I'd Like to Buy the World a Coke"

**1979**

**Hey, kid, catch!, EUA** Uma criança branca interage com o jogador de futebol americano Joe Greene, negro. "A ideia era abordar um novo ponto de vista numa época de segregação racial", disse De Quinto

**2012**

**Acredite na magia, Brasil** Campanha nacional que levou uma grande festa natalina à remota comunidade de Suspiro, em Betânia do Piauí, onde muita gente nunca tinha sequer visto um Papai Noel

**2015**

**We choose happiness, Europa** A comunicação brindava à diversidade ao trazer um casal homoafetivo brincando com o filho e lembrar que ser feliz é mais importante que seguir padrões

**2016**

**Sinta o sabor, mundial** A Coca-Cola simplifica sua comunicação e aposta na liberdade de escolha, aumentando a distribuição de produtos com menos e zero açúcar

# ÍNDICE

veja
EDIÇÃO 2515 | ANO 50 | Nº 5

**40**
Eike Batista; de sétimo mais rico do mundo a foragido da Justiça

**48**
O marqueteiro João Santana; segredos revelados sobre as campanhas presidenciais petistas

**12 Carta ao Leitor**
**15 Entrevista** Eunício Oliveira
**22 Leitor**
**26 Imagem da Semana**
**28 Datas**
**32 Conversa com** Vicente Lenílson
**33 SobeDesce**
**33 A Lista**
**34 Radar**
**38 Veja Essa**

**40 Corrupção** Eike Batista tem a prisão decretada
**48 Lava-Jato** A delação dos marqueteiros de Lula e Dilma
**56 Governo** As irregularidades na prestação de contas da chapa Dilma-Temer
**60 Justiça** A Lava-Jato nas mãos da ministra Cármen Lúcia
**62 Saúde** O AVC da ex-primeira-dama Marisa Letícia
**64 Maílson da Nóbrega**
**66 Página Aberta** Eduardo Oinegue

**68 Estados Unidos** A realidade paralela do presidente Trump
**71** O transtorno da Trump Tower em Nova York
**72 Economia** O tombo nos gastos dos brasileiros no exterior
**73** O governo acerta detalhes para o socorro ao Rio de Janeiro
**74 Gente**
**76 Vida Digital** O discurso do ódio tomou a internet de assalto – e pode sufocá-la
**88 Cinema** *Jackie*, com Natalie Portman
**91** *Quatro Vidas de um Cachorro*, um filme fofinho imerso em controvérsia
**92** *A Qualquer Custo*, com Jeff Bridges e Chris Pine
**94 Memória** Mary Tyler Moore, a primeira heroína emancipada da TV
**95 Música** O sucesso insólito do MC Beijinho
**96 VEJA Recomenda**
**97 Os livros mais vendidos**
**98 J.R. Guzzo**

**76**
A atriz Sophia Abrahão: vítima de linchadores na internet

© BETO BARATA/ESTADÃO CONTEÚDO; EFE/HEDESON ALVES; CHRISTIAN GAUL



Tiragem 973 471 exemplares

PGBBRASIL

Você pode planejar sua viagem de site em site.

**Ou pode planejá-la num site só.**

Consulte mais informações em www.smiles.com.br.

# É MAIS FÁCIL

O site da Smiles não é só um site.
É uma plataforma de viagens. Nele você usa suas milhas para comprar passagens aéreas, reservar um hotel e até alugar um carro.
E se você não tiver milhas, tudo bem.
Você pode comprar com seu cartão de crédito e assim ganhar milhas para suas próximas viagens. Viu só? De um jeito ou de outro, você sempre sai ganhando.

SUAS MILHAS VALEM POR ATÉ 6 ANOS
MAIOR VALIDADE DO MERCADO

Cadastre-se grátis em
**SMILES.COM.BR/EMAISFACIL | BAIXE O APP**

Smiles

É MAIS FÁCIL VIAJAR COM A SMILES.

## CADEIRAS DESEJADAS...

A Câmara dos Deputados escolhe nesta quinta-feira, dia 2, seus novos comandantes para um mandato de dois anos. O atual presidente da Casa, Rodrigo Maia (DEM-RJ), é o mais cotado para vencer a disputa, ainda que sua reeleição tenha sido contestada na Justiça. Especial de VEJA.com detalha como funciona a Mesa Diretora e as atribuições de cada cargo, além das responsabilidades dos chefes do Senado, em que Eunício Oliveira (PMDB-CE) é favorito. abr.ai/eleicao-congresso

## ...MAS NÃO MUITO AFORTUNADAS

Dos últimos onze presidentes da Câmara, só um não esteve nem está na mira da Justiça. Relembre: abr.ai/presidentes-congresso

## SETE (DOS MUITOS) ERROS DE ALCAÇUZ

Erguido há apenas dezoito anos, o presídio de Alcaçuz, no Rio Grande do Norte, é o retrato mais acabado da crise penitenciária no Brasil. Reportagem de VEJA.com descreve seus defeitos e mostra como ele estava fadado ao fracasso desde a sua construção. abr.ai/presidio-rn

JAGUAR F-PACE

# O MELHOR SUV PREMIUM DO ANO TEM MUITO A OFERECER.

JAGUAR

Impossível não se impressionar com o design e a sofisticação do nosso primeiro SUV. Na versão Jaguar F-PACE Prestige, ele apresenta motor 2.0 Turbocharged Diesel, faróis de Xênon com luzes de circulação diurna "J-Blade" em LED, assentos em couro Taurus e teto solar panorâmico. Um veículo que combina potência com muita tecnologia e versatilidade para o seu dia a dia. A alta performance com condições exclusivas para você.

Aproveite para conhecer também os produtos e acessórios diferenciados da Jaguar Collection.

Visite uma concessionária e faça um test drive.

**TAXA DE 0,69%**
COM 60% DE ENTRADA
E SALDO EM 24x
**+ BÔNUS NO SEU SEMINOVO**

- Gerenciamento de tração All Surface Progress Control
- Sistema de vetorização de torque
- Navegação InControl Touch (SD)
- Rodas de liga leve de 18"

**jaguarbrasil.com.br**

/JaguarBrasilOficial /JaguarBrasil /JaguarBrasilOficial

THE ART OF PERFORMANCE

Na cidade somos todos pedestres.

Condição promocional de financiamento válida para o modelo F-PACE 2.0 Prestige a diesel, 180 cv, 0 km, ano/modelo 2016/2016, com preço à vista a partir de R$ 309.700,00, sem pacote de opcionais. Ou através de plano promocional de financiamento com taxa de 0,69% a.m., entrada de R$ 185.820,00 e 24 prestações mensais fixas de R$ 5.823,71. Valor total a prazo de R$ 325.589,40. IOF e TC inclusos no CET. CET de 12,56 % a.a. Base da tarifa de registro SP. Financiamento na modalidade CDC (Crédito Direto ao Consumidor), através da Financeira Alfa S.A. - CFI. Sujeito a análise e aprovação de crédito. Bônus de troca (trade-in) na avaliação do seu veículo seminovo a critério e avaliação da concessionária. Consulte outras versões com taxas promocionais na Rede de Concessionárias. Os serviços financeiros da Jaguar Land Rover são operacionalizados pela Financeira Alfa S.A. - CFI. Jaguar Serviços Financeiros é uma marca registrada da Jaguar Land Rover Ltda. licenciada para a Financeira Alfa S.A. - CFI e suas empresas associadas. Condições válidas de 02/01/2017 a 31/01/2017 ou enquanto durar o estoque de 10 (dez) unidades do referido modelo. SAC 0800-344-2532 (Financeira Alfa especialmente para clientes Jaguar). Ouvidoria: 0800-722-0140 - e-mail: ouvidoria@alfanet.com.br. Exclusivo para deficientes auditivos: SAC 0800-770-5244. Ouvidoria: 0800-770-5140. Para mais informações, consulte a Rede de Concessionárias.

**PRATOS PRONTOS SEARA.**

RECEITAS EXCLUSIVAS E DELICIOSAS,
COM SABOR DE INGREDIENTES FRESQUINHOS.

EXPERIMENTE SEARA.

# A QUALIDADE

VAI TE SURPREENDER.

Seara
Lasanha Integral
à Bolonhesa
Seara
Escondidinho
de Carne Moída
SEM ADIÇÃO DE
CONSERVANTES
WMcCANN SEARA
Imagens ilustrativas

**ACIMA DE QUALQUER PRESSÃO** A Polícia Federal de volta às ruas na semana passada: o combate à corrupção continua

# A LAVA-JATO NÃO PAROU

**A MORTE DO MINISTRO** Teori Zavascki gerou questionamentos sobre o futuro da Lava-Jato. Os fatos, porém, cuidaram de deixar claro que, ao menos no horizonte onde os olhos alcançam, não há motivos para preocupação. O presidente Michel Temer, numa atitude correta, anunciou que só indicará um substituto para a vaga de Teori depois que o Supremo Tribunal Federal (STF) tiver escolhido o novo relator do processo. A decisão, além de evitar o atraso nas investigações, afasta as suspeitas de eventuais tentativas de interferência do governo. Na mesma toada, a ministra Cármen Lúcia, presidente do STF, determinou a continuação das audiências de homologação do acordo de delação da empreiteira Odebrecht, mesmo enquanto não se decide quem será o novo relator do caso. Por fim, na semana passada, em mais uma etapa da operação, a Justiça decretou a prisão de Eike Batista, o ex-sétimo homem mais rico do mundo, e fulminou de vez a biografia do ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, um político que chegou a sonhar com a Presidência da República. São demonstrações do patamar que a Lava-Jato atingiu — um patamar em que não há mais espaço para recuos.

Desde o início da operação, há quase três anos, VEJA dedicou 56 capas à cobertura do caso, que é considerado um dos maiores escândalos de corrupção do planeta. Nesta edição, os repórteres Thiago Bronzatto, da sucursal de Brasília, e Renato Onofre, de São Paulo, trazem outra importante revelação aos leitores: os detalhes das confissões que os marqueteiros das campanhas presidenciais de Lula e Dilma farão à Justiça em troca de redução de pena. As histórias arrastam novos personagens para o centro do escândalo e mostram como as empreiteiras envolvidas no esquema de desvios da Petrobras interferiam clandestinamente inclusive no processo eleitoral de outros países. É mais uma luz que se acende no labirinto que aprisionou as instituições e levou o Brasil à condição de um dos países mais corruptos do mundo. A morte de Teori foi uma grande perda, mas a Lava-Jato segue inabalável. ■



© GABRIEL DE PAIVA/AG. O GLOBO

A volta dos alunos para a escola é só alegria.
Chegam felizes e contentes em encontrar os amigos
para contar as novidades de suas férias
Começam a fazer rodinhas mostrando seus materiais de aula
para uma nova etapa: mochila, cadernos, livros, canetas, etc.
As novidades da Pilot são as canetas BP1-INOX com tinta especial
deslizante nas cores azul, preta e vermelha com exclusiva ponta
de aço inoxidável que não quebra e nem entorta.
E a Pilot BP1-RT que retrai a ponta de aço com um clique na tampa.
Volte às aulas com os mais novos lançamentos da Pilot,
você e seus amigos vão adorar. Afinal, é uma Pilot.

PILOT

MODERNINHA WIFI #1 2016

De 12x R$ 59,90
por 12x
39,90
Total à Vista
R$ 478,80*

moderninha wifi

# A maquininha campeã de vendas de 2016

- Sem aluguel e sem taxa de adesão
- Aceita os principais cartões e é a única com Wifi
- Conexão por chip e Wifi
- Chip e plano de dados inclusos
- Vem com Cartão Pré-Pago grátis
- Não precisa de conta bancária**
- Para pessoa física ou jurídica
- Envio grátis de comprovante de venda por SMS
- Frete grátis

3 ANOS GARANTIA

Moderninha Wifi aceita os principais cartões:

Débito e Crédito | Crédito | Refeição

Peça já a sua, acesse ou ligue:
PAGSEGURO.COM.BR
4003-6624
Atendimento 24 horas, 7 dias por semana.

pagseguro UOL

Moderninha Wifi campeã de vendas do PagSeguro. Consulte condições da garantia em pagseguro.com.br. Bandeiras Amex, Hipercard e Diners são aceitas mediante leitura de tarja. Bandeiras Mastercard®, Visa, Elo, Ticket, Sodexo e VR Benefícios mediante leitura de chip e uso de senha. Verificar bandeiras aceitas em pagseguro.com.br. Para sua Moderninha aceitar cartão refeição ou benefícios, você precisa ser conveniado à Ticket e/ou Sodexo e/ou VR Benefícios. Saiba mais em pagseguro.com.br. Cartão Pré-Pago sujeito às condições de contratação. O Cartão Pré-Pago é grátis apenas para os novos clientes que comprarem a Moderninha Wifi até 31/3/2017. Wifi requer conexão banda larga para funcionar. *Parcelamento do preço da Moderninha Wifi válido apenas para cartão de crédito. Consulte condições em pagseguro.com.br. **Não precisa de conta bancária exceto para transações realizadas com cartão refeição.

# O PODER INVISÍVEL

O virtual presidente do Congresso Nacional diz que não se sente constrangido em assumir o cargo apesar de seu nome constar no rol de investigados da Operação Lava-Jato

**ROBSON BONIN**

**SE TUDO TRANSCORRER** como combinado, Eunício Oliveira (PMDB-CE) será eleito nesta quarta-feira para comandar o Congresso pelos próximos dois anos. O senador é um político que se pode chamar de "tradicional", sucessor de um projeto de poder também tradicional e conhecido. Ele se elegeu deputado federal em 1998 e, desde 2011, ocupa uma das cadeiras do Senado. Nesse período, aproximou-se de dois expoentes do partido, o senador Renan Calheiros e o ex-senador José Sarney. Junto com o também senador Romero Jucá, Eunício, Renan e Sarney são conhecidos como os "caciques do PMDB" — um grupo que, pela capilaridade e influência, tem o condão de ditar para que lado os ventos da política devem soprar. Um grupo que comanda o Congresso há mais de três décadas e esteve associado a todos os governos desde a redemocratização. Nesta entrevista a VEJA, o senador diz que, caso seja eleito, vai ter uma atuação discreta, dedicar-se aos projetos que tratam das reformas econômicas e recuperar a imagem do Parlamento.

**O fato de o senhor ter sido citado por um delator como beneficiário de um esquema de corrupção no Congresso não lhe cria constrangimentos?** Vou dizer com muita tranquilidade:

© CRISTIANO MARIZ

sei o que fiz e sei o que não fiz durante toda a minha vida. Sei o que fiz e o que não fiz também na vida pública. Portanto, estou absolutamente tranquilo, assim como devem ficar tranquilos os meus pares, porque citações sem provas são apenas citações. Estas mãos nunca receberam dinheiro que não fosse correto, honesto, legítimo e tirado do próprio suor do rosto.

**Certa vez o senhor disse que enxergava um certo glamour no cargo de presidente do Senado. O que é esse glamour exatamente?** A palavra adequada, na verdade, não é glamour, mas responsabilidade. É a oportunidade de presidir um dos três poderes da República. Sou um defensor do equilíbrio federativo. Sou democrata, acredito que tudo tem de ser construído com diálogo. Vejo a presidência do Senado como a oportunidade de um garoto, vindo lá de uma cidade pequena do Nordeste, construir pautas que desenvolvam o Brasil, restabeleçam o diálogo com a sociedade e resgatem a imagem do Parlamento.

**Como isso é possível em um país em que políticos mal podem andar nos aeroportos?** Não tenho dúvida de que a classe política está sendo fortemente contestada pela sociedade. Como não vamos abrir mão da democracia no Brasil, o grande desafio é reconstruir as relações do Parlamento com as ruas. O melhor caminho é o diálogo, a busca de entendimento entre os poderes e a busca de sintonia com a sociedade. Isso se constrói com pacto federativo, a partir da redistribuição de recursos e do equilíbrio financeiro entre estados e municípios brasileiros, para que as pessoas reconheçam que o Parlamento está cumprindo seu papel. O país precisa voltar a crescer, adotar uma pauta econômica que destrave o setor produtivo, que desburocratize e modernize a legislação para impulsionar o crescimento.

> "Citações sem provas são apenas citações. Estas mãos nunca receberam dinheiro que não fosse correto, honesto, legítimo e tirado do próprio suor do rosto"

**Se eleito, o senhor vai suceder a Renan Calheiros, seu aliado, que deixa o cargo depois de episódios controversos e acusações de corrupção.** Não quero falar de pessoas. Ele cumpriu um papel como presidente. Agora, cada parlamentar tem o seu estilo de atuar. O meu é fazer as coisas dentro da regra, da discussão, da busca do entendimento e do diálogo. Não tenho nenhuma preocupação de chamar o Poder Executivo ou o Poder Judiciário ao diálogo. Não terei problema de discutir com esses poderes ou com o Ministério Público as matérias que são importantes. Isso não quer dizer subordinação. Os poderes são independentes e harmônicos entre si. Um poder não pode se sobrepor ao outro. Os poderes podem e devem dialogar, e isso é o que vou fazer.

**Qual a opinião do senhor sobre a prisão em segunda instância?** Sou um defensor da Constituição. Não coube ao Congresso deliberar sobre esse assunto. Se a Suprema Corte entendeu que a segunda instância é o melhor momento para se proceder à prisão, não sou eu que vou fazer algum julgamento de valor. Vou me preocupar apenas com temas que estejam na pauta do Senado.

**O senhor pretende levar adiante o projeto de abuso de autoridade, defendido por Renan e considerado uma ameaça à Lava-Jato?** O problema é o momento, a oportunidade da discussão e o diálogo feito nessa discussão. Nas questões polêmicas que envolvam outros poderes, inclusive nessa matéria, vou buscar o diálogo para que se possa construir o entendimento. Ninguém em sã consciência vai defender abuso de autoridade de quem quer que seja.

**Parlamentares envolvidos no petrolão defendem abertamente a aprovação de um projeto que anistie o caixa dois.** Essa matéria não está em pauta no Senado. Quando chegar, e se chegar, vamos analisá-la. Mas penso que não é hora de fazer confrontos ou discussões nesse sentido.

**Antes da Lava-Jato, era possível disputar uma eleição sem recorrer a esquemas de financiamentos ilegais?** Não sei. Era. Acho que sim. Era possível, sim. Eu, por exemplo, não fiz caixa dois. Mas lembro que foi o Congresso que modificou a lei e proibiu doação de empresas privadas. Essa discussão sobre financiamento de campanhas, o tempo é que vai aperfeiçoar. Tem de ser uma questão clara, objetiva e transparente, ninguém tem dúvida. Antes era permitido pela legislação. Então, quem recebeu recurso de empresa privada legitimamente não pode ser acusado agora de ter recebido propina.

**O senhor foi tesoureiro nacional do PMDB durante boa parte do período mais intenso de funcionamento do petrolão. Nunca percebeu que integrantes do seu partido prosperavam financeiramente saqueando os cofres da Petrobras?** A legislação permitia, legitimamente, que qualquer candidato recebesse doações regulares de empresas, depositadas em banco oficial, que era o Banco do Brasil, na conta do partido ou do candidato. Era regra. Não tinha nada de errado na regra. Agora, o que acontecia fora desse sistema não tem como o tesoureiro ou o partido saber. Até porque essa arrecadação era feita pelos próprios candidatos. Tudo o que passou pelo partido passou corretamente.

**Durante a campanha ao governo do Ceará, em 2014, o senhor foi alvo de acusações do PT e teve uma de suas propriedades invadidas pelo MST. Hoje, PMDB e PT estão aliados para elegê-lo...** O Senado tem uma regra. O que o PMDB está fazendo é cumprir a regra. O PT apenas está tendo o direito de exercer a proporcionalidade. O PT não foi banido da Casa. Ele tem participação efetiva proporcional ao tamanho de sua bancada. Isso não significa nada fora do Senado. Não existe negociação ou sinalização em torno de questões que aconteceram com o PT. As disputas políticas nos estados e a disputa política nacional vão permanecer, independentemente da composição feita na Casa.

**O senhor sempre foi um aliado da presidente Dilma Rousseff. No processo de impeachment, porém, o senhor votou pela cassação da petista. O que mudou?** O meu partido era aliado. Como disse, eu respeito a regra e a disciplina de um único partido político, o PMDB. O meu partido era aliado da presidente Dilma. Depois, ela perdeu a condição de governabilidade. Ao perder essa condição, estava na vice-presidência um membro do PMDB. Mas não foi o meu partido que fez o impeachment. O processo foi votado por dois terços da Câmara e dois terços do Senado. Foi o Congresso que, dentro da Constituição, votou o impeachment da presidente Dilma.

**O presidente Michel Temer fez algum pedido ao senhor, caso seja eleito presidente do Senado?** Nesta semana, eu marquei uma audiência com o presidente Michel Temer. Fui comunicar que havia um sentimento dentro da bancada do PMDB em torno do meu nome para a eleição à presidência da Casa. O presidente não pediu nada.

**Como o senhor pretende conduzir a agenda de reformas do governo?** Temos de preservar a Previdência. Vi há poucos dias uma declaração de que a reforma não poderia ser modificada no Congresso. Os poderes são harmônicos e independentes entre si. Tanto na questão da Previdência quanto na discussão trabalhista, é óbvio que vamos dialogar com as entidades de classe e com o governo. Mas, nos dois casos, faremos a reforma possível. Nada entra no Congresso e sai como entrou. Mudar o texto, debater e aperfeiçoar as propostas que serão votadas é próprio dessa Casa.

> "A política empobrece se você a fizer com dignidade. Eu estaria em uma condição muito diferenciada se, como empresário que era, tivesse aproveitado as oportunidades econômicas"

**O senhor estará no comando do Congresso durante o período de eleições presidenciais mais conturbado dos últimos tempos para a classe política. O senhor defende a ideia de que o PMDB tenha candidatura própria à Presidência em 2018?** Não. Sinceramente, é natural que todo partido político almeje ter candidatura própria, mas nós temos alianças importantes, companheiros importantes e, no momento adequado, iremos fazer essa discussão.

**A chapa Dilma-Temer está sob julgamento no TSE. Qual a opinião do senhor sobre a tese de separação de contas?** Não cabe a mim fazer juízo de valor sobre isso. Cabe aos ministros do TSE.

**O senhor é um dos políticos mais ricos do Congresso. A política enriquece?** A política empobrece se você a fizer com dignidade. Eu estaria em uma condição muito diferenciada se, como empresário que era, tivesse aproveitado as oportunidades econômicas de 1998 para cá. A vida pública ficou muito perversa, vulnerável, do ponto de vista de se achar que todos tiram proveito dela. Aqui está falando alguém que nunca tirou proveito da vida pública. Tudo o que ganhei foi com meu trabalho. ■

FOTOS: FABIO RIZZATO/RIOFOTO E ALEXANDRE BATTIBUGLI/ABC

**MENTORIA_** Paula Bellizia, presidente da Microsoft Brasil, orienta equipe da consultoria em gestão Prosperi

# ATALHO PARA O CRESCIMENTO

## EXAME abre novas vagas do programa em que empreendedores discutem com presidentes de grandes empresas os desafios de seus negócios para crescer

**ENCONTROS PRESENCIAIS** entre empreendedores e presidentes de grandes empresas para discutir formas de crescimento e desafios de negócios, que vão de gestão e estratégia a problemas operacionais. Essa é a proposta do programa Mentoria PME, criado por EXAME. Os participantes são os donos ou os principais executivos de empresas de pequeno e médio porte que buscam orientação para solucionar desafios cruciais para o negócio. Eles são individualmente orientados por mentores cujo papel é ajudar a ampliar o repertório de soluções para o negócio. Além da mentoria com presidentes de grandes companhias, os empreendedores participam de palestras, workshops e aulas com professores da escola de negócios Fundação Dom Cabral, parceira do programa, que tem sua segunda edição programada para o primeiro semestre deste ano.

O primeiro Mentoria PME aconteceu entre agosto e dezembro de 2016, em São Paulo, e reuniu 38 empreendedores de 21 empresas. O grupo de mentores contou com dirigentes de negócios de diferentes áreas, como Walter Longo, presidente do Grupo Abril, que publica VEJA e EXAME, Paula Bellizia, CEO da Microsoft Brasil, Mateus Bandeira, presidente da consultoria Falconi, Rômulo Dias, da Cielo, Marcelo Queiroz, da TetraPak, e Walter Schalka, da Suzano Papel e Celulose. Estavam também no grupo Alexandre Costa, fundador da Cacau Show; e Wilson Poit, da Poit Energia; Fábio Barbosa, sócio-conselheiro da Gávea Investimen

**NO CURSO_** À esquerda, Walter Longo, presidente do Grupo Abril *(de preto)*, com Carlos Alberto D'Ávila e Irene da Silva, fundadores da Ellevo. Acima, os 38 empreendedores que participaram do EXAME Mentoria PME assistem a palestras e workshops

tos; e Nildemar Secches, conselheiro da Weg, Ultrapar e Itaú.

Para orientar os empreendedores de forma mais assertiva, os mentores fazem um mergulho nas empresas. Veja o caso da Ellevo, de Santa Catarina. Empresa especializada no desenvolvimento de software para gestão de serviços e processos, ela foi fundada em 2006, em Blumenau, com o objetivo de comercializar um único produto, o software 0800Net. Dez anos depois, seu maior desafio é acelerar o crescimento, com a criação de uma área comercial. "Nunca tivemos uma equipe ativa de vendas", afirma Carlos Alberto D'Ávila, criador do software e sócio da Ellevo, em parceria com a mulher, Irene da Silva. Os empreendedores catarinenses sempre venderam seus serviços por indicação dos clientes, mas isso já não bastava para crescer.

**"Aprendemos muito com o nosso mentor. Criamos uma área de vendas e mudamos o marketing"**
CARLOS ALBERTO D'ÁVILA

"Nosso mentor foi Walter Longo, um especialista em comunicação. Aprendemos muito com ele", diz D'Ávila. Já no primeiro encontro, Longo apresentou um diagnóstico das principais questões a serem enfrentadas pela Ellevo, feito com base no estudo de um relatório sobre a empresa elaborado pela equipe de EXAME. Ao longo de cinco encontros do Mentoria PME, D'Ávila e Irene decidiram pela criação de novos processos na empresa. A Ellevo abriu um programa de seleção para montar sua equipe comercial e contratou uma agência de publicidade para renovar a comunicação de sua marca. "Evoluímos nossa ação na área de marketing", afirma D'Ávila.

Os resultados do programa não demoraram a aparecer. Diz Walter Longo, mentor da Ellevo: "Foi surpreendente a velocidade com que eles, ao decidirem pelas mudanças, evoluíram. As empresas precisam atuar de maneira cada vez mais efêmera para continuar perenes."

Conheça mais sobre a segunda edição do programa EXAME Mentoria PME e veja como se inscrever em **exame.abril.com.br/mentoria/2017**.

# veja

## ÀS SUAS ORDENS

### ASSINATURAS

**Vendas**

**Internet:** www.assineabril.com

**Ligue grátis:** 0800-7752145
**Grande São Paulo:** (11) 3347-2145

De segunda e sexta, das 8h às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) (Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

**Internet:** www.abrilsac.com
**Ligue grátis:** 0800-7752112
**Grande São Paulo:** (11) 5087-2112

De segunda e sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital, acesse www.assineabril.com.br/passoapassodigital

### EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

### LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

**ligue** (11) 3990-1329
(11) 3990-2059
**e-mails:**
atendimentoconteudoabril@abril.com.br
abrilcontent@abril.com.br
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse: www.abrilconteudo.com.br

### PARA ANUNCIAR

**ligue** (11) 3037-4610
**e-mail:** publicidade.veja@abril.com.br

### NA INTERNET

http://www.veja.com

### TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco


EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

**Conselho Editorial:** Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli, Giancarlo Civita e José Roberto Guzzo

**Presidente do Grupo Abril:** Walter Longo

**Diretora Editorial e Publisher da Abril:** Alecsandra Zapparoli
**Diretor de Operações:** Fábio Petrossi Gallo

**Diretor de Assinaturas:** Ricardo Perez
**Diretora da Casa Cor:** Livia Pedreira
**Diretor da GoBox:** Dimas Mietto
**Diretora de Mercado:** Isabel Amorim
**Diretor de Planejamento, Controle e Operações:** Edilson Soares
**Diretora de Serviços de Marketing:** Andrea Abelleira
**Diretor de Tecnologia:** Carlos Sangiorgio

**Diretor de Redação:** André Petry

veja

**Redatores-Chefes:** Fábio Altman, Mauricio Lima, Policarpo Junior e Thaís Oyama

**Editor Executivo:** Diogo Xavier Schelp **Editor Especial:** Daniel Bergamasco **Editores Seniores:** Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Pedro Dias Leite, Rinaldo Gama **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Eduardo Gracioli Teixeira, Filipe Vilicic, Juliana Linhares, Leonardo Coutinho, Marcelo Marthe **Repórteres:** Alexandre Senechal Duarte, Bruno Meier, Bianca Leite Alvarenga, Fernanda Allegretti, Giulia Vidale, Jennifer Ann Thomas, Marcelo Sakate, Mariana Barros, Natalia Cuminale, Natália Luz, Nathalia Watkins Freire, Pieter Aftema Zalis, Renato Onofre de Souza, Sérgio Martins, Talissa de Angilis Azevedo Monteiro, Thais Botelho, Ulisses Campbell **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais:** ***Brasília*** - **Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Rodrigo Rangel **Editor Sênior:** Daniel Pereira **Repórteres:** Gabriel de Andrade Mascarenhas, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin, Thiago Bronzatto ***Rio de Janeiro*** - **Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Thiago Prado **Repórteres:** Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Leslie Leitão, Maria Clara Vieira **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Amanda dos Santos Bolzoni, Andressa Tobita, Gabriel Gama, Leticia Antunes Lancieira **Diretor de Arte:** Rafael Costa **Fotografia - Editora de Fotografia:** Gilda Castral **Coordenador:** Alexandre Reche **Pesquisa:** Ana Paula Galisteu **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Rodrigues **Designers:** André Luis Chagas, Douglas Bressar, Isabel Gontijo Hamdan, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Adriano Pidone, Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial: Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Jô de Melo, Shirley Souza Sodré **Secretários de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Fabiana Pino, Júlio Yamamoto, Mauricio Bevilacqua, Patricia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Revisão:** André Luís Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Denise da Silva Rocha da Costa, Eduardo Perácio, Elvira Gago, Heloisa Brady Arraes, Lygia Roncel de Rodrigues Ferreira, Otacílio Nunes, Rosana Tanus, Sergio Campanella, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Aline Senna Chagas, Eduardo de Morais Motta, Lincoln Franzi Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Albuquerque, Roberta de Donno **Atendimento ao Leitor: Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Mailson da Nóbrega, Reinaldo Azevedo, Roberto Pompeu de Toledo e Vilma Gryzinski **VEJA.COM - Editores:** Daniel Jelin e Katia Perin (chefes), Ione Aguiar, Ivan Marcelo Pacheco, Jose Benedito da Silva, Marcos Rogério Lopes, Maria Carolina Maia, Silvio Nascimento, Silvio Navarro **Editores Assistentes:** Alexandre Lopes de Oliveira, Bruna Fasano, Diego Braga Norte, Rita de Cassia de Goiola **Repórteres:** Daniela Bruno Flor, Daniela Macedo dos Santos, Edgar da Costa Maciel, Eduardo Gonçalves, Felipe Cotrim, Felipe Frazão de Queiroz, Felipe Machado de Souza, Heitor Feitosa dos Santos, Isabella Infantine, João Pedroso de Campos, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Marina Rappa Neves, Meire Akemi Kusumoto, Nicole Fusco, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Webdesigners:** Andre Fuentes, Sidclei Sobral **Sucursais:** ***Brasília*** **Repórteres:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Checadora:** Luisa Costa de Oliveira e Sousa **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Colletes **Serviços Internacionais:** Alcir N da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

**PUBLICIDADE** Andrea Veiga (RJ), Ana Paula Moreno (Moda, Decoração e Construção), Cristiano Pernona (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Selma Souto (Bens de Consumo, Turismo, Entretenimento e Mídia), William Hagopian (Regionais) **ABRIL BRANDED CONTENT** Edward Pimenta **ASSINATURAS** Adailton Granado (Processos e Produção), Daniela Vada (SAC), Luci Silva (Marketing Direto, Relacionamento e Retenção), Marco Tulio Anibe (Estúdio de Criação), Mary Veras (Vendas Corporativas), Rodrigo Chinaglia (e-business), Wilson Paschoal (Vendas de Rede) **MARKETING DE MARCAS** Camila Verde (Casa e Decoração), Carolina Bertelli (Femininas), Carolina Fiorezi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida), Edson Ferrão (Digital), Icaro Freitas (Circulação Avulsas), Kelia Arcoprete (Veja), Leander Moreira (Exame) **MARKETING CORPORATIVO** Mauricio Panfilo (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Portiero (Locações), Thais Rocha (Relação com o Mercado) **DEDOC E ABRILPRESS** Valter Sabino **ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE** Renata Guimarães **DESENVOLVIMENTO DE AUDIÊNCIA** Rodrigo Cavalcanti **PARCERIAS E TENDÊNCIAS** Aitor Lopes **PRODUTO DIGITAL** Renata Gomes **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** Adriana Flávila, Adriana Kazan, Emilene Domingues, Renata Antunes **RECURSOS HUMANOS** Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Serviços de RH), Marcio Nascimento (Remuneração e Benefícios)

REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000.
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA 2515 (ISSN 0100 7122), ano 50/nº 5. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA não admite publicidade redacional

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC | CIPP | APCER | SIP

GRUPO Abril

**Presidente da AbrilPar:** Giancarlo Civita
**Presidente do Grupo Abril:** Walter Longo

**Diretor de Operações:** Fábio Petrossi Gallo
**Diretora Editorial e Publisher da Abril:** Alecsandra Zapparoli
**Diretor Superintendente da Gráfica:** Eduardo Costa
**Diretor Superintendente da Total Express:** Bruno Tortorello
**Diretor Comercial da Total Publicações:** Osmar Lara
**Diretor de Auditoria:** Thomaz Roberto Scott
**Diretora Jurídica:** Mariana Macia
**Diretor Corporativo de Marketing:** Tiago Afonso
**Diretora Corporativa de Recursos Humanos:** Claudia Ribeiro
**Diretora de Relações Corporativas:** Meire Fidelis

www.grupoabril.com.br

# 18 E 19 DE FEVEREIRO

# ESTÁDIO DO CANINDÉ

RUA COMENDADOR NESTOR PESTANA, 33

## VEM AÍ O FESTIVAL CARNAUOL.

SÁBADO 18/02
BANDA EVA part. ANITTA
MATHEUS & KAUAN
ALOK

DOMINGO 19/02
BRUNINHO E DAVI
DURVAL LELYS
ZÉ NETO E CRISTIANO

Saiba mais em: **uol.com.br/carnauolsp**
Compre em: **ingressorapido.com.br** ou **app Ingresso Rápido**

REALIZAÇÃO

PRODUÇÃO

PATROCÍNIO

**MORTE DE TEORI ZAVASCKI**

A morte do ministro do STF Teori Zavascki foi uma tragédia para o Brasil e trouxe desespero para muitos que depositam na Lava-Jato a esperança de ver punidos os chamados crimes "de colarinho-branco" ("Um baque na Lava-Jato", 25 de janeiro). O ministro foi um homem sério, justo, equilibrado e avesso a badalações midiáticas. Conduziu o processo de forma serena e firme, e assim deve ser lembrado. Triste perda para a Justiça, triste perda para o Brasil. Descanse em paz, ministro Teori Zavascki.
Sidney de Oliveira Novaes Jr.
Foz do Iguaçu, PR

A morte de Teori Zavascki não vai conseguir barrar a luta contra a corrupção. A verdade e a justiça prevalecerão para honrar seu trabalho, seu exemplo e sua determinação.
Belmiro Deusdete
Alagoinhas, BA

Para a família, o ministro Teori Zavascki é insubstituível. A capa ficaria irrepreensível e politicamente correta assim: perdem a família, o país, o Judiciário e a Lava-Jato.
Antônio Carlos Duprat Barros
Recife, PE

Que a vereda trilhada com precisão, imparcialidade e coragem irretocáveis por tão virtuoso julgador não se esvaeça, mas seja tomada como parâmetro na busca de um país maior e melhor!
Maria Lydia Rangel Ranzani
São Paulo (SP), via smartphone

**ZEZÉ DI CAMARGO**

O cantor Zezé Di Camargo está coberto de razão na entrevista a VEJA ("Sou real demais", 25 de janeiro). Letras e arranjos iguais são a marca registrada da música sertaneja atual. Faça uma composição que contenha as palavras "sofrer", "chorar", "balada" e "paixão", e pronto. Pode-se dizer que é uma canção de qualquer uma dessas duplas. Em uma coletânea, não se sabe onde termina uma música e onde começa a outra, tamanha a mesmice.
Humberto Beltran
Nova Alvorada do Sul, MS

Gostei da entrevista com Zezé Di Camargo. Ele mostrou ser uma pessoa simples, autêntica, sem meias palavras. Um poeta do povo.
Dario Catunda Sampaio
Por e-mail

## ASSUNTOS MAIS COMENTADOS

Zezé Di Camargo (Entrevista)

A morte de Teori Zavascki (capa)

A farra com o Fies

Conversa com o vereador Pery Cartola

Donald Trump e a democracia

Fiquei indignada com a entrevista com esse senhor. Impressiona seu excesso de autoconfiança, que pode ser confundido com narcisismo. Uma pessoa que, devido à sua condição social, se acha no direito de humilhar os que ganham a vida honestamente "vendendo coxinha" e de diminuir todo o esforço de um pai, dizendo que o que o levou à fama foi seu "dom".
Jaciara Pires da S. e Sousa
Itumbiara, GO

Antevendo a chuva de críticas, e as inúmeras defesas da dignidade do "humilhado" vendedor de coxinhas, saio aqui em defesa do cantor, não por concordar com o que ele diz, mas por entendê-lo. Quando afirma que livrou a ex-mulher "de uma fria", quis dizer que, apesar das traições escancaradas, e da separação, ele não a desamparou financeiramente. Desafio qualquer uma das defensoras do vendedor de coxinhas a responder, com sinceridade, que deixaria a luxuosa vida de madame de Zilu para ficar atrás de um fogão fritando salgadinhos. Menos hipocrisia, por favor!
Priscila Bueno de Camargo
Bragança Paulista, SP

**PERY CARTOLA**

A cartilha com regras de conduta a ser praticadas no Poder Legislativo de São Bernardo do Campo não tem nada de absurdo (Conversa com Pery Cartola, 25 de janeiro). Só que isso é pregar no deserto. O presidente da Câmara poderia ter resumido seu manual em duas palavras: seja civilizado! Afinal, para entender o que está escrito naquela cartilha, o(a) cidadão(ã) precisa ter impreterivelmente se sentado nos bancos da escola. Fica a dúvida sobre quantos o fizeram!
Antonio Batista Correia
Brusque (SC), via tablet

# GANHE ATÉ R$ 18

## PARA COMPRAR REVISTAS ABRIL

O calor da estação também esquentou os descontos nas bancas.
Aproveite e escolha as suas revistas preferidas.

**QUANTO MAIS VOCÊ E SUA FAMÍLIA LEEM, MAIS VOCÊS GANHAM.**

RECORTE

GANHE desconto de R$ 3,00 NA COMPRA DE EXAME

RECORTE

GANHE desconto de R$ 3,00 NA COMPRA DE CLAUDIA

RECORTE

GANHE desconto de R$ 3,00 NA COMPRA DE QUATRO RODAS

RECORTE

GANHE desconto de R$ 3,00 NA COMPRA DE SAÚDE

RECORTE

GANHE desconto de R$ 3,00 NA COMPRA DE BOA FORMA

RECORTE

GANHE desconto de R$ 3,00 NA COMPRA DE vocêsa

Abril

# GANHE ATÉ R$ 18

## PARA COMPRAR REVISTAS ABRIL

Compre outras revistas da Abril e aumente as suas chances de ganhar mais descontos.

## DESTAQUE OS SEUS CUPONS DE DESCONTO

RECORTE

Somente um cupom por exemplar. Oferta válida até 1/3/2017. Promoção válida exclusivamente para bancas de jornais e revistarias. Desconto não cumulativo. Válido em todo o território nacional. Caro jornaleiro, entregue este cupom ao seu distribuidor ou à agência TOTAL Publicações.

990-3614-011657

RECORTE

Somente um cupom por exemplar. Oferta válida até 5/3/2017. Promoção válida exclusivamente para bancas de jornais e revistarias. Desconto não cumulativo. Válido em todo o território nacional. Caro jornaleiro, entregue este cupom ao seu distribuidor ou à agência TOTAL Publicações.

990-3614-011558

RECORTE

Somente um cupom por exemplar. Oferta válida até 25/2/2017. Promoção válida exclusivamente para bancas de jornais e revistarias. Desconto não cumulativo. Válido em todo o território nacional. Caro jornaleiro, entregue este cupom ao seu distribuidor ou à agência TOTAL Publicações.

990-3614-011695

RECORTE

Somente um cupom por exemplar. Oferta válida até 7/4/2017. Promoção válida exclusivamente para bancas de jornais e revistarias. Desconto não cumulativo. Válido em todo o território nacional. Caro jornaleiro, entregue este cupom ao seu distribuidor ou à agência TOTAL Publicações.

990-3614-011718

RECORTE

Somente um cupom por exemplar. Oferta válida até 13/4/2017. Promoção válida exclusivamente para bancas de jornais e revistarias. Desconto não cumulativo. Válido em todo o território nacional. Caro jornaleiro, entregue este cupom ao seu distribuidor ou à agência TOTAL Publicações.

990-3614-011749

RECORTE

Somente um cupom por exemplar. Oferta válida até 22/3/2017. Promoção válida exclusivamente para bancas de jornais e revistarias. Desconto não cumulativo. Válido em todo o território nacional. Caro jornaleiro, entregue este cupom ao seu distribuidor ou à agência TOTAL Publicações.

990-3614-011732

Abril

**NO PODER** Donald Trump: o que mais vem por aí?

## "Trump põe fim ao 'politicamente correto' nos Estados Unidos. E há uma ruptura com o establishment mundial."

Renato Aguiar de Assis, Belo Horizonte, MG

**FIES**

Muito bem-vinda a reportagem "Virou farra" (25 de janeiro), sobre o lado obscuro do Fies. Ver, mais uma vez, a bagunça com os recursos públicos e o descaso com uma boa parte dos estudantes deixa claro que a educação e o progresso do Brasil não são objetivos de algumas instituições.
Anna Caroline Alves
Montes Claros, MG

Triste realidade a de um país no qual sempre se procuram brechas para levar vantagem! É inadmissível que uma universidade cobre mensalidades diferentes de alunos que usam o Fies. Está lesando a bolsa dos contribuintes e colocando os beneficiários do programa em uma situação difícil no futuro.
Leandro Mourthe
Palmas (TO), via tablet

Com relação à reportagem "Virou farra", publicada em 25 de janeiro, a Kroton esclarece: a) o valor da semestralidade de medicina da Uniderp está expresso no contrato assinado por todo aluno. O Fies limita o valor máximo financiado, devendo a diferença ser paga pelos alunos, conforme orientação do MEC/FNDE. Em decisões recursais, a Justiça suspendeu liminares que proibiam a cobrança da diferença; b) todas as bolsas e/ou descontos aos quais os alunos Fies são elegíveis são concedidos aos mesmos, conforme determina a legislação aplicável; c) aproximadamente 80% dos alunos da Kroton não utilizam o Fies, e apenas 3,6% dos alunos ingressantes em julho de 2016 contrataram o programa; d) passamos por auditorias regulares do MEC/FNDE, e toda documentação comprobatória que confere total regularidade de oferta do Fies está disponível.
Rodrigo Galindo
Presidente da Kroton Educacional
São Paulo, SP

**NOTA DA REDAÇÃO:** VEJA mantém as informações que foram publicadas.

**DONALD TRUMP**

O discurso de Trump na posse poderia ter vindo de figuras como Lula, Maduro e outros na vanguarda do atraso político e econômico. Não sei o que a direita está comemorando ("E agora, democracia?", 25 de janeiro).
Ronalde Segabinazzi
Piracicaba, SP

As críticas exacerbadas a Trump, feitas principalmente pelo *status quo* politicamente correto, são muito suspeitas. Começo a pensar que ele não deve ser ruim e que podemos esperar uma grata surpresa.
Ricardo Ferreira
São Paulo, SP

**PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA**

As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação**, VEJA – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP; **Fax**: (11) 3037-5638; e-mail: **veja@abril.com.br**.

Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.
Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

© ANDREW HARNIK/AP

# ESPELHO, ESPELHO MEU

**EXISTE ALGUÉM** mais popular do que **Angela Merkel**? Não na Alemanha, tampouco na Itália e na França, dois dos outros países da Europa que realizarão eleições neste ano. A chanceler alemã, há onze anos no poder, tentará um quarto mandato em setembro. Apesar das críticas que seu governo sofreu no auge da crise dos refugiados, em 2015, e do recente atentado terrorista em Berlim, sua aprovação popular está em espantosos 74%. O árduo desafio de vencê-la recairá sobre o ex-presidente do Parlamento Europeu Martin Schulz, que na terça-feira passada se tornou o candidato do SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha, de centro-esquerda). Com um ou com o outro, a Alemanha estará livre da maré populista. Já na França, as pesquisas indicam a liderança da nacionalista Marine Le Pen para a eleição presidencial de abril, seguida por François Fillon, um conservador de cepa mais tradicional, apesar de também ter adotado o discurso anti-imigração que faz sucesso na Europa e nos Estados Unidos. A esperança dos ponderados reside em Emmanuel Macron, um candidato independente que está quase alcançando Le Pen e Fillon nas pesquisas. O Partido Socialista, que realizou suas primárias nesta semana, corre na lanterna. Na Itália, Matteo Renzi tentará voltar ao cargo de premiê em eleições antecipadas neste semestre e terá como missão barrar o avanço de dois candidatos anti-União Europeia e de um Silvio Berlusconi. Será a Alemanha à prova do feitiço populista que se abateu sobre a Europa? ■

**Diogo Schelp**

© SEAN GALLUP/GETTY IMAGES; **CAPA:** BETO BARATA/ESTADÃO CONTEÚDO, VAGNER ROSARIO, VICTOR MORI YAMA/FOLHAPRESS

**HARUYOSHI ONO** O arquiteto carioca entrou em 1965 como estagiário no escritório do paisagista Roberto Burle Marx, de quem se tornaria seguidor, participando de projetos como a criação dos desenhos das calçadas de Copacabana, nos anos 70
**FORA DA PISTA** O inglês Bernie Ecclestone: afastado da chefia da Fórmula 1 após vender a empresa proprietária da marca

## MORRERAM

**Haruyoshi Ono,** arquiteto carioca, discípulo do paisagista paulista Roberto Burle Marx (1909-1994), ao lado de quem participou de projetos importantes como o do desenho das calçadas de Copacabana. Formado pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ono foi contratado como estagiário pelo escritório de Burle Marx em 1965. Três anos depois, virou sócio dele. Após a morte de seu mentor, tornou-se titular do negócio. Entre outros projetos do escritório constam os jardins do Museu do Amanhã e da Vila dos Atletas, no Rio, uma área de 300 000 metros quadrados do Eixo Monumental, em Brasília, e a revitalização do Parque Kuala Lumpur City Centre, onde estão instaladas as torres gêmeas da Malásia. Dia 22, aos 73 anos, de hemorragia intracraniana, no Rio.

**Butch Trucks,** baterista americano e um dos fundadores da banda de rock Allman Brothers, que ganhou notoriedade na década de 70 ao incorporar à sua música elementos de blues, country e jazz. Da formação original do grupo faziam parte Jai Johanny Johanson, também baterista, os guitarristas Duane Allman e Dickey Betts, o tecladista Gregg Allman e o baixista Berry Oakley. O primeiro álbum da banda saiu em 1969, mas a consagração viria depois, especialmente com o lançamento de *Eat a Peach* (1972) e *Brothers and Sisters* (1973). Trucks nasceu em Jacksonville e começou a tocar bateria na 8ª série. Conheceu os irmãos Allman em uma casa noturna de Daytona Beach. O grupo se desfez no fim dos anos 70. Nas décadas seguintes, apresentou-se ocasionalmente, com formações diversas. Em 1995, o Allman Brothers entrou para o Hall da Fama do Rock and Roll. Trucks suicidou-se com um tiro na cabeça. Dia 24, aos 69 anos, na Flórida.

**Leda Nascimento Brito,** ex-proprietária do *Jornal do Brasil*. Dona Leda, como era conhecida, foi casada com o ex-diretor executivo do periódico, Manoel Francisco Nascimento Brito, que esteve à frente da publicação por 52 anos. Filha da condessa Maurina de Abranches Pereira Carneiro e enteada do conde Ernesto Pereira Carneiro, posicionou-se, junto com o marido, contra a censura durante o regime militar. Dia 25, aos 95 anos, de causa não revelada, em Petrópolis.

## DEMITIDO

do cargo de diretor executivo da Fórmula 1 o inglês **Bernie Ecclestone,** de 86 anos, que havia quatro décadas comandava a mais tradicional categoria do automobilismo mundial. Ele foi o responsável pela transformação de um simples campeonato, gerido até então por donos de garagem, em um negócio bilionário, que só no ano passado atraiu 400 milhões de telespectadores, em mais de 200 países. A virada se deu no fim da década de 70, quando Ecclestone criou a Formula One Constructors' Association (Foca), entidade que defendia os interesses comerciais das equipes. Em 2016, o inglês, casado com a brasileira Fabiana Flosi, teve a sogra sequestrada em São Paulo — ela foi libertada após nove dias em cativeiro. Nesse mesmo ano, Ecclestone negociou a venda da empresa proprietária da marca Fórmula 1, hoje conhecida como FOM (Formula One Management), ao grupo americano Liberty Media, em uma transação avaliada em 8 bilhões de dólares. Ao assumir 100% das ações da FOM, o Liberty apontou o americano Chase Carey como o novo CEO. Dia 23. ■

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTA PAGINA E ASSISTA A UM TRECHO DE SHOW DOS ALLMAN BROTHERS



LUCIANA PREZIA/ESTADÃO CONTEÚDO; YOAN VALAT/EFE

# Das 100 melhores escolas públicas de ensino fundamental do Brasil, 77 são do Ceará.

## Nosso futuro agradece.

Há 10 anos o Governo do Ceará criou o PAIC – Programa de Alfabetização na Idade Certa. Uma iniciativa que revolucionou a educação do estado e inspirou todo o Brasil. Resultado: hoje, das 100 melhores escolas públicas de ensino fundamental do país, 77 são do Ceará. E dentre elas, as 24 primeiras do ranking também são cearenses. Mostramos a todo o país que, com união entre estado, prefeituras, professores, pais, alunos e demais profissionais da educação, investimentos, e uma política pública continuada, que valoriza o aprendizado, sim, é possível um estado do Nordeste estar entre os melhores do Brasil na Educação.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria da Educação*

Fonte: IDEB 2015

VOCÊ NUNCA PROVOU
NADA IGUAL.

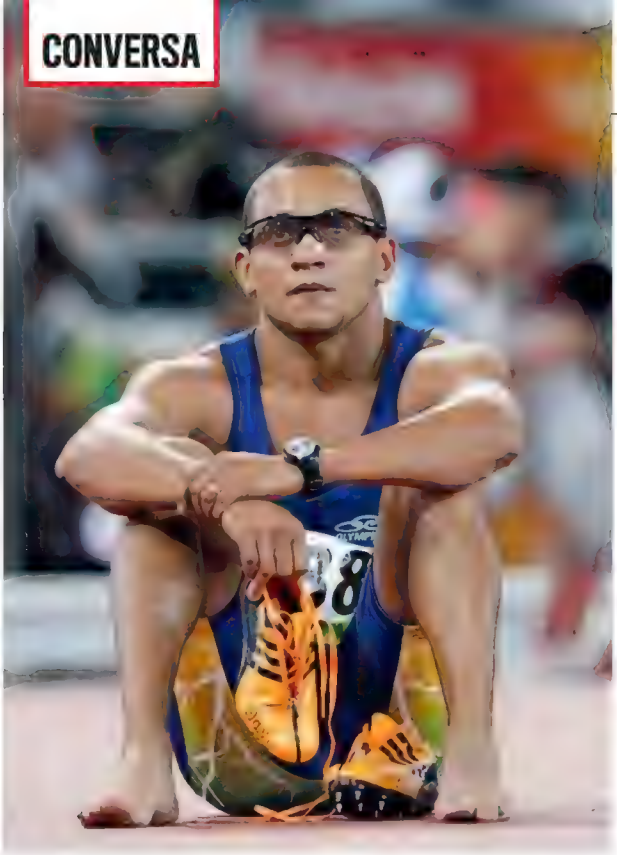
**CHEGOU A NOVA VIGOR MIX.**

Experimente a mais perfeita combinação
entre o sabor e a cremosidade.

vigormix.com.br

VIGOR

VIGOR
Mix
Manteiga
e
Margarina
COM SAL



**PREJUÍZO OLÍMPICO** Lenílson: doping jamaicano lhe custou 1 milhão de reais

# PÓDIO SEM GLÓRIA

Com a desclassificação da Jamaica de Usain Bolt do revezamento 4 x 100 nos Jogos de Pequim 2008, o Brasil ganha o bronze com nove anos de atraso. O atleta Vicente Lenílson não vê consolo nisso

**A recém-anunciada perda da medalha de ouro pelos jamaicanos, por doping, o deixou feliz?** Há um ano eu já sabia dessa possibilidade, tanto no feminino, que foi confirmada antes *(em 2016, a equipe feminina da Rússia foi desclassificada dos Jogos de Pequim; o Brasil, como agora, subiu do quarto para o terceiro lugar)*, quanto no nosso caso. Não dei muita bola para não criar expectativa. Eu sabia que a repercussão por tirar uma medalha do *(tricampeão olímpico)* Bolt seria enorme. Jornais do mundo todo estão me procurando, não para saber sobre a minha conquista, mas sim sobre a perda do Bolt. Para ser sincero, acho que nem vamos receber essas medalhas, quanto mais em uma cerimônia oficial.

**Por quê?** O time feminino não recebeu sua medalha até agora, e faz seis meses que a Rússia foi punida. Será que demora tanto assim? Imagine, então, um caso envolvendo o Bolt. O cara tinha nove medalhas, vai ficar só com oito agora? É claro que, se a medalha vier, eu a receberei com todo o carinho. Mas fico imaginando que coisa linda não teria sido se nós e as meninas tivéssemos recebido essas medalhas no pódio olímpico da Rio 2016, com o Engenhão lotado.

**Dava para desconfiar do time jamaicano?** Competi com o Nesta Carter *(o pivô do caso de doping)* algumas vezes antes de Pequim. Ele era magrinho e chegava 2 metros atrás de mim. Um ano depois, tinha o dobro do tamanho e, brincando, corria abaixo de 10 segundos. Pensei: "Como é possível melhorar tanto? Eu treino pesado e não consigo melhorar meu rendimento assim". Eu não podia falar nada, porque não tinha prova, mas não foi nenhuma surpresa.

**Como sua carreira foi afetada por ganhar a medalha só nove anos depois?** Eu, o Bruno Lins e o José Carlos Moreira teríamos ganho, cada um, 1 milhão de reais do nosso clube na época, a Rede Atletismo. O atleta da Jamaica destruiu o sonho de muita gente. Há atleta daquele time que ainda mora de aluguel. Se tivesse recebido a bonificação, teria outra qualidade de vida.

**Já recorreu ao doping alguma vez?** Com certeza, não. Venho de uma origem correta, meus pais me ensinaram a conquistar as coisas com lealdade.

**E o Bolt?** Também não. Ele é um fenômeno natural, como Michael Phelps e Pelé. ■

**Luiz Felipe Castro**

APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E RELEMBRE A FINAL DO REVEZAMENTO EM PEQUIM 2008



© LUCA BRUNO/AP

# SOBEDESCE

## SOBE

**BEBÊS CHINESES**
No ano seguinte à abolição da política do filho único, a China registrou um aumento de 7,9% no número de nascimentos, a maior alta desde 2000

**CHUVA**
O mês de janeiro nem terminou e já está entre os cinco mais chuvosos da história de São Paulo nos últimos 75 anos – com volume 62% acima da média

***1984***
O livro em que George Orwell descreve um futuro distópico, sob um governo totalitário que inclui um "ministério da verdade", voltou ao topo da lista dos mais vendidos da Amazon americana depois da posse de Donald Trump

## DESCE

**MARKETING PRESIDENCIAL**
Com nuvens ao fundo e Photoshop precário, a foto oficial de Michel Temer foi recebida com vaias generalizadas. Diante das críticas, sua assessoria informou que se tratava de uma imagem "preliminar"

**FRANÇOIS FILLON**
Candidato à Presidência da França, o ex-ministro é investigado por ter empregado sua mulher como funcionária-fantasma, com ganhos de 500 000 euros em oito anos

**PRIMATAS**
Sessenta por cento das espécies de primatas do mundo estão ameaçadas de extinção e mais de 75% têm população declinante, diz estudo publicado na *Science Advances*. Os humanos se mantêm na contramão da tendência

# A LISTA

## 6 MARCHAS DE CARNAVAL PROSCRITAS PELO POLITICAMENTE CORRETO

**1. "SAPATÃO"**
"Maria Sapatão, Sapatão, Sapatão / De dia é Maria, de noite é João"

**2. "NEGA MALUCA"**
"Tava jogando sinuca / Uma nega maluca me apareceu / Vinha com um filho no colo / E dizia pro povo que o filho era meu"

**3. "COR NÃO PEGA"**
"O teu cabelo não nega mulata / Porque és mulata na cor / Mas, como a cor não pega, mulata / Mulata, eu quero o teu amor"

**4. "JAPONÊS É TUDO IGUAL"**
"No Japão é que é bom / Japonês não passa mal / Não há mulher bonita, nem feia / É tudo igual"

**5. "DÁ NELA"**
"Esta mulher há muito tempo me provoca / Dá nela! Dá nela! / É intrigante, tem veneno, e mata a gente / Dá nela! Dá nela!"

**6. "NAS MÃOS DE UM JUDEU"**
"A vida cá em casa está horrível / Ando empenhado nas mãos de um judeu / O meu coração vive amargurado"

**CUNHA** Ele esteve em pelo menos duas reuniões com Temer e a Odebrecht

## COM QUEM ANDAS?

A delação de Benedicto Junior, da Odebrecht, fala de um novo (e incômodo) encontro para Michel Temer. Em 2010, na casa da presidência da Câmara, jantaram Moreira Franco, **Eduardo Cunha**, o delator e o presidente. Assuntos: Caixa Econômica e campanha.

## FIEL ESCUDEIRO

Essa será a quarta delação a citar Michel Temer. Além de Marcelo Odebrecht, Benedicto e Claudio Melo Filho, outro executivo da empreiteira, Márcio Faria, descreve em detalhes um encontro com o presidente. Nessa ocasião, apenas Cunha o acompanhava.

## CONCLUSÃO TARDIA

Ninguém na Odebrecht entendeu a declaração de Moreira Franco em que ele chama a empreiteira de "organização criminosa". Afinal, o filho do ministro, Pedro, trabalhou na empresa por dez anos.

## ELES NÃO APRENDEM

A Odebrecht acaba de registrar na ouvidoria da Transpetro uma tentativa de extorsão. Um fiscal da estatal pediu 300 000 reais para não aplicar uma multa de 2 milhões de reais.

## DESERTO DE NOMES

Já começaram as conversas para a formação de uma chapa PSDB-PMDB em 2018. A presidência será dos tucanos. Nessas reuniões, até Temer reconhece que o PMDB é um "deserto de nomes".

## UNIÃO OU MORTE

Que ninguém espere Alckmin ou Serra fora do PSDB em 2018. A amigos, Aécio Neves vem garantindo a união do partido. "Não é questão de opção, mas de sobrevivência."

## APOIO EXPLÍCITO

Temer fica chateado com as insinuações de que o governo apoia Rodrigo Maia. Mas os exemplos em favor da tese são muitos. Até a agência que cuida da comunicação de Maia, a Propeg, é a mesma do Planalto.

## PROMESSA FEITA

No encontro que tiveram a sós, Jovair Arantes arrancou de Michel Temer a promessa de que o PMDB não vai declarar apoio a Rodrigo Maia na semana que vem. A conferir.

## SINAL VERDE

Antes de embarcar com os dois pés na candidatura de Rodrigo Maia à presidência da Câmara, o PSDB recebeu a indicação de que o STF não vai melar a eleição na Câmara.

## AINDA NO PÁREO

Como a escolha será feita com calma, renasceram as chances de Alexandre de Moraes ser escolhido para a vaga de Teori Zavascki no STF. Dois interlocutores do presidente acham que ele ainda tem muita chance de emplacar.

## DO BILHÃO ÀS DÍVIDAS

Eike Batista, como se sabe, já foi um dos homens mais ricos do mundo. Hoje, sem o seu império e encrencado na Lava-Jato, está devendo dinheiro a alguns de seus ex-colaboradores. Ricardo K, especializado em recuperação de empresas e que prestou serviços ao grupo X, é um deles.



© RODRIGO FÉLIX LEAL/FOLHAPRESS; CRISTIANO MARIZ; CHRISTIAN BALI

MAURICIO LIMA

## SALVO POR UM JANTAR COM TEORI

O deputado Gelson Merisio, presidente da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, poderia estar morto. Ele era passageiro confirmado no voo da Lamia que vitimou os jogadores da Chapecoense, vários jornalistas e causou comoção em todo o planeta. Merisio só não embarcou na aeronave porque o ministro **Teori Zavascki** o chamou para um jantar no dia em que a Chape embarcaria. Filhos de cidades próximas (Teori nasceu em Faxinal dos Guedes e ele, em Xaxim), os dois eram amigos. Depois da queda do avião, Merisio enviou uma camisa da Chapecoense e um bilhete agradecendo a Teori por estar vivo. Quando recebeu a carta, Teori chegou a chorar e contou a história a várias pessoas. Cerca de cinquenta dias depois, numa ironia do destino, o ministro do STF morreu em um acidente aéreo. "É difícil acreditar que ele me salvou e eu, infelizmente, não pude fazer nada por ele", diz Merisio.

## TEM MUITO MAIS

Foi aberto outro flanco de investigação contra Sérgio Cabral: os contratos terceirizados de sua gestão. Arthur Soares, da Facility, foi intimado pelo MP a prestar depoimento. Morador de Miami, veio num dia e voltou no outro. Sua empresa recebeu 2 bilhões de reais do governo em cinco anos.

## DOCE VIDA

Preso na Lava-Jato, o empresário Mariano Marcondes Ferraz está feliz no Rio. Vai com frequência ao Country Club carioca, reduto de endinheirados, para disputar animadas partidas de tênis. Recentemente, chegou com quatro raquetes para jogar. Nem o bilionário Jorge Paulo Lemann, também sócio, aparece com tantos apetrechos.

## QUE PRESENTÃO

A família, aliás, vive ótima fase. A irmã de Mariano, Maria Pia, ganhou um presentaço de Natal. Seu marido, Carlos Augusto Montenegro, do Ibope, a agraciou com uma casa no condomínio Jardim Pernambuco, um dos mais caros do Rio. Um imóvel ali não sai por menos de 7 milhões de reais.

## FÔLEGO EXTRA

Até outro dia, as conversas na Vale giravam em torno de quem substituiria Murilo Ferreira na presidência. Embalado pelo preço do minério, seu nome ganha força para uma prorrogação de mandato, que expira em maio. Os acionistas privados são a favor.

## JOGO DURO

O Esporte Interativo, do grupo Turner, vem conversando com a Record e com o SBT. A ideia é montar uma parceria para tirar da Fox e do SporTV os direitos de transmissão da Libertadores de 2019.

## LEI DO SILÊNCIO

Por exigência contratual da Globo, o apresentador Tiago Leifert não pode conceder entrevistas até o fim do *Big Brother Brasil*.

## ALMA DE FAZENDEIRO

Dono de fazendas de gado em Goiás, o cantor **Zezé Di Camargo** quer plantar soja em Mato Grosso. Ele já está à procura de terras para comprar. ■

**ZEZÉ** O cantor sertanejo está à procura de terras para plantar soja

NOTAS DIÁRIAS EM WWW.VEJA.COM
Com Gabriel Mascarenhas

# NEOGAMA E RENAULT:

# 1º LUGAR DO RANKING DE MARCAS QUE MAIS CHAMAM A ATENÇÃO DO CONSUMIDOR EM CAMPANHAS.

**A Renault, cliente da NEOGAMA desde 2007, conquistou o 1º lugar entre as marcas cujas campanhas mais engajam pela Emoção* no quesito Atenção** e 3º lugar no quesito Motivação, segundo levantamento da Brain Club, publicado no Meio&Mensagem, edição de 23/01

Se a sua marca também precisa conquistar a atenção e o coração das pessoas, fale com a **NEOGAMA.**

**neogama.com.br**

meio&mensagem

# Estudo mostra as marcas que mais engajam pela emoção.

Levantamento da Brain Club, com base no mês de dezembro, mostra as empresas que mais despertaram reações positivas nos consumidores em suas campanhas

**Ranking das empresas que se destacam pela ATENÇÃO dos consumidores:**

1- Renault
2- Caixa
3- Tramontina
4- Santander Van Gogh
5- TIM
6- Casas Bahia
7- Bauducco
8- Ponto Frio
9- Globo
10- MasterCard

* pesquisa feita com 39 filmes publicitários - Dezembro/2016

NEO_
GAMA

# VEJA ESSA

"Acredito que nossa relação com o México será melhor."

**DONALD TRUMP,** presidente dos Estados Unidos, após anunciar a construção de um muro na fronteira com o país vizinho para impedir a entrada de imigrantes – tal como prometera em sua campanha

"Em momentos de crise, o discernimento não funciona. Buscamos um salvador que nos devolva a identidade, nos defenda com muros, com arames farpados, com qualquer coisa, dos outros povos."

**PAPA FRANCISCO,** respondendo no diário espanhol *El País* a uma pergunta, que citava Donald Trump, sobre a atual onda de xenofobia

**"Nós *(no Brasil)* não temos líderes. Tragam um mocinho, por favor."**

**MIGUEL FALABELLA,** ator, diretor e dramaturgo, na *Folha de S.Paulo*

"A pior coisa que tem é cassar colega. Mas o Eduardo *(Cunha)* construiu isso."

**RODRIGO MAIA,** presidente da Câmara Federal (DEM-RJ), com os olhos marejados, conforme noticiou *O Globo*, ao falar diante dos deputados do Rio num encontro destinado a pedir votos para sua reeleição ao cargo

**"Estou aqui para tirar você do aperto."**

**LEMA** do programa para a instalação de um novo modelo de banheiro público – de aço inox e com ar-condicionado – que o prefeito João Doria quer adotar em São Paulo

"Em vez de se fantasiar de gari, de pedreiro, que ele (*João Doria*) entregue mais. Se fantasie menos e entregue mais."

**ROBERT GREENE,** escritor americano, autor do livro *As 48 Leis do Poder* (1998) – citado pelo prefeito de São Paulo em seu discurso de posse –, na BBC Brasil



© ZÉ OTAVIO; C FLANIGAN/GETTY IMAGES

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA A TRECHO DO DEPOIMENTO DE NEYMAR

## "Tudo o que meu pai indica para assinar eu assino."

**NEYMAR,** jogador do Barcelona e da seleção brasileira, ao se defender das acusações de fraude fiscal em depoimento ao juiz José de la Mata, da Promotoria da Espanha, em fevereiro de 2016. O vídeo com a declaração foi divulgado na semana passada pelo jornal espanhol *El Confidencial*. O pai do craque, Neymar da Silva Santos, é quem administra suas finanças

"Maradona é uma panqueca *(gíria argentina para quem muda de opinião a toda hora)*. Estive reunido com ele em São Paulo, e Maradona me dizia que ia respaldar os jogadores, mas agora defende Gianni Infantino *(presidente da Fifa)*."

**JOSÉ LUÍS CHILAVERT,** ex-goleiro-artilheiro paraguaio, reagindo, na ESPN, à notícia de que o ex-camisa 10 da Argentina voltou a se aproximar dos cartolas da entidade máxima do futebol mundial

"A panqueca é ele; o falso é ele. Chilavert que deixe de comer panquecas porque, senão, não vai mais caber na foto."

**DIEGO ARMANDO MARADONA,** no programa *De Fútbol Se Habla Así*, levado ao ar pela DirecTV

"As pessoas me abordam até em avião, onde fico em pânico, rezando o 'Pai-Nosso' e pensando na divisão dos meus bens."

**TATÁ WERNECK,** atriz, em conversa com jornalistas no Rio de Janeiro, depois da exibição do filme *TOC – Transtornada, Obsessiva e Compulsiva*, comédia protagonizada por ela

## "Eu me considero negra."

**PARIS JACKSON,** modelo americana, filha de Michael Jackson (1958-2009), na revista *Rolling Stone* (EUA)

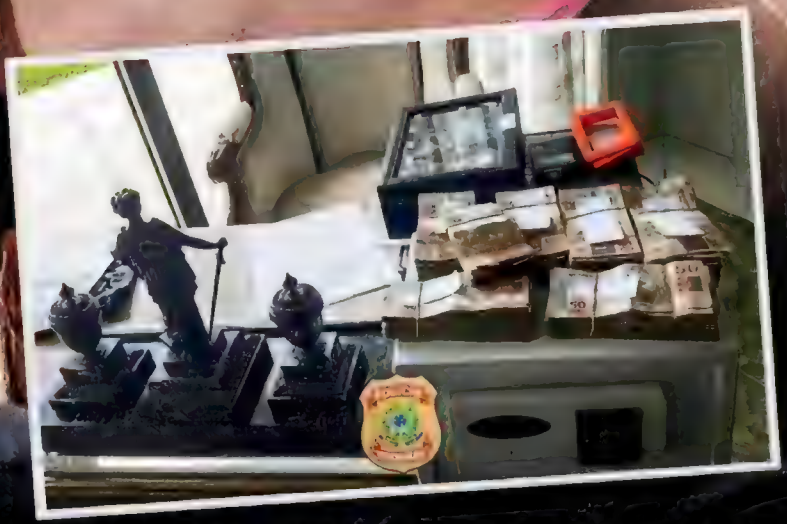
# ACABOU A FARRA

**As histórias do enriquecimento e ambição que uniram o ex-governador Sérgio Cabral e o ex-tesoureiro Carlos Miranda – um preso e o outro foragido**

LESLIE LEITÃO E THIAGO HERCZ

© MARCOS PORTO/AG. O DIA

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM



**X DE XILINDRÓ** Dinheiro apreendido na casa do empresário, no Rio, durante operação da PF

**OS DONOS VIAJARAM** A PF revista a mansão de Eike no Jardim Botânico: ele e a mulher já estavam em Nova York

Eram 22h17 da terça-feira 24 quando o empresário Eike Batista passou pelo guichê da Polícia Federal, no Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro. Carregava uma passagem da American Airlines só de ida, comprada no mesmo dia, e passaporte alemão, graças à dupla cidadania. Acomodou-se em sua poltrona na classe executiva do voo 974 e partiu para Nova York. No dia seguinte, foi a vez de a mulher dele, Flávia Sampaio, fazer o mesmo percurso com o filho do casal, Balder, de 3 anos. Em local não sabido, mas que pode bem ser o apartamento da Trump Tower em que costuma se hospedar, Eike deve ter dado um suspiro de alívio (escapara por pouco do xilindró) e outro de preocupação: aos 60 anos, o homem que chegou a acumular a sétima maior fortuna do mundo tornara-se o 161º brasileiro da lista de fugitivos da Interpol. Até a última sexta-feira, continuava foragido.

Dois dias depois da viagem de Eike (que todo mundo conhece pelo primeiro nome, seja na pronúncia certa — "aike" —, seja na errada, em diferentes versões), três viaturas estacionaram na porta de sua mansão vazia no Jardim Botânico. Vinham munidas de mandado de busca e apreensão e do decreto de sua prisão preventiva assinado duas semanas antes e vazado. Era o longo braço da Lava-Jato enfim encostando no megaempreendedor caído em desgraça que, nos anos em que comandou um conglomerado bilionário, foi unha e carne com o governo, fosse qual fosse — federal, estadual ou municipal.

Nos bastidores da polícia dizia-se que Eike escapuliu para ganhar tempo e tentar negociar algum alívio em sua situação em troca de uma delação-bomba. Embora tenha demorado a cair na rede das investigações, terá muito a contar sobre sua íntima ligação com os poderosos. A relação com o ex-governador Sérgio Cabral unia megalomania e ambição, numa simbiose em que Eike bancava projetos grandiosos e gozava da fama de mecenas do Rio com estímulo e apoio de Cabral, que, por sua vez, usava e abusava dos agrados, dos favores e da mão aberta do amigo bilionário. Na época, o empresário não perdia chance de apregoar aos mais chegados: "Jamais dei dinheiro ao Cabral". Mas deu, sim. A Operação Eficiência, desencadeada na semana passada pela vertente da Lava-Jato no Rio, identificou ao menos um depósito seu de 16,5 milhões de dólares em uma

**EM FAMÍLIA** Maurício e Susana, irmão e ex-mulher de Sérgio Cabral: levados a depor sobre contas pessoais generosamente bancadas pelo propinoduto, alegaram não saber da origem do dinheiro. Prevenidos, dois filhos do ex-governador já contrataram advogado

conta no exterior controlada pela espetacular quadrilha de corrupção comandada pelo ex-governador.

O Ministério Público Federal não revelou quais benefícios Eike obteve em troca da bolada. As maiores suspeitas recaem sobre o Porto do Açu, seu principal negócio com o Palácio Guanabara. Entre outras benesses, o governo estadual lhe vendeu o terreno, avaliado em 1,2 bilhão de reais, por meros 37,5 milhões, removeu moradores em três dias e ainda ajudou a desembaraçar entraves ambientais. O depósito aparece na intrincada rede de doze contas bancárias em sete países alimentadas com as propinas cobradas no governo Cabral, entre 2007 e 2014.

Ao montar a nova operação, o MP descobriu que Cabral acumula dólares no exterior desde que era deputado estadual. Em 2002, pediu ajuda a dois irmãos doleiros, os cariocas Marcelo e Renato Chebar, para acobertar melhor 2 milhões de dólares que mantinha em um banco em Nova York. Apelido da conta: Eficiência — daí o nome da operação. Os Chebar continuariam trabalhando para Cabral pelos quinze anos seguintes, com vários outros doleiros. Era tanto volume de dinheiro que, para dar conta dele, tiveram até de contratar um profissional do Uruguai. Quando o tempo esquentou, os irmãos ofereceram voluntariamente sua delação premiada e municiaram o MPF do Rio com as pistas que resultaram na Operação Eficiência.

Os 100 milhões de dólares (o equivalente a 320 milhões de reais) que a PF encontrou seguindo a trilha dos doleiros dão a Cabral o nada honroso título de maior corrupto isolado da Lava-Jato — o segundo lugar é de Pedro Barusco, ex-gerente da Petrobras, com 97 milhões de dólares. Cabral e sua mulher, a advogada Adriana Ancelmo, estão presos no complexo penitenciário de Gericinó, Zona Norte do Rio, desde novembro, quando outra operação casada com a Lava-Jato, a Calicute, rastreou 224 milhões de reais embolsados pela quadrilha do ex-governador. Como se vê pelas cifras, o propinoduto cabralino não brincava em serviço.

**A polícia acredita que Eike quer negociar uma delação-bomba**

A operação de quinta-feira prendeu quatro operadores do esquema e ordenou

© RICARDO MORAES/REUTERS

**LEMBRANÇAS**
No auge, braços cruzados na letra-símbolo; Luma, a primeira mulher, com a "coleira Eike"; Flávia, a segunda, com o caçula; comemoração de vitória na bolsa

**CÍRCULO DO PODER** Eike em show beneficente, em 2010: com Adriana, Lula, Cabral, o então vice Pezão e Paes

a condução coercitiva para depoimentos da ex-mulher de Cabral, Susana, e seu irmão mais novo, Maurício, ambos incluídos na lista dos beneficiários. Os dois, bem como dois filhos adultos do ex-governador, já constituíram advogado. Mas a cereja do bolo de notificações expedidas pelo juiz Marcelo Bretas foi a frustrada prisão preventiva de Eike Batista, o homem que, por um breve e intenso momento, foi o mais conhecido, o mais paparicado, o mais megalomaníaco e o mais bem conectado empresário do Brasil.

Eike custou a entrar no radar das propinas, mas sabia que era uma questão de tempo. Em maio, foi a Curitiba revelar voluntariamente — em nome do "espírito democrático", disse — que, atendendo a um pedido do ex-ministro da Fazenda Guido Mantega, repassara para o PT o equivalente a 5 milhões de reais. Ainda justificou: como dizer não ao pedido de um ministro? Apostava que a manifestação de boa vontade lhe renderia simpatias no Ministério Público. Após a prisão de Cabral, foi convocado a esclarecer como 1 milhão de reais seus tinham ido parar no escritório de advocacia de Adriana Ancelmo. Esmerou-se em explicações e foi embora achando que tinha se saído muito bem. Não tinha. Os argumentos foram conferidos e constatou-se que eram falsos. A descoberta dos 16,5 milhões de dólares nas contas secretas de Cabral fechou o cerco.

**A relação do bilionário com os poderosos foi longa e profícua**

Filho do ex-ministro de Minas e Energia Eliezer Batista, Eike estudou na Alemanha, onde nasceu sua mãe, mas ficou bilionário no Brasil. Começou na década de 80, investindo na compra e venda de ouro na Amazônia, e, aos 23 anos, amealhou o primeiro milhão de dólares. Muito antes de virar o célebre bilionário dos gestos grandiosos, tornou-se conhecido por se casar com a estonteante Luma de Oliveira, musa dos desfiles de Carnaval — em um, inesquecível, exibiu uma coleira com o nome dele —, com quem teve dois filhos e de quem se separou em 2004.

O magnata começou a nascer no ano seguinte, quando fundou a mineradora MMX — a primeira de suas várias empresas de três letras, sendo uma delas sempre o X, por motivos esotéricos. Bastaram cin-

© JORGE SILVA/AFP; ALBUM DE FAMÍLIA; AG NEWS; FERNANDO CAVALCANTI; JOÃO WAINER/FOLHAPRESS

co anos para que batesse em 100 bilhões de reais o valor de mercado do grupo EBX, um conglomerado com ramificações nos setores de petróleo, energia, logística e reflorestamento, além de incursões por gastronomia, hotelaria e entretenimento. Dois anos depois, estava na lista da revista *Forbes*, com 30 bilhões de dólares. Aí a petroleira OGX jogou a toalha e admitiu que não tinha condições de produzir nada. Várias outras empresas X mostraram que eram feitas de vento. Era Eike em estado puro: o homem das apostas estratosféricas em terreno movediço. E o império submergiu.

Enquanto o reino de fantasia durou, Eike esbanjou luxo e riqueza. Da frota de carros importados constava um Lamborghini que ele mantinha carinhosamente estacionado na sala da sua casa. O brinquedo foi confiscado pela PF na quinta-feira, junto com outros quatro veículos. Voava em dois aviões e dois helicópteros (todos vendidos para saldar dívidas) e navegava em um iate, o *Pink Fleet*, para o qual não achou comprador e que acabou desmantelado. Nos tempos áureos construiu seu relacionamento com governos — a começar pelo do presidente Lula —, obteve empréstimos bilionários de bancos estatais e conquistou trânsito livre nos bastidores do poder. Era enaltecido como o símbolo do Brasil que avançava para uma nova era — e adorava isso.

No Rio, encontrou em Cabral sua alma gêmea em ambição e gosto pelo exagero. Se o governador precisava de capital (e suas necessidades, assim como as da parentada, sabe-se agora, eram gigantescas), recorria ao bilionário, que atendia prontamente. Saiu do talão de cheques de Eike quase metade da cota de 50 milhões de reais que o Rio destinaria à campanha que fez da cidade a sede da Olimpíada 2016. Ele também doou 20 milhões de reais anualmente, por três anos seguidos, para alavancar o projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), vitrine de Cabral. Cada gesto de generosidade alimentava no bilionário o gosto pelos elogios e, por tabela, rendia popularidade ao governador. Ao mesmo tempo, na surdina, o empresário esbanjava favores e comissões "por fora" e recebia de Cabral facilidades e visibilidade. Foi profícuo enquanto durou.

Os dois se conheceram nas eleições de 2006, quando Eike, que começava a articular seu conglomerado no Rio, doou 400000 reais ao PMDB fluminense. Dois anos depois, já eram tão chegados que o governador anunciou a candidatura à prefeitura de seu jovem secretário dos Esportes, Eduardo Paes, a

**ADEUS, FROTA** Mais espaço: o Lamborghini da sala, apreendido em 2015 *(acima)*, voltou a ser confiscado pela Justiça, além de um Porsche mais três carros

bordo do *Pink Fleet*. Perto do segundo turno, quando as dívidas de campanha apertaram, Cabral foi uma noite à casa de Eike pedir dinheiro; o cheque de alguns milhões saiu na hora. O governador foi se desinibindo. Os dois aviões do grupo X ficaram praticamente à sua disposição: foram pelo menos treze viagens entre 2009 e 2011. Cabral ligava pessoalmente para a sede e pedia para "separar o jatinho", o que chegou a irritar Eike. Logo depois de reeleito, em 2010, chamou o amigo empresário para uma conversa. Disse estar preocupado com o futuro dos filhos e a vida incerta na política e sugeriu que Eike lhe financiasse uma espécie de poupança, um "seguro", como definiu. Logo depois, a conta que Cabral escondia no Uruguai receberia os tais 16,5 milhões de dólares.

Eike é hoje uma sombra do que foi. No mercado, onde tinha cada passo monitorado, dizem que está na "fase tarja preta" da vida, e os novos projetos que cultiva lhe renderam o apelido de Mr. Joke (piada, em inglês). São projetos, de fato, extravagantes. E gigantescos, como sempre. Tentou lançar um medicamento sublingual para disfunção erétil — conta que os amigos experimentaram, gostaram, mas a coisa não foi adiante. Planejou sem sucesso vender um tipo de chaminé capaz de absorver a emissão de gás carbônico e, como diz, tornar o mundo *carbon-free*. Centrava suas forças agora na Elysium, uma pasta de dentes "revolucionária" que mira, claro, o mercado mundial. Saudoso dos bons tempos, até recentemente ligava para dar palpite em empresas que havia passado adiante. Quando alguém ainda pede para tirar foto com ele, fica feliz. Se, e quando, voltar ao Brasil, porém, a nostalgia será o menor de seus problemas. Como não completou o curso de engenharia, seu destino provável é dividir uma cela comum com doze presos e pouca iluminação no presídio de Água Santa, na Zona Norte carioca, onde, castigo dos castigos, verá passarem máquina 2 no topete obtido graças a um caríssimo implante capilar. E vamos esquecer que um dia alguém disse que ele era a cara do Brasil que dá certo. ■

**A megalomania da vez é conquistar o mundo com uma pasta de dentes**

**Com reportagem de Maria Clara Vieira e Luisa Bustamante**

© PAULO VITALE. HENRIQUE COELHO G1

# REVELAÇÕES DOS MARQUETEIROS

João Santana e Duda Mendonça, os publicitários do PT, contam os segredos dos anos em que comandaram as campanhas presidenciais de Lula e Dilma Rousseff

**THIAGO BRONZATTO**

VICTOR MORIYAMA/[illegible]HAPRESS; [illegible]

O PLANALTO INFORMAVA JOÃO SANTANA SOBRE AS INVESTIGAÇÕES DA PF O ENCONTRO SECRETO DE MÔNICA E DILMA NO ALVORADA O ACERTO DE 15 MILHÕES COM A ODEBRECHT DILMA A DUDA: "NÃO VOU ESQUECER DE VOCÊ" A INTERFERÊNCIA CLANDESTINA DA OAS NA ELEIÇÃO CHILENA O DINHEIRO SUJO DA ODEBRECHT NA CAMPANHA DA COLÔMBIA O CAIXA DOIS EM SÃO PAULO

# O PLANALTO INFORMAVA JOÃO SANTANA SOBRE AS INVESTIGAÇÕES DA PF

Os marqueteiros João Santana e Duda Mendonça já foram amigos e sócios. Duda elegeu Lula presidente e trabalhou para diversas campanhas do PT até que foi isolado do poder em 2005, quando, no auge do escândalo do mensalão, confessou que recebera caixa dois. A queda de Duda alavancou a carreira de Santana. O aprendiz ocupou o lugar do mestre, transformado em oráculo do marketing no Brasil e no exterior. As investigações da Lava-Jato uniram novamente os dois publicitários, só que numa situação adversa. João Santana foi preso acusado de receber dinheiro ilegal da Odebrecht. Encurralado, passou a negociar uma delação com a Procuradoria-Geral da República. No fim do ano passado, Duda entrou em pânico quando soube que a mesma Odebrecht fecharia um acordo de colaboração. Achava que poderia amargar o mesmo destino de seu antigo aprendiz. O marqueteiro também procurou o Ministério Público. Tanto um como o outro têm muito a revelar. Ambos ajudaram a eleger e reeleger presidentes, governadores, senadores, deputados e prefeitos, de diferentes partidos, em diferentes países. De 2002 a 2014, ambos sustentaram o PT no poder. VEJA teve acesso aos segredos que eles pretendem contar. Em sua proposta de delação, Santana e sua mulher, Mônica Moura, acusam a ex-presidente Dilma de vazar de dentro do Planalto informações sigilosas sobre o andamento da Lava-Jato, enquanto Duda conta, entre outras coisas, como as maiores empreiteiras do país interferiram clandestinamente nas eleições de países como Chile e Colômbia. ■

Dilma Rousseff é investigada pela Procuradoria-Geral da República por tentar atrapalhar a Operação Lava-Jato. João Santana promete entregar a prova definitiva de que isso realmente ocorreu. No fim de 2015, o marqueteiro e sua mulher, Mônica Moura, estavam fora do Brasil quando receberam uma notícia assustadora. Por meio de uma mensagem, localizada dentro de um e-mail cifrado, o casal foi avisado de que seria preso. Naquele momento, a Polícia Federal e o Ministério Público tinham os detalhes das movimentações financeiras das contas secretas do publicitário, enviadas pelas autoridades suíças, e já monitoravam as suas linhas telefônicas. Os investigadores também haviam encontrado um manuscrito na casa de um lobista que indicava o repasse de dinheiro da Odebrecht para empresas controladas pelo marqueteiro no exterior. Dilma ainda era presidente, e a revelação de que sua campanha havia sido financiada com dinheiro ilegal de uma das empreiteiras do petrolão poderia apeá-la do poder. Até aquele momento, nenhuma investigação da Lava-Jato chegara tão perto do coração do governo. João Santana e sua esposa, por sua vez, temiam o pior. E o pior veio em fevereiro de 2016, mas o casal estava preparado. A mensagem eletrônica que informava que eles estavam prestes a ir parar atrás das grades partiu do Planalto, por intermédio da então presidente da República, Dilma Rousseff. Essa revelação foi feita por João Santana aos procuradores do grupo de trabalho da Lava-Jato, em sua proposta de delação premiada. À época do suposto vazamento, o Ministério da Justiça, ao qual a Polícia Federal é subordinada, era comandado por José Eduardo Cardozo, aliado e advogado de Dilma. Cardozo já havia sido acusado pelo ex-líder do governo no Senado, Delcídio do Amaral, de repassar informações privilegiadas sobre a Lava-Jato para alguns investigados. "Ventos frios sopram de Curitiba" era a senha que ele usava para avisar que novas operações e prisões ocorreriam. Agora, descobre-se que o esquema de vazamentos era maior e mais sofisticado – e, se comprovado, também criminoso, como se verá a seguir.

© AFP PHOTO/ANDRESSA ANHOLETE; PAULO LISBOA/BRAZIL PHOTO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

# O ENCONTRO SECRETO NO PALÁCIO DA ALVORADA

O endereço do e-mail cifrado utilizado para vazar clandestinamente informações da Lava-Jato foi criado na presença de Dilma Rousseff e dentro do Palácio da Alvorada, residência oficial da Presidência da República. Um dos capítulos da delação do casal trata especificamente de uma reunião ocorrida em Brasília, onde o esquema de vazamento foi combinado. Segundo Mônica Moura, já no ápice da Lava-Jato, ela foi convidada para um encontro secreto com Dilma. A presidente estava preocupada com o avanço das investigações, principalmente a parte que envolvia João Santana. As autoridades se aproximavam perigosamente de um dos mais bem guardados segredos do PT. O Departamento de Recuperação de Ativos e Cooperação Jurídica Internacional (DRCI), do Ministério da Justiça, já havia recebido informações sobre a movimentação financeira das empresas offshore que João Santana e a esposa mantinham em paraísos fiscais. Ficou combinado que a presidente se encarregaria de avisar o casal sobre o desenrolar da investigação em Curitiba.

Para pôr o plano em prática, de maneira segura e sem deixar rastros, foi criado, dentro da biblioteca do Alvorada, um e-mail com uma senha compartilhada entre Dilma, Mônica Moura e o marqueteiro. Ficou acordado que somente os três teriam acesso ao endereço eletrônico. Para evitar interceptações, as mensagens não eram enviadas, ficavam arquivadas numa área restrita da caixa de e-mails. Para provar o que diz, o casal se comprometeu a entregar a cópia de uma dessas mensagens cifradas fazendo referência à investigação da Lava-Jato e um depoimento de uma testemunha que acompanhou Mônica ao Palácio, entre outras evidências. Em conversa com os procuradores, o marqueteiro João Santana disse que não sabe se foi a ex-presidente quem redigiu o alerta de prisão, mas confirma que o aviso foi redigido pelo Planalto, por Dilma ou por um assessor de confiança da presidente. Procurada, Dilma não foi localizada.

# A INTERFERÊNCIA CLANDESTINA NA ELEIÇÃO CHILENA

Ao mesmo tempo que o PT tentava fortalecer a aliança com políticos da América Latina, ampliando o seu raio de influência, as empreiteiras envolvidas no petrolão expandiam os seus negócios nos países vizinhos. Duda pegou carona nessa investida simbiótica. Em 2013, o marqueteiro foi indicado pelo PT e pela construtora OAS para coordenar a campanha presidencial de Marco Enríquez-Ominami no Chile. A empreiteira bancou despesas da campanha do candidato mesmo sabendo que as chances dele eram remotas. Por quê? Um investimento futuro, de acordo com Duda Mendonça. Marco Ominami era considerado um político promissor. A construtora, inclusive, pôs à disposição de Ominami uma aeronave que realizou uma viagem de Santiago para São Paulo, onde foi feita uma sessão de fotos com a equipe de Duda, responsável pela estratégia de marketing. O publicitário relata que a OAS também financiou a campanha da candidata Michelle Bachelet, eleita presidente do Chile. O depoimento que Duda pretende dar ao Ministério Público une pontos importantes da investigação. Mensagens descobertas pela polícia já revelaram que, em novembro de 2013, às vésperas da eleição, Léo Pinheiro, presidente da construtora, acertou detalhes de uma viagem de Lula ao Chile. "O Brahma quer fazer palestra dia 24/25 ou 26/11 em Santiago", escreveu Léo Pinheiro. "O avião é por nossa conta", respondeu o diretor da área internacional da OAS, Augusto César Uzeda. "Brahma" era como a empreiteira tratava o ex-presidente. Em novembro de 2013, Lula viajou para Santiago num jato fretado pela OAS, deu uma palestra paga pela OAS e se encontrou com Michelle Bachelet. No mês seguinte, um consórcio integrado pela empreiteira venceu uma licitação no país. As pesquisas apontam Marco Enriquez-Ominami como favorito para suceder a Michelle Bachelet nas próximas eleições, marcadas para o fim do ano.

© MARTIN BERNETTI/AFP; JOHN VIZCAINO/REUTERS; REUTERS/RODOLFO BUHRER

# O DINHEIRO SUJO NA CAMPANHA DA COLÔMBIA

O projeto de expansão do PT e das maiores empreiteiras brasileiras pela América Latina continuou a todo o vapor em 2014. Naquele ano, antes das eleições no Brasil, um executivo da Odebrecht em São Paulo procurou Duda Mendonça para informar que o candidato Óscar Zuluaga, afiançado pelo então presidente Álvaro Uribe na Colômbia, tinha interesse em contratar os serviços do marqueteiro. O publicitário conta que chegou a se reunir em São Paulo com David Zuluaga, filho do candidato colombiano, e com um diretor da construtora brasileira. Após esse encontro, Duda fez uma proposta de 4,3 milhões de dólares para fechar contrato, mas o valor foi considerado elevado pelo comitê de Óscar Zuluaga. A Odebrecht, então, entrou na jogada e se ofereceu para custear as despesas da campanha com o marqueteiro por meio de depósitos em contas bancárias no exterior. O negócio foi fechado. Zuluaga perdeu no segundo turno para o seu rival Juan Manuel Santos. Ao término da campanha, segundo Duda, a empreiteira transferiu apenas 1,6 milhão de dólares para uma de suas contas no exterior. No fim do ano passado, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos informou que funcionários do governo de Uribe receberam 11 milhões de dólares em propinas pagas pela Odebrecht. O governo colombiano cogita expulsar a empreiteira do país.

# O ACERTO DE 15 MILHÕES COM A ODEBRECHT

Há um capítulo nos relatos de Duda Mendonça que pode explicar a gênese da supremacia da Odebrecht nos governos petistas. Nas eleições municipais em 2004, Duda Mendonça trabalhou para os candidatos petistas Marta Suplicy, em São Paulo, Fernando Pimentel, em Belo Horizonte, João Paulo, no Recife, e Angelo Vanhoni, em Curitiba. Essas campanhas deixaram uma dívida de 15 milhões de reais com o publicitário. Ao cobrar a fatura de Delúbio Soares, o tesoureiro do partido, Duda foi orientado a procurar o então ministro Antonio Palocci. O encontro aconteceu em Brasília. Palocci disse que o marqueteiro deveria acertar as contas com o empresário Emílio Odebrecht. Duda, então, reuniu-se com o dono da empreiteira e passou o recado do ministro da Fazenda. Ainda segundo seu relato, Emílio disse que toparia pagar a dívida desde que Palocci fizesse esse pedido pessoalmente. Emílio e Palocci se encontraram depois num hangar do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, e acertaram que a Odebrecht quitaria o débito numa conta no exterior. Palocci nega a acusação.

# DILMA A DUDA: "NÃO VOU ESQUECER DE VOCÊ"

De acordo com Duda Mendonça, a presidente Dilma Rousseff tinha conhecimento de como o PT fazia para liquidar as suas dívidas de campanha – ou seja, na base da "canetada". Em 2010, o marqueteiro prestou serviços para as campanhas de Hélio Costa, candidato pela chapa PMDB-PT ao governo de Minas Gerais, e do petista Fernando Pimentel, para o Senado. Após a derrota dos dois nas urnas, o marqueteiro cobrou uma dívida de 6 milhões de reais, o equivalente à metade do custo total das campanhas dos dois candidatos. Aflito, Duda insistiu com Pimentel para que fosse saldada a fatura em aberto. Na ocasião, o petista disse para o marqueteiro que não tinha como quitar os 6 milhões de reais e que, numa eventual vitória de Dilma Rousseff no segundo turno da eleição presidencial, a pendência financeira certamente seria resolvida. Conhecedor e parceiro de longa data dos mecanismos heterodoxos que o PT usava para financiar suas dívidas de campanha, o marqueteiro conta que tentou receber logo depois de terminado o pleito. Insistiu tanto para receber o dinheiro de Fernando Pimentel que o petista colocou Dilma Rousseff ao telefone para resolver a questão. Segundo o relato de Duda Mendonça, a então candidata a presidente disse: "Duda, eu ainda não tenho a caneta na mão, mas quando eu tiver não vou esquecer de você". No capítulo que trata desse assunto, os advogados de Duda fazem uma ressalva curiosa: a dívida jamais foi paga – e, estranhamente, também não foi cobrada. Pimentel nega a acusação.

SILVIA COSTANTI/VALOR; RICARDO [illegible] CONTEÚDO: EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

# O CAIXA DOIS DO PMDB EM SÃO PAULO

O caixa dois da Odebrecht não abasteceu somente as campanhas do PT e de seus aliados na América Latina, mas também o PMDB em São Paulo. Nas eleições em 2014, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, convidou Duda Mendonça para coordenar a sua campanha pelo PMDB para o governo de São Paulo. O marqueteiro conta que, ao longo da disputa eleitoral, foi informado por Skaf de que havia uma pressão do PMDB, especialmente do atual líder do partido na Câmara, Baleia Rossi, para que fosse contratada uma empresa do irmão do parlamentar, o empresário Paulo Luciano Tenuto Rossi, conhecido como Palu. Depois de discordar, Duda acabou topando dividir espaço com a produtora Ilha Produções, de Palu. De acordo com o publicitário, a Odebrecht assumiu o compromisso de pagar 10 milhões de reais em caixa dois para a campanha de Skaf. Desse valor, 4 milhões seriam destinados à Ilha Produções, cujo dono deveria retirar o dinheiro num hotel em São Paulo mediante a apresentação de uma senha, e 6 milhões a Duda. Essa grana referente aos serviços prestados pelo marqueteiro foi negociada pelo presidente Michel Temer e pelo ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha, com o empreiteiro Marcelo Odebrecht, num jantar no Palácio do Jaburu, em maio de 2014, segundo o delator Claudio Melo Filho, lobista da empreiteira em Brasília. Skaf e Palu negam que tenham recebido caixa dois.

# OS "CLIENTES" DA EMPREITEIRA

A Odebrecht bancou, por fora, outras três campanhas políticas coordenadas por Duda. Em 2010, o marqueteiro ajudou o petista Lindbergh Farias a se eleger para o Senado. O relato do publicitário confirma a revelação feita na delação do diretor da Odebrecht Leandro Andrade – que admitiu que a construtora desembolsou 2,5 milhões de reais para bancar as despesas de Lindbergh com Duda em 2010. Esses recursos saíram do departamento de propinas da empreiteira, que irrigou outras campanhas país afora. Em 2014, Duda foi convidado para coordenar a campanha de Sandoval Cardoso ao governo do Tocantins e de Eduardo Gomes para o Senado. O marqueteiro combinou que receberia 13 milhões de reais. Em 2015, as dívidas de caixa dois das campanhas do Tocantins, de São Paulo e da Colômbia somavam quase 20 milhões de reais. Para liquidar com essa fatura, a Odebrecht assinou com Duda um contrato fictício de prestação de consultoria de gestão de crise e arquitetou uma transação imobiliária com a DAG Construtora, sua parceira de negócios escusos, que "comprou" um terreno do marqueteiro no sul da Bahia. Sandoval e Gomes negam a acusação.

**Com reportagem de Renato Onofre**

**NA PAREDE**
Temer: depois de cinco meses de governo, o presidente finalmente posou para a foto oficial

# A CHAPA ESTÁ ESQUENTANDO

Novas evidências ampliam o rol de irregularidades na prestação de contas da campanha de Dilma-Temer, e a cassação deixa de ser mera possibilidade jurídica **DANIEL PEREIRA**

**O PROCESSO** que pode levar à cassação do mandato do presidente Michel Temer já tem 15 000 páginas e reuniu um conjunto de evidências que não deixam margem a qualquer dúvida: dinheiro sujo, oriundo de múltiplos esquemas de corrupção, foi usado para reeleger Dilma Rousseff. Parte dessas transações já foi amplamente mapeada pela Lava-Jato. A outra parte vai complicar a situação do peemedebista no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que julgará uma ação que pede a cassação da chapa vitoriosa na última sucessão presidencial. O relator do caso, ministro Herman Benjamin, decidiu requerer ao Supremo Tribunal Federal (STF) cópias dos depoimentos dos executivos da Odebrecht tão logo suas delações sejam homologadas. Pelo que já foi revelado, sabe-se que a empreiteira, além de comprometer Dilma e os petistas, relatou ter feito doações clandestinas ao PMDB, a pedido de Temer. Os dois partidos, portanto, teriam se beneficiado fraternalmente do mesmo dinheiro ilegal, alcançado os mesmos benefícios e praticado os mesmos crimes eleitorais.

O conjunto das evidências de irregularidades ganhou um potente anexo na semana passada. Em relatório encaminhado ao TSE, a Polícia Federal disse que parte dos valores desembolsados a gráficas pela chapa formada por Dilma e Temer não resultou na prestação de nenhum tipo de serviço. O dinheiro teria sido desviado para pessoas físicas e jurídicas "em benefício próprio ou de terceiros". Uma das gráficas investigadas pela PF foi a Focal Confecção e Comunicação, que recebeu 24 milhões de reais durante a campanha. Localizada em São Bernardo do Campo (SP), a Focal pertence, na prática, a Carlos Cortegoso, conhecido como "o garçom de Lula" e amigo de longa data do ex-presidente da República. As digitais do PT de Dilma estão espalhadas por todos os cantos do processo. As do PMDB de Temer começam a aparecer em maior escala.

**O PMDB quer a separação das contas de campanha**

Em julho de 2014, meses antes das eleições, Michel Temer reassumiu a presidência do PMDB para arbitrar uma disputa interna. O motivo da briga era o de sempre: dinheiro. Deputados do partido se diziam lesados pelos senadores, que haviam acertado com a JBS, a maior processadora de carne bovina do mundo, o recebimento de uma contribuição financeira de 40 milhões de reais. Os deputados queriam uma parcela da grana. Os senadores recusavam-se a dividir o butim. A história, que rendeu uma pesada troca de acusações nos bastidores, tornou-se pública com a delação premiada de Sérgio Machado, ex-presidente da Transpetro. Depois da intervenção, Temer envolveu-se pessoalmente na coleta de recursos em benefício de seu grupo político e da própria candidatura à reeleição.

O peemedebista abriu uma conta bancária para receber doações eleitorais como candidato a vice-presidente da República. Arrecadou cerca de 20 milhões de reais. Entre os doadores, há empresas investigadas por suspeita de pagamento de propina, como OAS, Andrade Gutierrez e JHSF. Os valores foram declarados à Justiça

© ORLANDO BRITO

**PERTO DO FIM** O ministro Herman Benjamin, relator do processo, deve divulgar suas conclusões até o fim de fevereiro

Eleitoral, mas a Polícia Federal, num relatório a que VEJA teve acesso, registra que doações efetuadas por dois acionistas do Grupo Libra, de 1 milhão de reais, merecem ser analisadas com lupa. A suspeita é que o dinheiro tenha sido desembolsado como pagamento pela defesa de interesses da companhia. Nessa troca de favores, o ex-deputado Eduardo Cunha, aliado de Temer, teria desempenhado papel de destaque. No decorrer da caçada a Cunha, a Lava-Jato fez buscas em endereços do investigado. Numa dessas batidas, apreendeu um pen drive com informações sobre o Grupo Libra, com destaque para um projeto que dependia do aval de órgãos do governo federal para sair do papel.

"Acredita-se que, conforme indicação do nome Libra no próprio pen drive, alguém relacionado ao grupo tenha repassado tais dados para o conhecimento de Eduardo Cunha, sob pretexto ainda duvidoso. Segundo consta, o referido projeto precisaria de autorização da Secretaria Especial de Portos e da Agência Nacional de Transportes Aquaviários, o que, por si, já gera suspeitas sobre os motivos de tais documentos estarem em poder do investigado", diz a PF no relatório. Em seguida, a PF lembra que Cunha foi o relator da MP dos Portos e, nessa função, acolheu demandas do Grupo Libra. O relatório, então, associa esse lobby bem-sucedido à candidatura de Temer. "Foram coletadas informações que dão conta de que o referido grupo empresarial teria doado 1 milhão de reais para a campanha do vice-presidente Michel Temer, do PMDB, o que gerou uma série de rumores e suspeitas acerca de tal doação, e que carecem de maior análise."

Em 2013, ano em que a MP dos Portos foi aprovada, Cunha levou um dos acionistas do Grupo Libra, Gonçalo Torrealba, para uma reunião com Temer no Palácio do Jaburu. VEJA perguntou à assessoria do presidente qual fora o assunto tratado no encontro. Não obteve resposta. Para escapar do processo no TSE, o presidente tem alguns trunfos na manga. O primeiro é conseguir o aval jurídico para uma tese levantada por sua defesa: a de que as contas de campanha da chapa, embora apresentadas em conjunto, como manda a legislação, devem ser consideradas em separado. Ou seja, o PMDB não teria nada a ver com as propinas arrecadadas pelo PT. O problema é que há evidências de que as propinas podem ter se misturado. Outra alternativa é apostar na morosidade do processo. VEJA perguntou ao presidente quem pedira cada uma das doações feitas a sua campanha em 2014. Por meio de assessoria, ele disse o seguinte: "O então candidato à Vice-Presidência Michel Temer abriu conta no Banco do Brasil para este fim, com a devida prestação de contas ao Tribunal Superior Eleitoral ao fim do período detalhando toda a movimentação feita na eleição. Durante o pleito, recursos foram doados à campanha ou depositados e transferidos para campanhas de outros candidatos do PMDB nos estados. Doadores, partido e candidato respeitaram todos os limites e as determinações da lei para arrecadação de recursos e despesas atinentes aos custos da disputa de 2014". ■

**Colaborou Hugo Marques**



PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

Dim aí:
Histórias de Ouro
Príncipes e Princesas
Era uma vez uma criança curiosa, amante da leitura e cheia de imaginação.
Grátis
A roupa nova do rei
Branca de Neve
18,90
Vem aí a coleção que reúne 25 dos principais contos de fadas para você e seu filho viverem momentos únicos. Leve reis, príncipes e princesas para casa e faça a imaginação do seu filho ir mais longe.
Assinante Folha:
Ligue (11) 3224 3090 (Grande São Paulo) ou 0800 775 8080 (outras localidades).
folha.com.br/principeseprincesas
FOLHA
*Preço e frete válidos para os Estados de SP, RJ, MG e PR. Para outras localidades, consulte www.folha.com.br/principeseprincesas.

**ESTÁ COM ELA** Sobre a mesa da ministra, a "delação do fim do mundo" e o método de escolha do novo relator da Lava-Jato

# DUAS DECISÕES CRUCIAIS

Nesta semana, caberá à presidente do STF, Cármen Lúcia, resolver as mais importantes questões para o futuro da Lava-Jato desde que a operação chegou à corte **RENATO ONOFRE E LARYSSA BORGES**

**A PRESIDENTE** do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia, tomará nesta semana as duas decisões mais importantes para o futuro da Operação Lava-Jato desde que a investigação chegou à corte, há quase três anos. Ambas as questões foram colocadas sobre a sua mesa com a morte do relator do caso, Teori Zavascki. A primeira é se ela homologará as delações dos executivos da Odebrecht. Cármen tem até terça-feira, o último dia do recesso do Judiciário, para se decidir. Se optar pela homologação, como era a tendência até o fim da semana passada, dará um impulso fundamental à Lava-Jato — estará sacramentando a maior delação da história do país, com potencial para atingir em cheio governos presentes e passados, além de integrantes de partidos de todo o espectro político. Se, porém, optar por não homologar as delações até terça, estará deixando a tarefa para o novo relator, o que pode atrasar o processo ou mesmo paralisá-lo temporariamente — na hipótese, pouco provável, de o novo ministro vir a rejeitar as confissões dos executivos da em-



© RENATO COSTA/FRAMEPHOTO/FOLHAPRESS; ALMIR LIMA/ESTADÃO CONTEÚDO

**SEM PÂNICO** O piloto não relatou problemas no voo que matou Teori

## CAIXA-PRETA REFORÇA TESE DE ACIDENTE

As gravações da caixa-preta do avião em que viajava o ministro Teori Zavascki reforçam a hipótese de que o acidente foi provocado por uma falha do piloto.

A análise preliminar dos diálogos mostra que não houve problema técnico no bimotor que caiu no mar em Paraty, no litoral do Rio de Janeiro, no dia 19, matando as cinco pessoas a bordo. Segundo a Força Aérea Brasileira (FAB), os áudios não revelam "qualquer anormalidade nos sistemas da aeronave". Os técnicos da Aeronáutica suspeitam que, por causa das nuvens baixas e da chuva naquela hora, o piloto, Osmar Rodrigues, tenha sofrido uma desorientação espacial – ou seja, perdeu a noção da distância entre o avião e o mar – e acabou tocando a asa na água enquanto fazia uma curva, o que provocou o desastre. Em conversas por rádio com outros pilotos durante o voo, Rodrigues, que tinha trinta anos de experiência e 8800 horas de voo, disse que esperava a chuva diminuir para tentar o pouso – ele havia feito duas aproximações da pista, sem sucesso.

Outro indício que reforça a tese da desorientação é a ausência de gritos dos ocupantes do avião. Se houvesse algum problema antes do acidente, o equipamento teria registrado os momentos de pânico. Como até agora não existe sinal de falha técnica, o mais provável é que o avião tenha batido na água de repente. "Se alguém tivesse gritado, certamente apareceria na gravação", afirma o especialista em segurança aérea Jorge Filipe Barros. Os destroços do aparelho foram retirados do mar no domingo 22 e ainda estão sendo analisados por técnicos do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipa).

**Luisa Bustamante**

preiteira. Cármem Lúcia já sinalizou que não lhe agrada a perspectiva de retardar os trabalhos da Lava-Jato, mas sabe que enfrentará a resistência de colegas da corte se decidir homologar ela mesma a "delação do fim do mundo". Reservadamente, ministros já disseram considerar essa hipótese um "atropelo" e uma "falta de respeito" para com os demais membros do tribunal.

A segunda questão que caberá à ministra resolver deriva da primeira. No retorno do Judiciário aos trabalhos, na quarta-feira, ela terá de definir como será escolhido o substituto de Teori na relatoria da Lava-Jato. Há dois caminhos a seguir: sortear o cargo entre os remanescentes da Segunda Turma, da qual o relator fazia parte, ou ampliar a escolha para o plenário do Supremo. Se as opções ficarem restritas à Segunda Turma, a chance de a relatoria ficar a cargo de um ministro com problemas na Lava-Jato é de três para um: Dias Toffoli já foi citado por um investigado na operação; Ricardo Lewandowski foi flagrado em uma reunião com Dilma Rousseff destinada a abafar certas etapas da investigação; e Gilmar Mendes é um crítico contumaz do trabalho do Ministério Público na operação. Só o decano Celso de Mello, a priori, seguiria o caminho trilhado por Teori.

Numa república em que o presidente foi alçado ao cargo pelo impeachment de sua antecessora e em que os principais líderes do Congresso sofrem questionamentos jurídicos a respeito da legalidade de sua permanência no cargo, a presidente do STF, instalada na indubitável legitimidade de sua cadeira, virou protagonista involuntária do cenário político nacional. Nesta semana, vai demonstrar como fará uso dessa posição. A Lava-Jato está em suas mãos. ■

**Colaborou Bruna Narcizo**

**FATORES DE RISCO**
Com histórico de hipertensão, a mulher de Lula teve diagnóstico de aneurisma dez anos atrás

# "A SITUAÇÃO É DELICADA"

Assim o médico Roberto Kalil descrevia, na tarde de sexta-feira, o estado de saúde da ex-primeira-dama Marisa Letícia, vítima de um acidente vascular **NATALIA CUMINALE**

**QUANDO A** ex-primeira-dama Marisa Letícia chegou ao Hospital Assunção, em São Bernardo do Campo, a alteração que apresentava na fala e a forte tontura que dizia sentir levaram os médicos a um diagnóstico rápido: acidente vascular cerebral (AVC). Transferida imediatamente para o Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, a mulher do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva seguiu direto para a sala de cateterismo cerebral. Lá, ainda consciente, foi sedada para a realização de uma intervenção de emergência. Denominada embolização, ela consiste na introdução, pela virilha, de pequenas molas que têm por objetivo interromper o sangramento já ocorrido e impedir que outros aconteçam na região afetada do cérebro. Até a tarde da sexta 27, o estado de saúde de Marisa, de 66 anos, era considerado estável, mas muito grave. Sedada e com a pressão intracraniana monitorada, ela não tinha previsão de alta. "A situação é delicada. Nas próximas horas devemos retirar a sedação, e assim será possível ver como ela vai despertar", afirmou Roberto Kalil Filho, médico da família e diretor da divisão de cardiologia do Centro de Cardiologia do Hospital Sírio-Libanês e do InCor.

Há dois tipos de AVC: o isquêmico e o hemorrágico. O primeiro, mais comum, ocorre por obstrução numa artéria no cérebro. O segundo, mais grave e que acometeu a ex-primeira dama, consiste na ruptura da parede da artéria, com ocorrência de hemorragia. Marisa Letícia tinha um histórico antigo de hipertensão e um aneurisma — dilatação anormal de um vaso sanguíneo — diagnosticado havia uma década. A combinação dos dois fatores aumenta o risco de acidentes desse tipo. Isso ocorre porque, ao longo dos anos, a pressão nas alturas agride os vasos cerebrais e uma elevação drástica e abrupta pode provocar a ruptura das paredes já fragilizadas da artéria. Na mulher de Lula, o aneurisma se rompeu depois que ela teve um pico de pressão — 23 por 12. Com o rompimento, a hemorragia invadiu uma área do cérebro. Dois outros fatores de risco contribuíram para o AVC de Marisa: a ex-primeira-dama é fumante e não pratica atividades físicas regularmente. Episódios de ruptura de artérias ocorrem mais a partir dos 50 anos — e afetam em especial as mulheres. No Brasil, cerca de 2 milhões de casos de aneurisma cerebral são registrados anualmente.

A ex-primeira-dama se casou com Lula 43 anos atrás. Ela é ré em duas ações penais da Lava-Jato, acusada de participar do esquema de recebimento de propina da OAS por meio da reforma de um apartamento tríplex no Guarujá (SP) e de ter o aluguel de um imóvel em São Bernardo do Campo pago pela Odebrecht. A ex-primeira-dama ainda é investigada no inquérito que apura a responsabilidade pelas obras de um sítio de Atibaia que sua família nega pertencer a Lula. ■


© AGÊNCIA ESTADO

# DEPOIS DA TEMPESTADE...

"A economia [illegible] o ano com um novo ânimo. Muitas empresas reportam melhoria nas vendas e retomam planos de investimentos. É uma volta gradual, mas a qualidade do debate econômico já mudou e um cenário positivo é bem mais provável hoje."

André Lahóz
Diretor de Redação

A REVISTA MAIS ADMIRADA DO BRASIL

**Já nas bancas**
e no app EXAME.

EXAME

MAÍLSON DA NÓBREGA

# INJEÇÃO NA VEIA NÃO RESOLVE

**NO BRASIL,** acredita-se que o crescimento é mera questão de vontade política. Se o governo tiver coragem e agir, a economia se expandirá rapidamente. Assim, a equipe econômica deve substituir o suposto discurso monotemático do ajuste fiscal por medidas destinadas a criar empregos. A ladainha, decrépita de trinta anos, nunca deu certo, mas ressurge agora com a angústia causada pela recessão.

Políticos, empresários e comentaristas demandam essa mágica com base em visões equivocadas sobre o funcionamento da economia. A então presidente Dilma, prisioneira das mesmas visões, tentou fazer isso a golpes de voluntarismo. Deu no que deu. Ainda assim, as mesmas ideias salvacionistas voltaram à cena. Ignora-se que o crescimento resulta de um conjunto complexo de fatores, e não raramente do fator sorte. Nenhum país cresce sem ganhos permanentes de produtividade, o elemento mais importante do processo. É fundamental ainda dispor de instituições favoráveis à inovação e ao investimento. Tudo isso requer tempo e difíceis reformas.

A economia está enferma devido, essencialmente, à má gestão do PT. Hoje, apenas o agronegócio ganha produtividade. O potencial de crescimento do país declinou para 2% ou menos. Esse corpo doente precisa de longa recuperação e de reformas para superar a convalescença. Querer a restauração imediata do crescimento equivale a aplicar uma injeção na veia do paciente para que ele pule da cama e corra a maratona.

A fórmula é nossa velha conhecida: aumento de gastos públicos, desonerações tributárias, redução da taxa de juros, desvalorização cambial, uso das reservas cambiais para financiar investimento, afora o uso dos bancos públicos para ampliar investimentos. Dilma recorreu a quase tudo dessa lista, à qual acrescentou intervenção desastrada na economia e notória incompetência. A colheita resultou em inflação, recessão e aumento da inadimplência no sistema financeiro, além de brutal expansão da dívida pública, via suprimento infrutífero de recursos do BNDES e combinação explosiva de renúncia de receitas e elevação de despesas.

**É possível que Temer sofra pressões para inflar artificialmente a economia**

O atual governo resiste às pressões para adotar o cardápio salvacionista (e suicida). Elegeu a prioridade correta, concentrada no ajuste fiscal para restabelecer a confiança e livrar o país do risco de insolvência fiscal. Tudo bem que sempre é possível, como recentemente, tomar medidas microeconômicas para atacar efeitos colaterais da enfermidade. Elas são corretas, é verdade, mas estão longe de enfrentar, com o vigor necessário, a questão central da produtividade.

Dificilmente, portanto, essas medidas darão frutos imediatos, como esperam os angustiados. Elas servem, a curto prazo, para mostrar que o governo está agindo. Se houvesse margem para aumentar gastos (não há), poder-se-ia acelerar a ocupação da capacidade ociosa da economia. O crescimento voltaria mais cedo sem pôr sob risco o objetivo, até aqui bem-sucedido, de reduzir a taxa de inflação.

Resta o papel da equipe do Banco Central, que restaurou a credibilidade da instituição e ancorou as expectativas inflacionárias. Com a inflação em baixa, o ciclo de redução da taxa de juros pode ampliar-se ao longo do ano. O BC é, pois, a única fonte de recuperação responsável da economia a curto prazo, embora nada brilhante.

O governo precisa de paciência e preparo para emergências que poderão vir da crise dos estados e de eventos graves como a carnificina em penitenciárias. Além disso, haverá risco de degradação da reforma da Previdência, que poderia dissipar esperanças de restauração, a médio prazo, de um ritmo de crescimento econômico minimamente satisfatório. É possível que Temer sofra pressões para inflar artificialmente a economia e, talvez, mudar a equipe. A piora do desemprego e a divulgação, em fins de março, do mau desempenho do PIB em 2016 poderão detonar outra onda em favor de medidas irresponsáveis. Ao que tudo indica, ele resistirá, mas a turma da pressão não vai desistir facilmente. A demanda por mágicas tem força para renovar-se a cada fracasso. ■

Abril

# Chegou!

## Guia do Estudante Bolsas

BOLSAS DE ESTUDOS com até 75% de desconto

Mais de 800 faculdades

**Estude nas maiores faculdades, pague as menores mensalidades.**

Encontre a faculdade que você quer pelo preço que você pode investir. Não é financiamento, não é promoção. **É desconto real, e que vale para o curso inteiro.** Com a ajuda do guia que mais entende de ensino no país, você pode garantir agora a sua bolsa sem enrolação nem burocracia. Aproveite!

ACESSE E COMPROVE:
bolsas.guiadoestudante.com.br

e Guia do Estudante

# O PREÇO DA INSTABILIDADE

O problema brasileiro não é a crise, exatamente. Crise passa. Nosso maior desafio é vencer a insegurança institucional provocada pela política e pelo Judiciário

**COM A POSSE** de Donald Trump, os Estados Unidos alcançaram uma marca eleitoral admirável. Pela segunda vez, fecharam uma sequência de três presidentes, todos reeleitos. Primeiro Thomas Jefferson, James Madison e James Monroe, no início do século XIX. Agora, Bill Clinton, George W. Bush e Barack Obama. A conquista tem valor porque a série requer 24 anos para ser concluída. No Brasil, o conceito de triunfo nesse campo é bem mais modesto: repetir o encadeamento de três presidentes eleitos pelo voto direto, e que concluam o mandato. Conseguimos uma vez, com Prudente de Moraes, Campos Salles e Rodrigues Alves, no início da República Velha. E só. Quase repetimos com Fernando Henrique, Lula e Dilma, que seria uma sequência de três reeleitos, tipo Clinton-Bush-Obama. Dilma pedalou, caiu e voltamos à estaca zero. Observar a primariedade do nosso desafio eleitoral pode produzir frustração. Mas serve de estímulo para refletirmos sobre nossas fragilidades institucionais, que não se restringem ao campo eleitoral.

Lemos no noticiário, e aceitamos como normal, que a maior fonte de pressão contra os governos vem da base de sustentação no Congresso, não da oposição. Os presidentes dão cada vez mais cargos em troca de apoios cada vez mais instáveis. Os partidos não se constrangem em adotar jargão comercial próprio de loteamento. Falam em ministério "porteira fechada", para abraçar tudo o que há na pasta. Há muito os presidentes não conhecem a defesa intransigente da base. Os apoios se tornaram frágeis. Em 1999, FHC encaminhou ao Congresso uma proposta de reforma da Previdência. Recebeu tiros até do PSDB. O senador Aécio Neves, na época deputado, declarou que o partido não se comprometia com o projeto. "O Congresso não é homologatório de propostas do governo", disse na ocasião. Aconteceu de novo agora. No fim do ano passado, Michel Temer anunciou a sua proposta de reforma previdenciária, a mais consistente das cinco preparadas desde o governo Collor. Nem bem a discussão esquentou, dois ministros de Temer (Osmar Terra, do Desenvolvimento Social, e Raul Jungmann, da Defesa) fizeram ressalvas públicas ao texto. Jungmann chegou a questionar dados do anúncio oficial.

Outro ponto de fragilidade vem da produção legislativa. Em 2016, só setenta projetos de autoria de parlamentares foram convertidos em lei. Como o Poder Legislativo tem 594 integrantes, a chance de deputados e senadores serem autores de uma lei é bem pequena. Ainda assim, eles produzem textos aos milhares todos os anos, cuidando sempre de anunciar que "inclusive já apresentaram um projeto nesse sentido". No site da Câmara, ao lado da ficha de cada deputado há o item "Proposições de sua autoria". Talvez fosse interessante incluir "Proposições aprovadas". O mais eficaz legislador brasileiro é mesmo o Poder Executivo. Que, como tem pressa, acaba recorrendo ao atalho das medidas provisórias. Foi por MP, por exemplo, que o governo federal encaminhou a reforma do ensino médio, considerada essencial para enfrentar o maior gargalo do sistema educacional brasileiro. A proposta foi aprovada em dezembro na Câmara dos Deputados. A próxima parada é o Senado Federal. Nos últimos anos, os governos editaram, em média, de três a quatro MPs por mês. Mas já alcançamos uma média de incríveis sete MPs mensais.

**Cármen Lúcia decidiu, por liminar, algo inquietante: que um contrato não vale da forma como foi escrito**

Das fontes de instabilidade há uma chamando atenção especial: a judicialização. A judicialização é a transferência para os tribunais de discussões que deveriam passar longe dali. Exemplo? O ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad reduziu a velocidade máxima de duas grandes avenidas da cidade. Seu sucessor, João Doria, decidiu aumentá-la. Na democracia, muitas decisões são tomadas assim, fora do campo do certo e do errado. As duas posições são tecnicamente sustentáveis e, ao serem adotadas, estavam amparadas politicamente. Tanto na redução quanto no aumento,

EDUARDO OINEGUE*

o debate foi judicializado. Contra Haddad se insurgiu a Ordem dos Advogados do Brasil. Contra Doria, uma associação de ciclistas, que conseguiu uma decisão que impedia a mudança, derrubada alguns dias depois.

A decisão contra Doria foi tomada por liminar, a manifestação mais palpável da judicialização. As liminares estão para o Judiciário como a medida provisória está para o Executivo. Por liminar, Renan Calheiros foi afastado temporariamente da presidência do Senado no fim do ano passado. Por liminar, o WhatsApp foi tirado do ar mais de uma vez; por liminar, voltou a funcionar. Há juízes mandando construir escola por liminar, ordenando levantar penitenciária, parando estradas, determinando reajustes salariais, interferindo no orçamento de formas variadas, como se fossem governantes eleitos. Em alguns estados, uma porcentagem expressiva do orçamento é movimentada por liminar. Virou febre. Temos alguns códigos, temos leis avançadas, temos agências reguladoras, temos, enfim, o pacote básico de um país institucionalmente maduro. Só que temos também a judicialização e o uso excessivo de liminares, que às vezes deliberam de um jeito, às vezes de outro, contribuindo para que o Brasil seja tachado como um país juridicamente inseguro.

Os juízes concedem liminares quando entendem que a ausência de uma pronta intervenção pode provocar danos irreversíveis. Em muitos casos, contudo, a liminar evita um dano e cria outro, às vezes maior. Na primeira semana de janeiro, a presidente do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia, decidiu, por liminar, algo inquietante: que um contrato pode não valer da forma como está escrito. O contrato é a base do relacionamento da sociedade. Assinamos contratos para tudo. Aluguel da casa, compra do carro, aquisição do pacote de viagem, contrato com o bufê do casamento, da festa dos filhos. Ao celebrarem um contrato, as partes documentam seu conjunto de vontades comuns, formalizando os direitos, as obrigações e as punições em caso de descumprimento das cláusulas.

O contrato que caiu nas mãos de Cármen Lúcia envolve o governo do Rio de Janeiro e a União. Uma das cláusulas garante à União o direito de reter repasses orçamentários ao estado em caso de falta de pagamento. Como o estado não pagou, a União reteve 374 milhões de reais. O Rio recorreu ao STF e, com a liminar, liberou o dinheiro. Dias depois, a pedido da Advocacia-Geral da União, Cármen Lúcia confirmou a aplicação da cláusula para futuros repasses. Mas o dinheiro liberado se foi. O Judiciário é a salvaguarda da democracia. Quando algo não funciona, muitas vezes só contamos com ele. Precisamos, no entanto, ficar alertas para que o direito de proteção contra os abusos não se transforme num abuso em si. Em 2019, toma posse o sucessor de Temer. Sem reeleição, em 2031 fecharemos o tal ciclo de três presidentes eleitos. Eleitos que concluam o mandato. Contando de hoje, faltam catorze anos, por esse critério, para atingirmos a estabilidade política. Será que até lá já teremos superado as demais faces do nosso desarranjo institucional? ■

* Jornalista, consultor de empresas e colunista da Rádio Bandeirantes e da Band News FM

# REALIDADE PARALELA

Cumprindo o que prometeu em campanha, Donald Trump implementa políticas baseadas em premissas falsas. Pagarão por isso a economia dos EUA e a do mundo **NATHALIA WATKINS**



© EVAN VUCCI/AP

**RESOLUTO** Trump assina o primeiro decreto após a posse: restrições ao programa de saúde do antecessor

**DONALD TRUMP** foi eleito com uma plataforma política construída sobre premissas falsas. Assim, quem não votou nele torcia para que, quando entrasse na Casa Branca, o senso de realidade passasse a guiar os seus atos — tudo teria sido apenas estratégia eleitoral. Vã esperança. A primeira semana no cargo revelou um presidente decidido a insistir nas mesmas (e também em novas) inverdades. Desde o primeiro dia em que se sentou diante da mesa Resolute ("resoluto"), que a rainha Vitória, da Inglaterra, deu em 1880 ao presidente Rutherford Hayes, Trump tomou para si a tarefa de cumprir com determinação suas mais estapafúrdias promessas de campanha.

Não se pode, portanto, acusar o presidente de incoerência. O problema, para os Estados Unidos e para o mundo, é que políticas implementadas com base em premissas falsas cedo ou tarde se provam insustentáveis. E Trump nem terá tempo de aprender com os erros, porque resolveu fazer tudo de uma vez. Em apenas uma semana, tirou os Estados Unidos da Parceria Transpacífico (TPP, na sigla em inglês, um acordo comercial com outros onze países), exigiu a renegociação do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), ordenou a construção de um muro na fronteira com o México e retirou os empecilhos para o uso de tortura em interrogatórios na guerra ao terror.

O choque com a realidade já começou a causar estragos. Na quinta-feira 26, o presidente do México, Enrique Peña Nieto, cancelou um encontro com Trump para discutir o Nafta após ser destratado pelo americano nas redes sociais. Peña Nieto havia dito que o México não pagará pelo muro na fronteira, como quer Trump. Este, em resposta, escreveu em sua conta no Twitter que então era melhor o mexicano nem ir encontrá-lo em Washington. Parece briga de comadre, mas é simplesmente a maior crise diplomática entre as nações vizinhas desde 1980.

Ao cortar o diálogo com o colega mexicano, Trump pode estar forçando a barra para empurrar o Nafta mais rapidamente para o precipício. Segundo ele, o bloco comercial, que também inclui o Canadá, eliminou empregos nos Estados Unidos. Trata-se de uma tese que só para em pé na realidade paralela de Trump. Das vagas de trabalho perdidas nos Estados Unidos desde 2000, nada menos que 85% resultaram da automação e de novas tecnologias. "Não foi o Nafta que provocou desemprego. Ao contrário, quando entrou em vigor, em 1994, houve uma baixa histórica", diz o economista Alan Deardorff, da Universidade de Michigan. Há duas décadas a cadeia produtiva americana é integrada com a mexicana. Interromper essa ligação custará muitos empregos dos dois la-

**MAR ROSA** A Marcha das Mulheres, um protesto anti-Trump, em Washington, no sábado 21: mais gente do que na posse

dos do Rio Grande. A incerteza durante a renegociação dos termos do acordo afugentaria investidores e não resolveria o déficit na balança comercial com o México. "O déficit é fruto do nosso próprio sistema, pois investimos mais do que poupamos. Isso significa que tendemos a importar mais do que exportamos. Não tem nada a ver com a relação comercial com o México", diz o economista Robert Kudrle, da Universidade de Minnesota.

Há outro risco na estratégia comercial de Trump com os vizinhos. Na semana passada, a perspectiva do fim do Nafta levou à desvalorização da moeda mexicana diante do dólar. "Isso prejudica a competitividade das empresas americanas exportadoras", afirma o economista Robert Lawrence, da Universidade Harvard.

Quanto ao muro com o México, Trump disse que será pago com uma taxa de importação de 20% que ele cobrará de produtos mexicanos. Mais uma vez, uma medida dessas só passa impune no mundo distante de Trump. O aumento da tarifa de 0% para 20% no comércio com o México deixará mais caros os produtos que os americanos consomem. Além disso, é provável que o país vizinho decida retaliar suspendendo a cooperação em outros temas de interesse vital para Washington, como o combate ao narcotráfico e a contenção dos imigrantes centro e sul-americanos que cruzam o México rumo aos Estados Unidos. Trump teria de construir um muro mais alto que o previsto.

Outra falácia são as razões para a saída da Parceria Transpacífico. Os países que foram abandonados no barco do bloco agora cogitam migrar para a Parceria Econômica Regional Compreensiva (RCEP, na sigla em inglês), um projeto de integração asiática liderado pela China. Além de perderem influência na região que mais cresce no mundo, os Estados Unidos rasgam dinheiro ao sair da TPP. A estimativa especializada mais modesta previa um incremento do PIB americano de 42,7 bilhões de dólares até 2032. Trump, que na campanha trocou a Rússia pela China como principal adversário geopolítico dos Estados Unidos, em uma de suas primeiras medidas não fez nada além de favorecer os interesses chineses.

Quem está vendo vantagem nas políticas de Trump são especuladores da bolsa que esperam que o aumento da inflação e o prometido corte de impostos para empresas lhes garantam altos retornos financeiros, razão pela qual o índice Dow Jones alcançou marcas inéditas na semana passada.

A equipe de Trump já criou até um eufemismo para as mentiras que guiam suas políticas: "fato alternativo", uma expressão usada por Kellyanne Conway, assessora da Casa Branca, no sábado 21, para defender a afirmação — falsa — de que o público na posse do chefe era maior que na de Barack Obama oito anos atrás. "Governar com base em fatos alternativos é como adicionar açúcar em vez de sal a uma refeição só porque parece gostoso", diz o economista Dany Bahar, do Instituto Brookings. O resultado será intragável. ■

**Com reportagem de Luiza Queiroz**



© MARIO TAMA/AFP

**QUINTA AVENIDA SITIADA** Bloqueio afastou turistas e atingiu a loja Tiffany

# INFERNO NA TORRE

O esquema de segurança no prédio onde vive a família Trump atormenta a vida de quem mora num dos quarteirões mais glamourosos de Nova York **DANIELA TRALDI,** de Nova York

**DA SOFISTICAÇÃO** e tranquilidade ao caos absoluto em poucas semanas — assim se transformou o cotidiano dos vizinhos de Donald Trump. A família do novo presidente americano habita a Trump Tower, na Quinta Avenida. O edifício, localizado entre as ruas 56 e 57, fica num dos centros turísticos e comerciais mais importantes de Nova York. Está cercado por lojas de luxo e por atrações como o Central Park e o hotel The Plaza. Todos agora dividem espaço com enormes barricadas de cimento, grades de metal, dezenas de curiosos e muitos, mas muitos policiais. "É um transtorno", disse a VEJA uma brasileira que possui um apartamento a uma quadra da Trump Tower. Outra brasileira, a sommelière Ana Paula Galvani, da Sherry-Lehmann, uma exclusiva loja de vinhos, conta que até pegar um táxi virou uma dor de cabeça. "Ficou muito difícil. Prefiro caminhar."

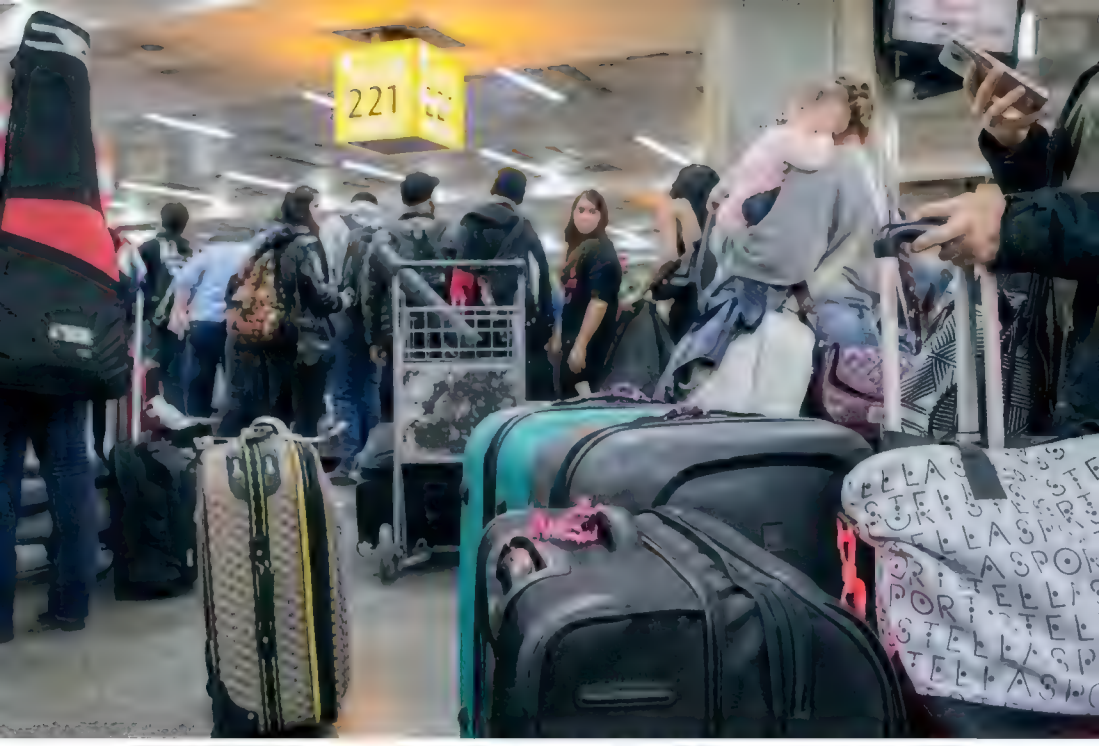
As restrições fazem parte do esquema de segurança para proteger a família presidencial. Trump mudou-se para a Casa Branca, em Washington. Mas Melania, sua esposa, e o filho, Barron, devem continuar no prédio pelo menos até o término do ano letivo do menino. E o presidente, nascido e criado no bairro nova-iorquino do Queens, já avisou que voltará muitas vezes à cidade. O edifício comercial e residencial está ligado a outros nomes ilustres: o atacante Cristiano Ronaldo, do Real Madrid, é dono de um apartamento ali, bem como o ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) José Maria Marin, que cumpre prisão domiciliar no local. O empresário Eike Batista é um dos endinheirados brasileiros acostumados a hospedar-se no local.

Os nova-iorquinos, que votaram majoritariamente contra Trump, agora têm mais uma razão para desaprovar o magnata tornado presidente. O prejuízo do comércio nas redondezas já atingiu 40 milhões de dólares, segundo Tom Cusick, presidente de uma das principais associações comerciais locais, a Fifth Avenue Business Improvement District. A principal loja da sofisticada joalheira Tiffany, na esquina eternizada no filme *Bonequinha de Luxo (Breakfast at Tiffany's,* no original, de 1961), com Audrey Hepburn, teve uma queda de 14% nas vendas de fim de ano. Culpa, ao menos em parte, das "interrupções no tráfego após as eleições". O inferno causado pela torre de Trump virou pauta do Comitê de Desenvolvimento Econômico de Nova York. Afinal, um cartão-postal mundial não pode parecer uma "zona sitiada", como afirmou Kathryn Wylde, da associação Partnership for New York City.

Patricia Spuri, dona do Carlos Lobo Salon, um salão de beleza na Rua 56 com a Quinta Avenida, viu o movimento despencar 35% em dezembro. "É, normalmente, meu melhor mês", queixa-se. A corretora de imóveis Daniela Sassoun, da Douglas Elliman, reclama dos congestionamentos, mas, como boa vendedora, trata de achar um lado positivo na situação. Se o esquema de segurança na cidade já era excepcional, "agora ficou melhor ainda". ■

**Colaborou Giovanni Magliano**

© JEWEL SAMAD/AFP




**MALAS MAGRAS** Os gastos em viagens internacionais caíram 16% em 2016: retrocesso para os níveis de 2009

# O MUNDO ENCOLHEU PARA OS BRASILEIROS

A recessão prolongada, o desemprego e o real enfraquecido fazem com que as famílias viajem menos para o exterior e reduzam a compra de produtos importados **MARCELO SAKATE**

**SETORES DO AGRONEGÓCIO** e da indústria no Brasil comemoraram a decisão de Donald Trump de retirar os Estados Unidos da Parceria Transpacífico (TPP). Em tese, a medida estimularia a exportação de seus produtos. Trata-se de uma reação prematura, porém. O Brasil não tem acordos de livre-comércio com as maiores economias do mundo, e isso se deve a uma política que apostou em tratados globais que nunca saíram do papel. Assim, a estratégia do novo presidente americano pode até contribuir marginalmente para aumentar as vendas brasileiras, mas não alterará o fato de que o Brasil está se fechando para o mundo. A recessão prolongada derrubou as importações e as exportações, e o país continua patinando nos erros de sempre: o excesso de barreiras aos produtos externos e o sem-fim de obstáculos àqueles que desejam colocar os seus produtos no mercado internacional. O Brasil perdeu treze posições e ficou apenas em 110º lugar (entre 136 nações) no ranking das economias que mais facilitam as trocas comerciais do mundo, calculado pelo Fórum Econômico Mundial. "O mercado brasileiro permanece bastante fe-



© DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

## O TOMBO NAS COMPRAS INTERNACIONAIS

(Valores em bilhões de dólares)

Fontes: *Banco Central e Ministério da Indústria*

chado, com elevados tributos cobrados de produtos agrícolas e industriais. Apenas uma parcela pequena (31%) das importações não paga nenhuma tarifa", aponta o relatório.

Mesmo quando crescia fortemente, na segunda metade da década passada, o país nunca teve uma economia propriamente aberta. Agora, até os avanços tímidos estão ficando para trás. A desvalorização acentuada do real encareceu a compra de produtos estrangeiros e deixou mais caras as viagens ao exterior: o número de passageiros em voos para outros países permaneceu estagnado no ano passado, e os gastos de turistas brasileiros, tanto nas viagens de turismo como nas de negócios, retrocederam aos níveis de 2009. Totalizaram 14,5 bilhões de dólares, o que representa uma queda de 16% em relação a 2015.

Não faz muito tempo, em 2014, os brasileiros gastaram 25,6 bilhões de dólares no exterior. Entre 2009 e 2013, o Consulado dos Estados Unidos em São Paulo foi o posto diplomático americano que mais concedeu vistos de não imigrantes no mundo, à frente das unidades na Cidade do México e em Pequim. O país havia se consolidado como o terceiro que mais mandava turistas para os Estados Unidos anualmente, atrás apenas de China e México. Isso ficou no passado.

O mundo encolheu para os brasileiros, e isso pode ser visto não só no declínio do turismo internacional. A importação de mercadorias caiu 20% em 2016, para um total de 138 bilhões de dólares. Em três anos, a queda acumulada foi de 43%. Um dos aspectos mais negativos desse recuo é que as empresas nacionais diminuíram o investimento em maquinário e tecnologia internacional de ponta, o que deverá representar uma queda na produtividade futura.

Na virada do ano, surgiram indicadores de que o pior da crise pode ter ficado para trás. Os gastos externos voltaram a subir e o humor dos consumidores registrou uma ligeira melhora. É um impacto que se reflete também na esfera mais ampla das operações do país com o exterior. A combinação de juros em queda e real menos fraco abre a oportunidade para a retomada gradual dos investimentos e dos gastos dos consumidores, que fazem a roda da economia girar. Para isso, no entanto, o Brasil precisa reduzir os obstáculos que impõe tanto às exportações como às importações e acelerar sua integração à economia mundial. E não será seguindo a cartilha de Trump que terá sucesso na missão. ■

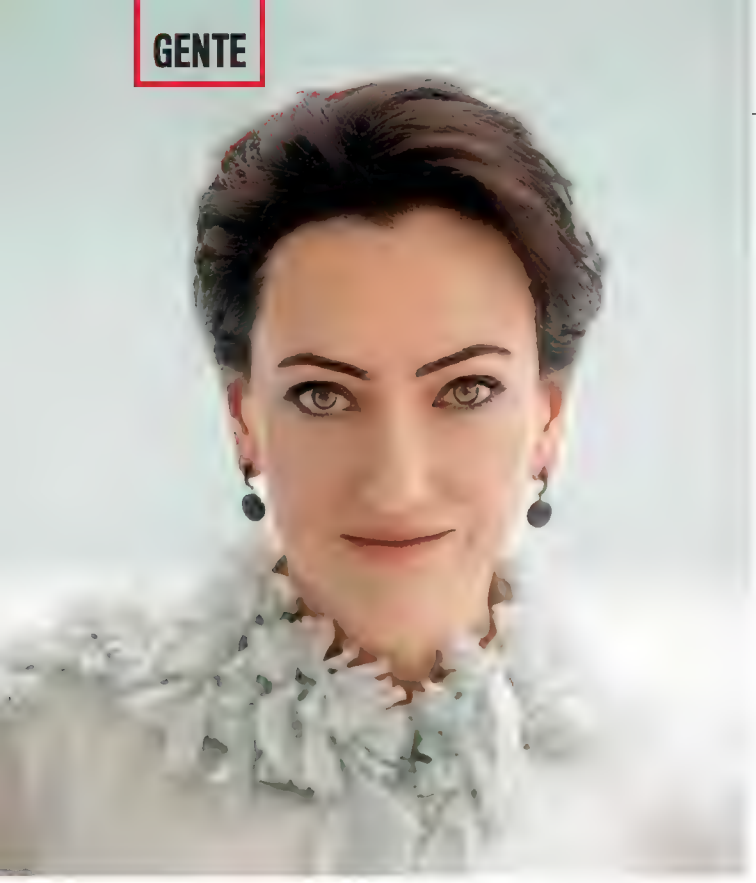
## SEM VIA EXPRESSA

### O desfecho da crise do Rio agora depende de nova lei

**A NEGOCIAÇÃO** de um acordo para salvar o Rio de Janeiro não sairá tão rápido quanto o esperado pelo governo. Michel Temer e Henrique Meirelles, ministro da Fazenda, planejavam estabelecer um acordo bilateral, que a esta altura já deveria estar fechado, com o governador Luiz Fernando Pezão. O plano era suspender o pagamento da dívida do estado com a União, renegociar os empréstimos com os bancos e, em troca, exigir um corte nas despesas e um aumento na arrecadação. A negociação bilateral evitaria a interferência do Congresso. Mas o governo precisou recuar depois que sua própria assessoria jurídica concluiu que qualquer alteração na forma de pagamento da dívida precisaria ser feita por lei.

Agora, o governo pretende enviar um projeto de lei complementar para regularizar as mudanças. Paralelamente, Pezão mandará à Assembleia Legislativa um plano com todas as reformas que devem ser feitas para pôr as contas do estado em ordem. O Rio Grande do Sul também está em conversas para receber socorro federal. Um ponto promete ser conflituoso: a privatização do Banrisul. Os gaúchos não querem abrir mão do controle de seu banco estatal. Já para a Fazenda, a venda é crucial para a recuperação do estado. ■

**Bianca Alvarenga**



# A MUSA DE MORO

A vida discreta de **ROSANGELA MORO**, 42 anos, sofreu uma reviravolta há três anos. A razão é fácil de adivinhar: a curitibana, filha de uma professora de escola pública e de um mestre de obras, teve de administrar o impacto de ser casada com o hoje arquifamoso juiz Sergio Moro. Advogada há duas décadas (o pai queria uma "filha doutora"), Rosangela agora será lançada no centro da arena: defenderá o marido, comandante da Operação Lava-Jato, em ação por abuso de autoridade movida pelo ex-presidente Lula. Rosangela é avessa a entrevistas: o máximo de exposição que se permite são os posts na página Eu Moro com Ele, no Facebook. Mas ela quebra o silêncio na revista CLAUDIA que chega às bancas e tablets na sexta-feira 3. Como o casal trata da Lava-Jato em casa? "O Sergio é uma pessoa muito equilibrada. Não pergunto quem vai ser preso, nem quando nem por quê. Não tenho nenhuma informação privilegiada, exceto quando se refere à segurança da família", diz. A musa de Moro já causou furor numa igreja: "Pedi ao padre uma bênção especial. Quando ele soube quem eu era, falou por trinta minutos de política. Nos segundos finais, disse: 'Mantenha a serenidade'". E como ela reagiu? "Não tenho medo. Eu me sinto blindada pelas orações dos fãs, e rezo também."

# ELAS E O GAROTO

Na semana passada, o SBT demitiu as jornalistas Joyce Ribeiro e Patricia Rocha. As duas âncoras estavam sem função desde outubro, quando Silvio Santos as trocou por um rapaz de 18 anos. Elas falam a VEJA:

## JOYCE RIBEIRO

**Foi surpresa?** "Não. O SBT é uma casa conhecida pela mudança e instabilidade."

**Sobre o substituto:** "Fiquei quatro anos na faculdade, fiz especialização em economia. Não vejo benefício nem para a classe nem para a emissora em ter um garotão tão jovem e sem formação no comando de um jornal".

## PATRICIA ROCHA

**Foi surpresa?** "Foi. Tinha acabado de voltar da licença-maternidade. Pediram que eu chegasse mais cedo. Passou tudo na cabeça, menos demissão. Disseram que precisavam cortar gastos. Fiquei triste."

**Sobre o substituto:** "Como jornalista formada, é uma surpresa. Mas televisão é entretenimento. Se o Silvio apostou nele, quem sou eu para ser contra?".



FERNANDO LOUZA, DIVULGAÇÃO; JOSE LUIS MAGANA-AP; ANTONIO DE MORAES BARROS FILHO/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

**BRUNO MEIER**
com Daniela Pessoa

## CORES CUBANAS

Pela segunda vez (a primeira foi na gravação de *Bailando*, com Enrique Iglesias), **LUAN SANTANA** decidiu gravar um clipe em Cuba. "Adoro as cores do país e o jeito das pessoas. Fora que a maneira como os cubanos dançam é diferente", justifica. Mais alguma admiração pela ilha dos Castro? "Sei que a ideologia deles é bonita no papel, mas não funciona direito. Vi muita desigualdade. Tirar férias e não poder viajar para outro país também é chato." Nos dois dias de gravação de *Acordando o Prédio*, com lançamento na terça-feira 31, além de dispor de um Pontiac 1957 alugado e da companhia de uma modelo cubana, o cantor uniu sua musculatura à do youtuber **WHINDERSSON NUNES**. Foi uma conjunção de dois gigantes digitais. "Com certeza o chamei porque ele é popular, mas também fui atrás porque ele dança de um jeito desengonçado." Somados, os 12,6 milhões de seguidores de Luan no Instagram e os 16,5 milhões de Whindersson no YouTube são mais que o dobro da população de Cuba. Dá-lhe bíceps, tá?

## CONTRA A ERA DA TIRANIA

Foi com essas palavras que **MADONNA** subiu ao palco para falar do governo Trump, em uma marcha feminina em Washington: "Bem-vindo à revolução do amor, à rebelião, à nossa recusa em aceitar essa nova era da tirania, em que não só mulheres estão em perigo, mas todos os marginalizados. Eu escolho o amor". Dias depois, um rumor: a cantora estaria aumentando sua prole. Um porta-voz do governo do Malaui disse que ela fora ao país africano para adotar mais duas crianças (já tem um casal vindo de lá). Madonna negou. Só teria visitado um hospital infantil no Malaui. "Depois, fui para casa."

## SEM VÉU NEM TOPLESS

**ANA BEATRIZ BARROS**, de 34 anos, não esconde: pedras preciosas são seu presente favorito. "Minha família me apelidou de árvore de Natal", diz a mineira. Em passagem pelo Brasil para divulgar uma coleção de joias, a modelo alterou sua rota habitual entre o Cairo e Londres, consequência do casamento com o milionário egípcio Karim El Chiaty, do ramo de turismo. "Não vou parar de trabalhar. Meu marido não quer que eu fique em casa. Não é um muçulmano de cabeça fechada", diz. Ela não aderiu ao véu, mas optou por visuais comportados na terra do maridão. "Deixei também de fazer topless. Passei da idade." Na festa de casamento, há seis meses, na ilha grega de Mikonos, um truque contra os invejosos: "Costurei um olho grego no meu vestido e no terno dele. Ficaram intactos". ■

# OS ECOS DO ÓDIO

Não há dúvida de que esse sentimento sempre existiu, e existirá. Contudo, com o surgimento da internet, sua propagação se agigantou de uma forma e numa velocidade jamais vistas

**NÃO FOI A PRIMEIRA VEZ** — e com certeza não será a última. E é exatamente isso que incomoda, perturba, envergonha. Só na segunda semana deste início de ano vieram à tona os registros das queixas feitas por três artistas brasileiros na Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (DCRI), no Rio, em decorrência dos ataques que sofreram nas redes sociais: a funkeira Tati Quebra Barraco, a atriz Patricia Pillar e o ator Leonardo Vieira. No cerne dos impropérios desferidos contra eles estão alguns dos motores do acesso de intolerância que tomou conta da internet: racismo, ideologia política e homofobia. Tati foi à delegacia carioca na terça-feira 10 de janeiro para denunciar racismo e discurso de ódio pelas ofensas que lhe foram dirigidas após a morte do filho Yuri Lourenço da Silva, de 19 anos, em dezembro. O jovem morreu durante uma operação policial. Já Patricia Pillar está movendo um processo — que veio à tona também no dia 10 — contra internautas que a ofenderam por defender a ex-presidente Dilma. Com Leonardo Vieira ocorreu o seguinte: assim que o site Ego colocou no ar, em 30 de dezembro, fotos suas beijando outro homem numa festa, uma onda de ataques homofóbicos contra ele invadiu as redes sociais. Na segunda-feira 9, Vieira foi à polícia.

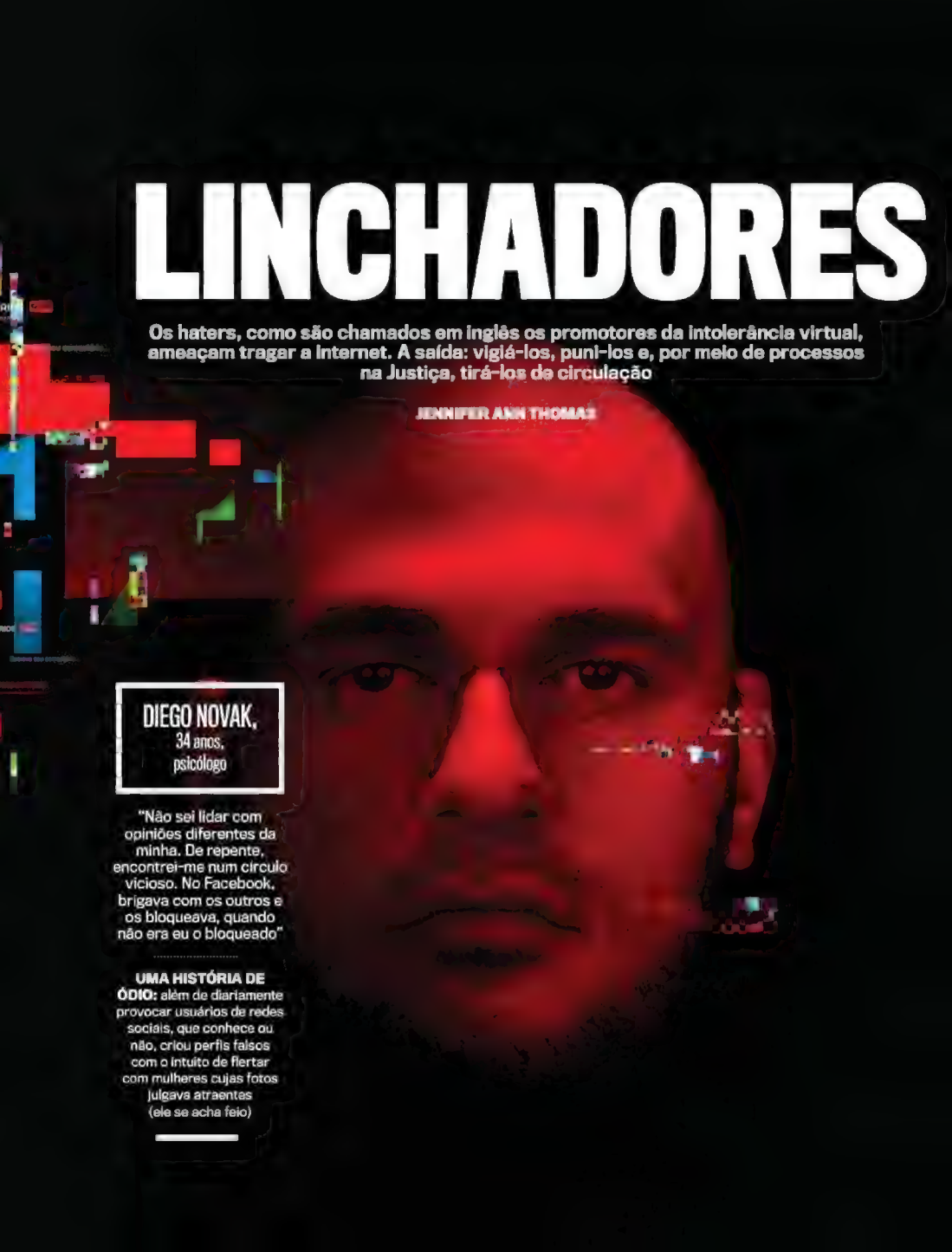
Pode-se argumentar que a explosão de ódio na web nada tem de especial: o sentimento, em si, sempre existiu, e existirá. De fato, parece haver algo de constitutivo, de essencial, no ódio. O filósofo Empédocles de Agrigento (c. 490-430 a.C.) acreditava que tudo no universo podia ser considerado como resultado de um movimento alternado de quatro princípios — fogo, água, terra e ar —, "ora misturados pelo Amor, ora separados pelo Ódio", conforme explica Aristóteles (384-322 a.C.) ao tratar das ideias do democrata siciliano. Segundo Friedrich Nietzsche (1844-1900), Empédocles estava convencido de que a finalidade de sua própria existência era "sanar os males causados pelo ódio", o que seria possível fundando "o reino exclusivo do amor fraternal".

A questão é que na internet "o indivíduo passa a não se importar mais com a existência do outro", diz Dulce Critelli, professora titular do departamento de filosofia da PUC-SP. E esse desprezo só se agiganta, em proporção e velocidade jamais vistas. Na reportagem a seguir, VEJA se debruça sobre esses tempos de aversão ao que não é espelho e irrefreável extremismo caracterizados pela barbárie do ódio virtual — que de virtual só tem mesmo o universo no qual se propaga.

# LINCHADORES

**Os haters, como são chamados em inglês os promotores da intolerância virtual, ameaçam tragar a Internet. A saída: vigiá-los, puni-los e, por meio de processos na Justiça, tirá-los de circulação**

JENNIFER ANN THOMAS



**DIEGO NOVAK,**
34 anos,
psicólogo

"Não sei lidar com opiniões diferentes da minha. De repente, encontrei-me num círculo vicioso. No Facebook, brigava com os outros e os bloqueava, quando não era eu o bloqueado"

**UMA HISTÓRIA DE ÓDIO:** além de diariamente provocar usuários de redes sociais, que conhece ou não, criou perfis falsos com o intuito de flertar com mulheres cujas fotos julgava atraentes (ele se acha feio)

# ON-LINE

**JOÃO PAULO GONÇALVES,** 32 anos, chef de cozinha

"Assumo que sinto satisfação quando um comentário maldoso meu sobre alguém repercute na internet. Sou vidrado nisso"

**UMA HISTÓRIA DE ÓDIO:** no Facebook, ele chegou a se passar por mulher para seduzir um homem casado. E fingiu ser outra pessoa para flertar com a mulher desse mesmo homem. Depois, revelou a traição virtual para ambas as vítimas

**OS DOIS HOMENS** de rosto tingido de vermelho que abrem esta reportagem poderiam se passar por personagens de ficção — mas não são. O psicólogo Diego Novak e o chef de cozinha João Paulo Gonçalves atravessaram uma temporada de recuperação numa clínica de tratamento para dependentes químicos no interior de São Paulo. No caso de ambos, a dependência era da internet, tratada como vício. Pior do que isso: Novak e Gonçalves se acostumaram a tirar prazer da prática de desferir comentários agressivos e provocações a partir de perfis on-line, com o próprio nome ou apelido. Nas redes sociais, viraram sinônimo de bestialidade. Na expressão em inglês, adotada universalmente, eles são definidos como haters. Em português, os que odeiam — tudo e todos. Denunciados por uns, aconselhados por outros, tiveram a inteligência de pedir ajuda de psicólogos para escapar da condição estúpida na qual viviam, debruçados em computadores e smartphones, com dedos nervosos a esgrimir bobagens raivosas.

A ficção tenta acompanhar a realidade que Diego Novak e João Paulo Gonçalves representam e alimentam. Os episódios da aclamada série de contos futuristas *Black Mirror,* por exemplo, em exibição pela Netflix, mostram como as novas tecnologias de comunicação podem transformar — e demolir — as regras do bom relacionamento em sociedade. Em "Odiados pela nação", o derradeiro capítulo da mais recente temporada, uma equipe de investigadores de Londres trabalha para desvendar o mistério por trás de assassinatos causados por drones em forma de abelhas — criados para substituir os insetos à beira da extinção em consequência do aquecimento global. Ao longo da trama, descobre-se que os alvos eram escolhidos por meio da marcação #DeathTo ("morte para", em inglês). Como numa eleição infor-

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM

© CHRISTIAN GAUL

**LEONARDO VIEIRA,**
48 anos,
ator

"Nunca escondi que sou gay. Agora, virou hábito expor alguém pelo simples prazer de 'ver o circo pegar fogo'. Esses ataques têm de ser punidos – podem motivar ações violentas no mundo real"

**UMA HISTÓRIA DE ÓDIO:** no último réveillon, fotos do ator beijando outro homem foram publicadas em um site de notícias. O fotógrafo realizou o registro quando Vieira estava em uma festa com amigos. Imediatamente, o ator se tornou alvo de ataques homofóbicos. Dias depois, registrou a ocorrência em uma delegacia

mal, o nome mais associado à hashtag era morto. A primeira vítima foi uma jornalista que publicou um artigo polêmico; a segunda, um rapper que criticou uma criança na televisão. No fim da história (alerta: spoiler na frase seguinte), os policiais descobrem que o objetivo real do assassino em série era alcançar todas as pessoas que haviam disseminado a etiqueta agressiva e, junto com ela, o sentimento de ódio. O que *Black Mirror* amplia, extraído do mundo real que nos cerca, lembra os "dois minutos de ódio" do clássico *1984*, romance do britânico George Orwell (1903-1950). Num ritual diário, habitantes dessa realidade distópica são estimulados a xingar, vilipendiar e odiar a imagem, projetada em telas, de Emmanuel Goldstein, o líder exilado da oposição ao governo totalitário do Grande Irmão. Na era da internet, somos todos potenciais Emmanuel Goldstein — e o ódio pode durar bem mais do que dois minutos.

Há tanta raiva on-line que não seria exagerado dizer que esse comportamento brutal ameaça sufocar a ágora democrática que foi erguida com a web e a popularização dos navegadores, nos anos 90. Soa preciso o que disse Umberto Eco (1932-2016), para quem as redes sociais hoje dão direito de palavra a uma "legião de imbecis" que antes falavam apenas "em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade". Não faltam indicações de que o ódio está disseminado no ambiente digital — qualquer um que tenha perfil no Facebook (no mundo já são mais de 1,8 bilhão) já notou isso. Nos Estados Unidos, revela um recente levantamento, sete em cada dez adultos relataram ter testemunhado agressões virtuais. Entre adolescentes americanos, nove em dez declararam ter experimentado cyberbullying; 34% deles diziam ter sido vítimas diretas do ódio, enquanto 15% (um índice possivelmente subestimado) admitiram ter agido como haters em algum momento.

No Brasil, uma pesquisa promovida pela agência de publicidade nova/sb, o dossiê "Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital", analisou entre abril e junho de 2016 quase 400 000 menções relacionadas a algum tipo de preconceito no Facebook, Twitter e Instagram. No ranking da intolerância, a liderança ficou com o racismo (97,6% das citações eram negativas); em seguida, muito de perto, a ideologia política (97,4%). Na sequência, classe social (94,8%), aparência física (94,2%) e homofobia (93,9%). Os brasileiros acompanham os movimentos globais. Entre 2006 e 2015, a SaferNet, uma ONG dedicada à defesa dos direitos humanos na internet, recebeu quase 4 milhões de denúncias anônimas envolvendo mais de 600 000 páginas eletrônicas, de 97 países — desse total, pouco mais de 200 000 foram excluídas.

**Soa preciso o que disse Umberto Eco (1932-2016), para quem as redes sociais dão direito de palavra a "uma legião de imbecis" que antes falavam apenas "em um bar e depois de uma taça de vinho"**

ASSISTA AO DEPOIMENTO DE UM HATER QUE ASSUME TER ESPALHADO DISCÓRDIA NAS REDES

Se o ódio faz parte do cardápio de sentimentos humanos, o que há de novo, agora, na caixa de ressonância que é a internet? É errado dizer que há mais ódio do que nunca, mesmo porque seria impossível medi-lo. Uma hipótese é que a humanidade atingiu um ponto da civilização que permite — aí, sim, de modo inédito — a livre expressão do ódio. Nunca nos comunicamos com tanta facilidade e, no entanto, parece nunca ter havido tanto sofrimento nessa comunicação. "Pessoas mal-intencionadas sempre existiram, a diferença com a internet é que a maldade é amplificada pela abrangência da rede e pelo escudo do anonimato", disse a VEJA a advogada americana Andrea Weckerle, fundadora da organização Civilination, dedicada a combater as agressões on-line. "Há os haters que usam nomes reais, e provavelmente são odiosos no cotidiano, mas a possibilidade de ter um perfil falso encoraja quem não diria absurdos a fazê-lo. E cria-se o efeito manada." Anonimato é um golpe baixo. De acordo com um estudo da consultoria inglesa YouGov, 77% dos usuários de redes sociais acreditam que o anonimato instiga a agressividade on-line.

As empresas donas das redes sociais, a exemplo do Facebook, do Twitter e do

© PAULO VITALE

Google (proprietário do YouTube), adotaram medidas contra a prática. Passaram a banir usuários e refinar algoritmos com o objetivo de detectar comportamentos hostis e exigir (mesmo que com pouca eficácia) o compartilhamento de dados reais dos usuários. Até agora, tem sido uma luta inglória. O psicólogo americano John Suler, da Universidade Rider, nos Estados Unidos, cunhou o termo "desinibição on-line". Para ele, a invisibilidade atrás de uma tela tem a força de mudar posturas — para o bem, sim, multiplicando generosidade e benemerência, mas, sobretudo, para o mal. Na cacofonia da internet, em que todo mundo fala ao mesmo tempo, faz-se ouvir quem grita mais alto — nesse caso, protegidos pelo anonimato, os "odiadores" fazem a festa.

Felizmente, aos poucos a vida dos valentões do computador tende a ficar complicada. O contra-ataque é complexo e depende de uma infinidade de variáveis. Mas a Justiça começa a falar alto também — embora engatinhe, dada a novidade de um tema recentíssimo, que ainda pede jurisprudência. Uma lei de 2012, apelidada de Carolina Dieckmann, pune quem invade computadores e smartphones atrás de nudes alheios. Ela leva o nome da atriz, que, naquele ano, teve 36 fotos íntimas espalhadas pela rede. Na esteira da lei Carolina, com o Marco Civil de 2014, foi possível tipificar outros crimes cibernéticos relacionados ao comportamento dos haters. Agora, as pessoas que se sentirem ofendidas por um deles pode registrar queixa (em, no máximo, cinco meses depois da agressão) e ter direito a indenizações que, nos casos de injúria e difamação, variam de 5 000 reais a 200 000 reais. "Quando a internet surgiu, as pessoas ainda receavam ser agressivas em público", diz o advogado e professor de direito digital do Insper, de São Paulo, Renato Opice Blum. "Atualmente, as decisões judiciais já levam em conta não só o autor de um crime como também quem o compartilhou".

**O psicólogo americano John Suler cunhou o termo "desinibição on-line". A invisibilidade atrás de uma tela tem a força de mudar posturas – para o bem, multiplicando generosidade, mas também para o mal**

O combate é árduo. Embora seja razoavelmente fácil tirar do ar imagens de nudez, por meio de notificação extrajudicial, ataques como os de racismo e homofobia pressupõem um processo devidamente instaurado no Poder Judiciário. O problema: os estragos são muito mais velozes do que a tramitação de processos. "Temos aí um retrocesso", diz o advogado Anderson Schreiber. "As notificações são sempre mais ágeis, e as empresas gestoras das redes teriam de se mexer, tirando os impropérios do ar com celeridade. Hoje, elas se escondem numa suposta defesa de liberdade de expressão dos usuários." Não há notícia de um cidadão preso por disseminar o ódio na internet.

A funkeira Tati Quebra Barraco e os atores Leonardo Vieira e Patricia Pillar, que há três semanas foram à Justiça pedir punição para quem os agrediu com comentários racistas, ataques homofóbicos e de intolerância por diferenças políticas, precisarão de muito tempo para vencer nos tribunais. A boa-nova é que a possibilidade de condenação, embora remota, tira do crime sua virtualidade — ele passa a ser concretíssimo. A internet é como oxigênio, está em todo lugar. Nesse sentido, falar em ódio na rede é como falar apenas em ódio, ponto.

As novíssimas gerações nasceram nesse ambiente e nunca conheceram outro modo de viver. Há pouco mais de dois anos, quando tinha 15 anos, a estudante L.P. protagonizou um caso delicado. Ela foi mentora de um grupo de cinco meninas que, intencionalmente, cometeu cyberbullying contra uma colega de turma, no Colégio Objetivo de São Bernardo do Campo, em São Paulo. As agressões criticavam o cabelo, a roupa e mesmo o caderno escolhido pela vítima, tudo com o objetivo de humilhá-la. "Os posts mais pesados com esse teor repercutiam no Facebook, no perfil de outros alunos. Fazíamos o que fazíamos só para chamar atenção", disse a VEJA. A história repercutiu junto a professores e pais



CHRISTIAN GAUL

**PRETA GIL,**
42 anos,
cantora

"Nunca tive problemas em lidar com a opinião alheia. Incomoda-me é quando se valem de identidades falsas para jogar pedra na janela dos outros. É nítido que se trata de uma doença social"

**UMA HISTÓRIA DE ÓDIO:** em julho de 2016, o Facebook dela foi invadido por pessoas que usaram a página, com 5 milhões de fãs, para publicar comentários racistas. Uma investigação policial identificou 130 agressores

**SOPHIA ABRAHÃO,**
25 anos,
cantora e atriz

"Ler alguém falando mal de você, do seu trabalho e da sua personalidade é desagradável, claro. Já revidei e me arrependo. Não se rebate ódio com ódio"

**UMA HISTÓRIA DE ÓDIO:** a mais recente se deu em abril do ano passado. Depois que Sophia postou uma foto com o cabelo cortado bem curto, usuários reagiram com mensagens homofóbicas, tratando-a como lésbica. Ela não é homossexual, mas se sentiu ofendida pelo tom dos ataques

de alunos e L.P. recorreu a uma psicóloga. Depois do acompanhamento clínico, percebeu o erro e se constrangeu — a ponto de mudar de colégio para dar fim ao problema. "De início, ela enxergava a situação como normal, apenas uma provocação inocente", diz a terapeuta Rachel Fischetti, que atende L.P. "Quando compreendeu que se tratava de uma agressão, optou por mudar seu comportamento e, hoje, prefere nem ter perfil em redes sociais, para se distanciar desse cotidiano hostil."

Relatos como esse começaram a despertar a sociedade para o problema. Em 2010, o universitário americano Tyler Clementi, de 18 anos, cometeu suicídio após descobrir que seu colega de quarto na faculdade havia transmitido, ao vivo, um encontro sexual que ele teve com outro garoto. A onda de reações homofóbicas no Twitter levou Clementi à depressão e, em seguida, à morte. Em resposta ao ocorrido, criaram-se leis federais nos Estados Unidos para tornar obrigatórias aulas contra o cyberbullying nas escolas. No Canadá, em 2012, Amanda Todd, de 15 anos, também pôs fim à vida depois de um hater ter vazado fotos dela nua. A carta de despedida de Amanda foi lida, por ela mesma, em um vídeo no YouTube, visto 200 milhões de vezes. A trágica história motivou alterações na legislação canadense que tornaram ilegal, desde 2015, o compartilhamento de imagens íntimas de outra pessoa pela web.

Segundo um estudo publicado em 2014 por pesquisadores de três universidades canadenses, os haters agem como agem por apresentar sinais (mesmo sutis) de psicopatia, maquiavelismo e sadismo. De acordo com a pesquisa, 5,6% de todos os usuários da internet se encaixam entre os odiadores. Parece pouco? Na rede, isso representa um exército de quase 200 milhões de pessoas. A consultoria inglesa YouGov aposta que a situação pode ser ainda mais grave. Se forem considerados os haters menos violentos — aqueles que espalham fofocas, xingam opositores políticos, mas não chegam ao extremo de clamar pela morte de alguém —, a porcentagem poderia chegar a 28% de todos os conectados. Lá nos primórdios da internet, a web apostava na bondade do homem para sua expansão. Deu ruim, como dizem os jovens. "No mundo eletrônico, muitas pessoas começaram a se sentir livres para espalhar veneno", resume a advogada americana Andrea Weckerle. Cabe aplicar ao que vemos na internet o raciocínio do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), que em 1847 escreveu, num tempo em que ainda nos correspondíamos por cartas: "Existe uma forma de inveja que tenho visto com frequência, na qual um indivíduo tenta obter algo por provocação. Se, por exemplo, entro em um local com muitas pessoas, acontece que um ou outro começa a rir de mim. Provavelmente, eles pensam que são ferramentas da opinião pública". Em seu comentário, Kierkegaard lembra que o comportamento hater sempre existiu — apenas ganhou força inédita com o poder de comunicação, sem edição, das redes sociais. O que motiva os praticantes do ódio é justamente o prazer de observar a repercussão de seus comentários e a sensação de que, por meio deles, formam opinião — seja num círculo restrito de amigos, como os que riam de Kierkegaard, seja numa rede social como o Facebook.

**No ranking da intolerância nas redes, a liderança ficou com o racismo (97,6% das citações eram negativas). Em seguida, vêm ideologia política (97,4%), classe social (94,8%), aparência física (94,2%) e homofobia (93,9%)**

MV

EM VÍDEO, FAMOSOS NARRAM COMENTÁRIOS ODIOSOS QUE RECEBERAM

A respeito dos haters convém sugerir o que recomendam os zoológicos em relação aos animais: não os alimente. Desprezá-los é muitas vezes o melhor caminho, embora seja conveniente revelar as histórias de agressões, à guisa de denúncia, como fazem as pessoas ouvidas ao longo desta reportagem. O ódio muitas vezes nasce antes de ser propalado on-line — como no caso das paixões polares despertadas pela guerra política que tomou conta do Brasil nos últimos anos. Noutras vezes, ele pode ir do circuito on-line para as ruas. Mais comumente, um modo alimenta o outro, em um implacável círculo vi-

© CHRISTIAN GAUL

cioso. Eduardo Cunha foi filmado sendo agredido no aeroporto e o flagra, imediatamente, foi postado no YouTube para se tornar viral na internet. A gravação da agressão de um grupo de bêbados contra Chico Buarque, no Rio, ao sair de um restaurante, deu-se com a mesma intenção, a da publicação no site de vídeos. Cunha conspirou para o impeachment de Dilma, Chico a defendeu. A cercá-los, de um lado, a política e, de outro, o ódio. Nos Estados Unidos também houve refregas desproporcionais entre os rivais democratas e republicanos. Em um comício do agora presidente Donald Trump, a estudante Lauren Batchelder, de 18 anos, levantou-se para dizer que não acreditava que o político seria "um amigo das mulheres". No Twitter, Trump respondeu que ela era "uma jovem arrogante" e que teria sido "infiltrada" no evento pela campanha de seus oponentes. A partir disso, haters apoiadores de Trump começaram a persegui-la nas redes sociais, bombardeando-a com agressões verbais e ameaças de sopapos. Já em outro episódio, dias antes da eleição presidencial, os fãs da maldade on-line inventaram a história de que o dono de uma pizzaria de Washington seria o coordenador de uma quadrilha de pedófilos que incluiria Hillary Clinton, a oponente de Trump na disputa. Muitos usuários de redes sociais acreditaram na história, e juraram de morte o empresário — um deles foi armado até o estabelecimento para ameaçá-lo (acabou preso).

A mentira, como se percebeu na eleição americana, é a antessala do ódio — uma não vive sem o outro, embora seja bom perceber as diferenças. É possível apenas mentir sem exalar raiva (alô, pós-verdade!), e, no entanto, a lorota tem poder destrutivo de potência semelhante. Uma pesquisa de 2016 da Universidade de Warwick, na Inglaterra, estudou como 330 rumores tomaram corpo no Twitter. Entre os resultados, o levantamento mostrou que somente depois de catorze horas as notícias falsas começaram a ser desmentidas, embora nenhum desmentido tenha o alcance das certezas absolutas iniciais. Além disso, 82% dos adolescentes não sabem distinguir uma notícia falsa de uma real, de acordo com um estudo da Universidade Stanford.

**Uma pesquisa feita a partir de publicações no Twitter mostrou que somente depois de catorze horas as notícias falsas começam a ser desmentidas. Pior: 82% dos adolescentes não sabem distinguir uma lorota do que é real**

No avesso da gênese democrática da web, a mentira e seu sucedâneo mais perigoso, o ódio, são discricionários. Cozinham desigualdade a fogo intenso. "Quando se perde o controle de situações de ódio on-line, uma pessoa pública costuma ter dinheiro e poder suficientes para contar com o auxílio de profissionais para lidar com a crise. Entretanto, para um sujeito comum, sem esses recursos, os comentários maldosos podem ter efeito irreversível na vida", diz o escritor gaúcho Michel Laub. Em seu mais recente romance, *O Tribunal da Quinta-Feira*, lançado em novembro, ele explorou como o vazamento de e-mails trocados entre dois amigos, um deles homossexual e HIV positivo, daria início a um linchamento virtual nas redes sociais. Narrou ele no livro, num resumo perfeito de como atuam, e quão destrutivos são, os vilões deste novo mundo conectado: "Os boçais homofóbicos já haviam se manifestado. A secretária e o auxiliar administrativo já tinham dado sua opinião. A esquadra feminista já tinha entrado no debate. De certo modo eu *(o protagonista da obra)* até esperava os comentários desejando que eu fosse castrado, estuprado e morto". Nas palavras do filósofo de origem polonesa Zygmunt Bauman, morto há um mês, as redes sociais permitem às pessoas se fecharem em "zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco da própria voz, onde a única coisa que veem é o reflexo da própria cara". Bauman lembra ainda que a internet oferece serviços "muito prazerosos, mas que são uma armadilha". A principal delas: o ódio. Encurralá-lo será a saída para tornar mais respirável o ar nas redes. ■



© CHRISTIAN GAUL

**LUCAS FEUERSCHÜTTE, O LUBA,**
26 anos,
youtuber

"Em 2014, falei sobre ser gay em um post no YouTube. Foi quando começaram a destilar o veneno contra mim. É fácil destratar o outro quando se está escondido atrás de uma tela"

**UMA HISTÓRIA DE ÓDIO:** no vídeo de 2014, intitulado "Meu filho é gay, e agora?", contaram-se mais de 2 000 reações negativas de usuários. Boa parte dos ataques misturava raiva gratuita com português ruim: "Esses gays vão tudo pro inferno"

**LUTO ABERTO**
Natalie, como Jackie (no centro), no funeral de JFK. "Que vejam o que fizeram"

# UMA COADJUVANTE NO CENTRO DO PALCO

Em *Jackie*, Natalie Portman e o diretor Pablo Larraín reconstituem a luta da protagonista para garantir um lugar na posteridade para seu marido, o presidente assassinado John Kennedy **ISABELA BOSCOV**

**NO CARRO** funerário da Marinha, com o caixão contendo o corpo do marido quase encostado nos seus joelhos, Jacqueline inquire o motorista e a enfermeira: eles sabem dizer quem foi James Garfield? Ou William McKinley? Os dois balançam a cabeça — não fazem ideia. "E Abraham Lincoln?", ela insiste. Aí, sim: ambos sabem muito bem quem foi o presidente que entrou numa guerra civil para abolir a escravatura. Jacqueline, pálida, com a maquiagem borrada pelas lágrimas, instiga o cunhado Bobby (Peter Sarsgaard), que a acompanha nesse trajeto trágico: a posteridade é tudo, diz ela. E, no exíguo tempo que resta até o encerramento dos ritos fúnebres, é preciso garantir que John Kennedy fique inscrito no futuro. Atordoada porém surpreendentemente lúcida naquele 22 de novembro de 1963, em que seu marido se tornara o quarto presidente americano assassinado no exercício do cargo (a tiros, assim como Lincoln, Garfield e McKinley), Jacqueline Bouvier Kennedy migra da margem para o centro em ***Jackie*** (Estados Unidos/Chile/França, 2016), que estreia nesta quinta-feira no país. Com cautela, para não abrir nenhuma rachadura na fachada de mulher-ornamento e esposa perfeita, mas com ferocidade praticada sob o abrigo do luto, a Jackie interpretada por Natalie Portman (muito justamente indicada ao Oscar) é a guardiã de uma chama que, ela acredita, pode inspirar por muito tempo ainda os rumos da nação — e também dar um sentido pessoal às suas tribulações como primeira-dama e, agora, como viúva.

A socialite de gostos sofisticados. A debutante de enunciação cultivada, mas com um quê de infantil. O ícone fashion que lançou mil febres da década de 60 em diante. A primeira-dama que deu forma de conto de fadas à família ocupante da Casa Branca. E também a figura em frenesi, subindo pelo capô do conversível enquanto o marido, alvejado, tomba morto no banco de trás; ou a mulher em choque, com o olhar vazio e o vestido cor-de-rosa manchado de sangue, que transmite a Presidência ao vice, Lyndon Johnson (John Carroll Lynch), ainda dentro do Air Force One. Tudo o que Jackie Kennedy (e depois Onassis) viria a simbolizar para o século XX confluiu naquele dia do mais rude despertar americano, o do assassinato de John Fitzgerald Kennedy durante uma carreata em Dallas, no Texas. O que teria pensado Jackie desde as 12h30, quando os tiros de fuzil atingiram JFK, até a tarde de 25 de novembro, quando, depois de uma procissão solene pelas ruas de Washington — por deliberação de Jackie, copiada do funeral de Lincoln —, ele foi enterrado no Cemitério de Arlington? Quais seriam o peso real e as repercussões concretas das decisões que ela tomou nesse intervalo, e que espécie de pessoa os que conviveram de perto com ela vieram a conhecer nesse momento crucial? Em *Jackie*, o roteirista Noah Oppenheim — que é editor-chefe do telejornal *Today*, da rede NBC — e o cineasta chileno Pablo Larraín fazem uma costura fascinante entre registro público e confidência íntima, e entre documento e especulação.

Larraín desde cedo se mostrou um diretor de deliberação marcante na condução de suas tramas, ao mesmo tempo que as prefere repletas de facetas que ora se complementam, ora se contradizem. Seus filmes sobre o Chile da ditadura Pinochet e sobre o período pós-Pinochet *(Tony Manero, Post Mortem, No* e *O Clube)* são um exemplo instigante de como abordar conjunturas ou fatos históricos por vias oblíquas, para então atingir em

## AS INDICAÇÕES

**Atriz:** Natalie Portman
Figurino
Trilha sonora

© DIVULGAÇÃO

**LONGO ADEUS** A Jackie real (com o cunhado Bobby): artífice de um mito

cheio uma tese central. Ostensivamente, *Jackie* teria mais em comum com *A Rainha*, de Stephen Frears, do que com esses trabalhos anteriores. Assim como o filme escrito por Peter Morgan (criador também da série *The Crown*), *Jackie* concentra-se em um punhado de dias decisivos na vida de uma nação e na trajetória de uma personalidade pública. O embate de Elizabeth II com a reação emotiva de seus súditos à morte da princesa Diana rendia um enunciado objetivo: a reinvenção de uma monarca guardiã da tradição para uma era em que a mídia reina absoluta. Em *Jackie*, porém, tudo é subjetivo, fugidio, intangível. A começar por sua protagonista.

Primeira-dama pioneira no cultivo da imagem, Jacqueline Kennedy foi e continua sendo uma esfinge. Dezenas de biografias, documentários, reportagens, programas de TV e aparições públicas pouco fizeram por iluminar a pessoa real sob tantas camadas simbólicas. E é assim que Larraín prefere sua Jackie: impalpável, variando de instante a instante entre uma mulher atônita, furiosa, determinada, renitente ou enlutada — mas sempre convencida de que aqueles dias em que a proximidade do poder lhe fugia com rapidez é que iriam constituir o coração da presidência do marido.

Nessa reconstituição impressionista, mas muito bem urdida, Jackie ao mesmo tempo desmorona e se fortalece. Uma atriz de si mesma, que dominava como nenhuma outra seu papel, ela se recusa a despir o célebre tailleur ao estilo Chanel com extensas manchas de sangue até estar de volta à Casa Branca; que todos vejam o que fizeram, diz. À medida que Jackie confidencia a um padre (John Hurt) sua ambivalência a respeito do marido, ou concede uma entrevista ao jornalista interpretado por Billy Crudup (baseado em Theodore H. White, que transformou a conversa em um artigo célebre para a revista *Life*), os fragmentos vão-se unindo. Mas que não se espere um retrato nítido. No medo de terminar na penúria — como a viúva de Lincoln — e na raiva de ter de ceder seu lugar na Casa Branca, Jackie é cruamente humana. Na concepção de um ritual para entronizar John Kennedy e cimentar um mito, ela é uma artífice perspicaz. E, como emblema da transição de um sonho para uma realidade, e para um novo tipo de poder feminino, ela é um prisma: dependendo da faceta pela qual se olhe, uma nova Jackie surge, em infinitas permutações. Dar coesão a tanta variedade é o feito do filme. ■

APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E ASSISTA AO TRAILER DE *JACKIE*



© AP

**ETERNAMENTE JUNTOS** Quaid e o cão Bailey, em sua última encarnação: nem a morte os separa

# PELOS AMIGOS, TUDO

*Quatro Vidas de um Cachorro* é o típico filme feito para ser adorável e comovente, mas um vídeo de bastidores o tornou alvo de uma campanha feroz por parte dos defensores dos animais **I.B.**

**DENNIS QUAID DIZ** que estava no set e sabe que nada de objetável aconteceu. A empresa que forneceu os animais garante que a conduta dos treinadores foi sempre ética, e afirma que as imagens foram editadas de forma maliciosa. Mas os grupos americanos de defesa dos direitos dos animais não se deixam aplacar: desde que o site TMZ divulgou um vídeo que mostra supostos maus-tratos a um pastor-alemão, os ativistas declararam guerra a ***Quatro Vidas de um Cachorro*** *(A Dog's Purpose,* Estados Unidos, 2017), já em cartaz no país. Convocaram boicote ao filme e falam em piquetes à porta dos cinemas. As redes sociais ferveram, e a première em Los Angeles teve de ser cancelada. Filmes de cachorrinho são feitos com o propósito de ser adoráveis e comoventes, e o diretor sueco Lasse Hallström já tinha no currículo um expoente do gênero — *Sempre ao Seu Lado*, de 2009, com Richard Gere e um akita de derreter corações. Antes mesmo de ser exibido, porém, *Quatro Vidas* alcançou o efeito oposto: ateou fogo a corações indignados e virou objeto de uma controvérsia global.

Até que se esclareça se o pastor Hercules foi mesmo forçado a entrar numa correnteza, não haverá como julgar o mérito da polêmica. Na tela, entretanto, o filme faz todos os truques que se espera dele: deita, rola e dá a patinha, cumprindo um a um os clichês enternecedores. Na história, o cão Bailey (que pensa com a voz algo monótona do ator Josh Gad) volta em sucessivas encarnações até descobrir qual o sentido da vida canina e, sobretudo, reunir-se ao dono com o qual tem uma ligação especial, interpretado em idades diversas por Bryce Gheisar, K.J. Apa e Dennis Quaid. Vez após outra, assim, a plateia é levada ao ápice emocional do gênero — a perda do companheiro amado. Espera-se apenas que nenhum cão tenha sofrido de verdade em prol de tanta lágrima. ■

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E ASSISTA AO VÍDEO POLÊMICO E AO TRAILER DO FILME

© DIVULGAÇÃO

# MISTURA FINA

Chris Pine e Jeff Bridges em um faroeste clássico na estrutura e contemporâneo na forma, realizado com viço notável. O resultado se resume em uma palavra: filmaço **ISABELA BOSCOV**

**ÀS VEZES,** há uma única palavra capaz de abranger as qualidades específicas de um filme: "filmaço". E é com propriedade que ela se aplica a ***A Qualquer Custo*** *(Hell or High Water,* Estados Unidos, 2016), que estreia nesta quinta-feira no país com indicações ao Oscar em quatro categorias, entre elas a de melhor filme. O faroeste contemporâneo do diretor David Mackenzie tem a propulsão narrativa, a voragem dramática, a exuberância estilística e os desempenhos marcantes que caracterizam essa experiência cinematográfica particular. O escocês Mackenzie, além disso, absorve a cultura e a geografia do Oeste do Texas, que vai da fronteiriça El Paso até Lubbock e Amarillo — terra de gado e de petróleo, de gente perdendo o rancho e de gente bombeando milhões da terra —, com o fascínio dos forasteiros: seu olhar tem um viço que contagia cada cena e interpretação.

Chris Pine e Ben Foster são dois irmãos de personalidades contrastantes unidos em torno de um plano: na feno-

**FALIDOS E UNIDOS** Pine *(à esq.)* e Ben Foster como os irmãos assaltantes de banco: a justiça peculiar dos *desperados*



© DIVULGAÇÃO

menal sequência de abertura, eles já estão em plena maratona de roubo a banco. De cada agência em cidadezinhas sonolentas pelas quais passam, levam uma ninharia. Só notas de valor baixo, nada que esteja no cofre ou possa ser rastreado. Querem chegar rapidamente a uma determinada quantia — e roubá-la toda da mesma instituição, o Texas Midland Bank. Toby (Pine), o irmão racional e taciturno, é o articulador do método. Tanner (Foster), o irmão explosivo, recém-saído da prisão, cuida da intimidação e, se houver uma deixa, da violência. Toby e Tanner são rancheiros pobres e ignorantes, mas não falta a eles inteligência — nem desespero. No seu encalço está outra figura típica do faroeste: o velho homem da lei numa última missão. Marcus Hamilton, o Texas Ranger saborosamente interpretado por Jeff Bridges, é um tipo ardiloso. Prefere pensar a correr, e intui que os dois rapazes não são meros alucinados. São, ao contrário, meticulosos, e têm um propósito muito definido quanto ao valor que desejam amealhar, ao prazo em que pretendem fazê-lo e ao recado que querem mandar com sua escolha do Texas Midland. É hora então de parar de perseguir, decide Marcus, e simplesmente montar a armadilha e esperar que os dois caiam nela. Antes tudo fosse tão simples.

David Mackenzie *(Sentidos do Amor, Encarcerado)* é um recrutador de elenco perspicaz. Em *A Qualquer Custo*, Chris Pine atinge a intensidade que tem de abrandar como o Capitão Kirk de *Star Trek*, e mistura a ela uma boa dose de amargura. Ben Foster, sempre apreciado pela volatilidade, aqui a refina por meio do senso de humor. E Jeff Bridges, buscando referências no seu xerife de *Bravura Indômita*, está magistral. Os diálogos com seu parceiro, o meio índio, meio mexicano e integralmente estoico Alberto (Gil Birmingham), são uma joia na escrita (a cargo do roteirista Taylor Sheridan, de *Sicario*) e na performance. Com suas incessantes tiradas racistas, Marcus ao mesmo tempo testa a intimidade da parceria e reafirma seu amor por Alberto. Ele ilustra ainda a mentalidade peculiar da porção Oeste do Texas — o culto ao individualismo e à independência de espírito, a crença na ordem pelas armas (e ainda mais no direito de portá-las) e a intrincada tessitura cultural de uma região tomada ao México e às tribos nativas, onde um grupo afirma sua preponderância e, no mesmo fôlego, incorpora esses valores múltiplos de maneira decidida, até desafiadora.

**MAGISTRAL** Bridges *(à dir.)*: o velho homem da lei em uma última missão

## AS INDICAÇÕES

**Melhor filme**
**Ator coadjuvante: Jeff Bridges**
**Roteiro original**
**Montagem**

Para os apreciadores do western na sua forma clássica, Mackenzie tem outro imenso prazer a proporcionar: a graciosidade com que ele cita, um a um, os elementos cardeais do gênero. Dos *desperados* que recorrem ao crime como retribuição para a injustiça às entradas pressagiosas nos vilarejos poeirentos, da boa mulher que reconhece o caráter no âmago do bandido aos grupos de justiceiros que se formam espontaneamente para perseguir os renegados, toda a forma tradicional do faroeste está recriada para o enredo contemporâneo de recessão econômica e ganância corporativa. Mas é, acima de tudo, a feição mitológica do western que sobressai no estrondoso confronto final, em que tiros voam para todos os lados e alguns deles acham o alvo, e no desfecho transbordante de admiração e ameaça mútuas entre dois dos personagens. Não há, enfim, como descrever de outra forma: é um filmaço. ■

# A HEROÍNA EMANCIPADA

**NA VIRADA** dos anos 70, a americana Mary Tyler Moore personificava um novo tipo feminino. Ela alcançara o sucesso profissional pelos próprios méritos: ao despontar como atriz, na década de 60, atraiu as atenções para si ao conferir graça ao papel de uma recatada dona de casa no seriado *The Dick van Dyke Show*. Na busca da felicidade no amor, não hesitou em se divorciar para casar-se pela segunda vez. Exemplificava, enfim, como as mulheres do mundo real estavam mudando. Na ficção televisiva, contudo, ainda não havia uma figura tão livre, leve e solta. Caberia a Mary Tyler Moore — que morreu na quarta-feira 25, aos 80 anos, em razão de uma pneumonia — quebrar essa barreira.

Na sitcom *The Mary Tyler Moore Show*, exibida entre 1970 e 1977, ela encarnou a primeira mulher emancipada da TV. "Eu estava perfeitamente feliz representando a mim mesma", dizia. Mary Richards, sua personagem e alter ego, aplainou o terreno para as heroínas feministas que mais tarde invadiriam a TV, como a Carrie Bradshaw de *Sex and the City*. Mary tornou-se um espelho para mulheres de várias gerações.

Quando o seriado foi criado, a rede CBS exigiu uma mudança na ideia original: em vez de divorciada, algo que era um tabu na TV aberta dos anos 70, Mary seria uma moça solteira recém-saída de um noivado. Ainda que suavizada por isso e pelo sorriso inquebrantável da atriz, a personagem se revelaria avançada. Mary morava sozinha e fazia do trabalho o centro de sua vida. Tinha namorados e usava anticoncepcionais.

Após o fim da sitcom, a atriz tentou fugir da sombra de sua personagem. Mostrou outra faceta como a mãe amargurada de *Gente como a Gente*, filme dirigido por Robert Redford em 1981 que lhe rendeu uma indicação ao Oscar. Mas sua presença se rarefez à medida que ela mergulhou em problemas pessoais, do alcoolismo à morte do único filho, Richie, que disparou uma arma contra si próprio (aparentemente, por acidente). Portadora de diabetes do tipo 1, Mary converteu-se em uma grande militante contra a doença que minaria sua saúde nos últimos anos. Foi uma heroína completa. ■

**Marcelo Marthe**

MV

APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E RELEMBRE CENA DO FAMOSO SERIADO

**"Não sou uma atriz capaz de criar um personagem. Eu interpreto a mim mesma"**

Mary Tyler Moore (1936-2017)

© BETTMANN/GETTY IMAGES

# DO XADREZ PARA A FAMA

Hit insólito do verão, o samba-reggae *Me Libera Nega* foi apresentado ao país no momento em que seu autor, o baiano MC Beijinho, era preso por furtar celulares **SÉRGIO MARTINS**

**O NOVO SUCESSO** da música baiana é um caso de polícia. Ítalo Gonçalves, de 19 anos, foi preso em novembro passado sob a acusação de furtar celulares de dois adolescentes na orla de Salvador. Quando um programa sensacionalista da TV tentou entrevistar Gonçalves algemado no camburão (e visivelmente alterado), sua reação foi certeira: ele passou a cantar *Me Libera Nega*, música de sua autoria feita em homenagem a uma paixonite. Desde então, a vida de MC Beijinho (o nome artístico vem da letra da canção, na qual esbanja lirismo: "Vou te dar um beijo e depois te dar mais um") nunca mais foi a mesma. *Me Libera Nega* ganhou mil homenagens, que vão do time de futebol do Vitória a Caetano Veloso. "Ele é o papai da música. Se cantou a minha é porque ela tem qualidade", diz Beijinho, mandando um beijinho simbólico para seu novo painho. O vídeo caseiro da canção caminha forte nas redes sociais: em apenas um mês, está na casa dos 2 milhões de visualizações. Depois de dois dias no xadrez, o MC saiu de lá como novo expoente do samba-reggae.

Há um quê de *Capitães de Areia*, obra de Jorge Amado (1912-2001) sobre jovens delinquentes de Salvador, na trajetória de MC Beijinho. Ele vivia de pequenos furtos e bicos. Depois de ser detido, foi internado numa instituição para dependentes químicos. Outro empurrão veio de uma controvérsia. A pretexto de ajudar Beijinho, o compositor Filipe Escandurras colocou novos versos e gravou *Me Libera Nega* como intérprete principal, com a participação do MC. Coautor do hit *Lepo Lepo*, Escandurras usou sua influência para divulgar a música e entoou *Me Libera Nega* ao lado de Luan Santana. Mas a família do MC fez uma nova gravação, com a voz e a letra original do cantor. "Eu agi com o coração", diz Escandurras. Alheio à disputa, MC Beijinho grava um EP sob a direção do maestro Alfredo Moura, pioneiro da axé music. E quer surfar na fama. "Estou malhando para ficar no filé, na carne-seca. MC Beijinho tem de ser desejado." O acaso lhe deu a chance de redenção — agora é ver o que o astro do camburão faz disso. ■

**SÓ NO FILÉ**
MC Beijinho: ele caiu nas graças até de Caetano Veloso

MV | APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E ASSISTA AO VÍDEO QUE TORNOU ÍTALO FAMOSO

© PEDRO ACCIOLY

# VEJA RECOMENDA

**CINEMA** *Paraíso*, do russo Konchalovsky: trama impactante sobre a II Guerra narrada em belíssimo preto e branco

## CINEMA

PARAÍSO

**(*Ray*, Rússia/Alemanha, 2016. Já em cartaz no país)**

Olga (a excelente Julia Vysotskaya), aristocrata russa e integrante da Resistência francesa, é presa, em 1942, por abrigar crianças judias. Seu caso vai para o policial Jules (Philippe Duquesne), colaborador da Gestapo e homem de apetites venais, que aceita proteger a prisioneira em troca de sexo. O destino, porém, interfere nesse arranjo, e Olga é enviada a um campo de concentração — onde reencontra o oficial alemão Helmut (Christian Clauss), que anos antes fora apaixonado por ela, e com quem Olga retoma uma relação de que necessita, mas que a repugna. Todos os três oferecem seu depoimento à câmera do russo Andrei Konchalovsky — e todas as três histórias serão reveladas, também, no magnífico preto e branco concebido pelo diretor e pelo cinegrafista Alexander Simonov, que enclausuram a ação e os personagens em uma "janela" de projeção fechada, e conferem uma beleza quieta a uma história terrível.

**CINEMA** Os Beatles em *Eight Days a Week*: história do grupo através das turnês

THE BEATLES: EIGHT DAYS A WEEK – THE TOURING YEARS

**(Estados Unidos, 2016; em exibição nos cinemas brasileiros de 2 a 5 de fevereiro; programação completa em www.beatlesnocinema.com.br)**

A história de John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr foi contada tantas vezes que é duro imaginar um filme sobre o quarteto inglês com novidades. Mas o documentário de Ron Howard (*Uma Mente Brilhante*) realiza essa proeza ao narrar a biografia dos Beatles por meio de suas turnês. *Eight Days* vai dos inferninhos de Hamburgo, na Alemanha, no início da banda, à melancólica despedida dos palcos em São Francisco, em 1966 (eles deram um basta nos shows depois de ser tirados do estádio em um caminhão usado para transportar carne). O filme capta a ascensão dos Beatles e como a megaexposição os empurrou para os estúdios de gravação, onde fariam seus melhores trabalhos.



© DIVULGAÇÃO

**LIVRO**

O FILHO DO CAPITÃO TROVÃO, **de Malcon Tenfen (Biruta; 40 páginas; 44 reais)**

Um super-herói planeja pendurar as chuteiras e anuncia estar atrás de um jovem valente para continuar sua luta contra o crime. O escolhido vai herdar seus famosos foguetes propulsores (que o fazem voar em alta velocidade) e também seus inimigos — entre eles, o temível Malévolo Zuninga. O menino Marcos tem certeza de que será o sucessor. E, por trás dessa convicção, guarda um segredo. Com duas leituras possíveis, é o primeiro livro infantil do autor, finalista do Prêmio Jabuti em 2015 por *Quissama, o Império dos Capoeiras*.

**DISCO**

COM ALMA, **da Banda Mantiqueira (Selo Sesc)**

Liderada pelo saxofonista e clarinetista Nailor Proveta, a Mantiqueira é a melhor big band do Brasil. Atributos não lhe faltam: ela é repleta de virtuoses em sua formação e o repertório de seus discos e concertos costuma ser impecável. Proveta faz da música da Mantiqueira um veículo de comunicação entre nações e estilos. *Com Alma* casa o choro de Pixinguinha com o trompete de Wynton Marsalis (autoridade do jazz mundial e autor do solo perfeito de *Segura Ele*). Traz um frevo em homenagem a Sonny Rollins, além de temas do maestro pernambucano Moacir Santos e do trompetista Dizzy Gillespie. ■

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA A TRAILERS. LEIA TRECHO DO LIVRO E OUÇA O DISCO

# OS MAIS VENDIDOS

## FICÇÃO

1. **O HOMEM MAIS INTELIGENTE DA HISTÓRIA** Augusto Cury [1] | 13] SEXTANTE
2. **QUATRO VIDAS DE UM CACHORRO** W. Bruce Cameron [2] 9] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **DOIS IRMÃOS** Milton Hatoum [8] | 2] COMPANHIA DAS LETRAS
4. **COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ** Jojo Moyes [3] | 50#] INTRÍNSECA
5. **DEPOIS DE VOCÊ** Jojo Moyes [5] | 49] INTRÍNSECA
6. **O VENDEDOR DE SONHOS** Augusto Cury [4] | 76#] ACADEMIA DE INTELIGÊNCIA
7. **CINQUENTA TONS MAIS ESCUROS** E.L. James [7] | 59#] INTRÍNSECA
8. **A GAROTA NO TREM** Paula Hawkins [6] | 49#] RECORD
9. **A GUERRA DOS TRONOS** George R.R. Martin [9] | 117#] LEYA BRASIL
10. **ESCÂNDALOS NA PRIMAVERA** Lisa Kleypas [0] | 1] ARQUEIRO

## NÃO FICÇÃO

1. **RITA LEE: UMA AUTOBIOGRAFIA** Rita Lee [1] | 10] GLOBO
2. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [4] | 129#] L&PM
3. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [6] | 131#] RECORD
4. **MENTES DEPRESSIVAS** Ana Beatriz Barbosa Silva [2] | 4#] PRINCIPIUM
5. **NOVOS CAMINHOS, NOVAS ESCOLHAS** Abilio Diniz [3] | 11] OBJETIVA
6. **HOMO DEUS** Yuval Noah Harari [7] | 8] COMPANHIA DAS LETRAS
7. **HUMANO DEMAIS** Rodrigo Alvarez [5] | 8] GLOBO
8. **O QUE TEM NA GELADEIRA?** Rita Lobo [8] | 18] SENAC SÃO PAULO
9. **LAVA JATO** Vladimir Netto [3] | 29] PRIMEIRA PESSOA
10. **FILOSOFIA PARA CORAJOSOS** Luiz Felipe Pondé [0] | 20#] PLANETA

## AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **TODO MUNDO TEM UM ANJO DA GUARDA** Pedro Siqueira [9] | 13] SEXTANTE
2. **PROPÓSITO** Sri Prem Baba [3] | 6#] SEXTANTE
3. **ANSIEDADE** Augusto Cury [4] | 155] SARAIVA
4. **NÃO SE ENROLA, NÃO** Isabela Freitas [2] | 10] INTRÍNSECA
5. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [6] | 60#] OBJETIVA
6. **O PODER DA AÇÃO** Paulo Vieira [5] | 58#] GENTE
7. **POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?** Mario Sergio Cortella [1] | 23] PLANETA
8. **O PODER DO AGORA** Eckhart Tolle [10] | 14#] SEXTANTE
9. **ANSIEDADE 2** Augusto Cury [7] | 27] BENVIRÁ
10. **VÁ EM FRENTE! NÃO DEIXA NADA PRA DEPOIS** Zibia Gasparetto [9] | 4] CENTRO DE ESTUDOS VIDA CONSCIÊNCIA

## INFANTOJUVENIL

1. **HARRY POTTER E A CRIANÇA AMALDIÇOADA** J.K. Rowling [1] | 1] ROCCO
2. **O DIÁRIO DE LARISSA MANOELA** Larissa Manoela [2] | 29] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **AUTHENTIC GAMES – A BATALHA DA TORRE** Authentic Games [4] | 18#] ASTRAL CULTURAL
4. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [5] | 133#] ROCCO
5. **A COROA** Kiera Cass [7] | 22#] SEGUINTE
6. **AUTHENTIC GAMES – VIVENDO UMA VIDA AUTÊNTICA** Authentic Games [8] | 39#] ASTRAL CULTURAL
7. **EU FICO LOKO 3** Christian Figueiredo de Caldas [0] | 1] NOVAS PÁGINAS
8. **JOÃO SENDO JOÃO** João Guilherme [5] | 10] OUTRO PLANETA
9. **O ORFANATO DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES** Ransom Riggs [3] | 41] LEYA BRASIL
10. **O LAR DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES** Ransom Riggs [10] | 5] INTRÍNSECA

Fontes: **Balneário Camboriú:** Livrarias Catarinenses; **Belém:** Leia; **Belo Horizonte:** Fnac, Leitura; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Livrarias Catarinenses; **Brasília:** Cultura, Fnac, Leitura, Nobel, Saraiva; **Campinas:** Cultura, Fnac, Leitura; **Campo Grande:** Leitura; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Caxias do Sul:** Saraiva; **Contagem:** Leitura; **Curitiba:** Fnac, Livrarias Curitiba, Saraiva; **Florianópolis:** Livrarias Catarinense, Saraiva; **Fortaleza:** Cultura, Leitura, Saraiva; **Goiânia:** Fnac, Leitura, Saraiva; **Governador Valadares:** Leitura; **Guarulhos:** Fnac; **Ipatinga:** Leitura; **João Pessoa:** Leitura, Saraiva; **Joinville:** Livrarias Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura; **Jundiaí:** Leitura; **Londrina:** Livrarias Curitiba; **Manaus:** Leitura; **Maringá:** Cesumar; Saraiva; **Natal:** Leitura; **Palmas:** Leitura; **Petrópolis:** Nobel; **Pinheiros:** Nobel; **Porto Alegre:** Cultura, Fnac, Saraiva; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Cultura, Livraria, Saraiva; **Ribeirão Preto:** Fnac, Paralelo; Saraiva; **Rio de Janeiro:** Argumento, Fnac, Saraiva, Travessa; **Salvador:** Leitura, Saraiva; **Santa Bárbara d'Oeste:** Nobel; **Santo André:** Saraiva; **Santos:** Saraiva; **São José do Rio Preto:** Leitura; **São Paulo:** Cultura, Fnac, Livraria da Vila, Livrarias Curitiba, Martins Fontes, Nobel, Saraiva; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Saraiva; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura; **Vila Velha:** Saraiva; **Vitória:** Leitura; **internet:** Cultura, Fnac, Leitura, Nobel, Saraiva, Submarino

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

J.R. GUZZO

# PARA QUEM QUER

**O BRASIL DE HOJE** é provavelmente um dos países do mundo que melhor convivem com o absurdo. Fomos desenvolvendo na vida pública brasileira, ao longo de anos e décadas, uma experiência sem igual em aceitar a aberração como uma realidade banal do dia a dia, tal como se aceita o passar das horas ou o movimento das marés — "No Brasil é assim mesmo", dizemos, e com isso as coisas mais fora de propósito se transformam em fatos perfeitamente lógicos. A morte do ministro Teori Zavascki, dias atrás, na queda de um turbo-hélice privado no litoral do Rio de Janeiro, foi a mais recente comprovação da atitude nacional de pouco-caso diante de comportamentos oficiais que não fazem nexo. É simples. O ministro Zavascki não podia estar naquele avião, porque o avião não era dele — estava viajando de favor, e um magistrado do Supremo Tribunal Federal não pode aceitar favores, de proprietários de aviões ou de qualquer outra pessoa. Nenhum juiz pode, seja ele do mais alto tribunal de Justiça do Brasil, seja de uma comarca perdida num fundão qualquer do interior.

Da morte de Teori Zavascki já se falou uma enormidade, e sabe lá Deus o que não se falou, ou talvez ainda se fale. Foram feitas indagações sobre o dono do avião, um empresário de São Paulo, seus negócios e suas questões junto ao Poder Judiciário. Foram apresentados detalhes sobre as suas relações pessoais, seus projetos empresariais e seu estilo de vida. Foram examinadas as circunstâncias em que se originou e evoluiu seu relacionamento com o ministro Zavascki. Não apareceu nada que pudesse sugerir qualquer decisão imprópria por parte do magistrado — ao contrário, sua conduta à frente dos processos da Operação Lava-Jato continua sendo descrita como impecável. Mas o problema, aqui, não é esse. O problema é que ninguém, entre os que tomam decisões ou influem nelas, estranhou o fato de que um dos homens mais importantes do sistema de Justiça brasileiro, nos trágicos instantes finais de sua vida, estivesse viajando de carona no avião de um homem de negócios que não era da sua família nem do seu círculo natural de amizades. Não se trata de saber se o empresário era bom ou ruim. Sua companhia não era adequada, apenas isso, para nenhum magistrado com causas a julgar.

## O ministro Teori Zavascki não podia estar naquele avião

A questão não se limita aos empresários. Não está certo para um juiz, da mesma maneira, frequentar ministros de Estado e altos funcionários do governo. Ele também não pode andar com sócios de grandes escritórios de advocacia — grandes ou de qualquer tamanho. Entram na lista, ainda, diretores de "relações governamentais" de empresas, dirigentes de órgãos que defendem interesses particulares e políticos de todos os partidos. Não dá para aceitar convites de viagem com "tudo pago", descontos no preço e qualquer coisa que possa ser descrita como um favor. Não é preciso fazer a lista completa — dá para entender perfeitamente do que se trata, a menos que não se queira entender. O ministro Zavascki não era, absolutamente, um caso diferente da maioria dos membros do STF e de uma grande parte, ninguém poderia dizer exatamente quantos, dos 17000 magistrados brasileiros de todas as instâncias. Seu comportamento era o padrão — com a diferença, inclusive, de ser mais discreto que muitos. Ninguém nunca viu nada de errado no que fazia — e ele, obviamente, também não.

Cobrança exagerada? Diante dos padrões de moralidade em vigor na vida pública nacional, é o caso, realmente, de fazer a pergunta. Mas não há exagero nenhum em nada do que foi dito acima. Ao contrário, essa é a postura que se observa em qualquer país bem-sucedido, democrático e decente do mundo. Na verdade, não passa na cabeça de ninguém, nesses países, levar uma vida social parecida à que levam no Brasil os ministros do STF e de outros tribunais superiores, desembargadores e juízes de todos os níveis e jurisdições. Muitos magistrados brasileiros também acham inaceitável essa confusão entre comportamento privado e função pública. Não falam para não incomodar colegas, mas não aprovam — e não agem assim. Têm a solução mais simples para o problema: só falam com empresários etc. no fórum, e nunca a portas fechadas. Para todos eles, "conversa particular" é algo que não existe. Nenhum deles vê nenhum problema em se comportar assim. Eles aceitam levar uma vida pessoal com limites; só admitem circular na própria família, com os amigos pessoais e entre os colegas. Fica mais difícil, sem dúvida, mas ninguém é obrigado a ser juiz, nem a misturar as coisas. Só quem quer. ■

PRATIQUE ORGANIQUE
Porque seres vivos são orgânicos
O ENERGÉTICO ACABOU DE EVOLUIR.
VÁ COM ELE!
ORGANIQUE
100% NATURAL BRAZILIAN ENERGY
ORGANIQUE
AÇAÍ, MATE, GUARANÁ
Mude para o primeiro e único energético 100% natural e orgânico
Sem conservantes, sódio, corantes, taurina e outras substâncias químicas
Ação energética prolongada e sem efeitos colaterais
Rico em antioxidantes e em vitaminas E, B e C
Reconhecimento de qualidade orgânica
Acesse assinegobox.com.br e receba seu energético, com desconto, em casa.
GO BOX

# VOLTA às AULAS!

Puket

## GANHE R$20,00

na Compra de
mochila + lancheira!